

- Julia Lopes de Almeida -

Jardim

Florido

(Jardinagem)



**UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
BOOKSTACKS**

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

To renew call Telephone Center, 333-8400

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

MAY 13 1957

MAY 17 1959

L161—O-1096

8000

/50

13 14
10 325
20

13250
250

13500

250 12
2 1675

3250

1675

4875

375

5250

15000

20250

Julia Lopes de Almeida



JARDIM FLORIDO

JARDINAGEM



Editora — a Livraria Leite Ribeiro

**Ruas Béthencourt da Silva, 15-17-19
e 13 de Maio, 74-76**

— RIO DE JANEIRO —

= 1922 =

582.13

Al 6 j

MIRACLE DES FLEURS

JARDINS CONTRE CABARETS

Les fleurs, par leur beauté, par leur parfum, par toutes les séductions qu'elles exercent, font des miracles.

M. Viger entretenait hier ses confrères de la Société nationale d'agriculture des travaux du congrès d'horticulture de Besançon qu'il vient de présider, et auquel étaient représentées vingt-quatre sociétés comprenant quinze mille adhérents.

Il leur disait qu'à ce congrès on s'était félicité de constater que les produits de l'horticulture représentaient annuellement un apport de douze cents millions de francs !

A ce propos, M. Gabriel Dufaure a fait remarquer que l'amour des fleurs s'étend de plus en plus dans les villages. Il demanda s'il ne conviendrait pas d'encourager encore ce goût, en donnant des primes aux villageois dont les maisons seraient le mieux fleuries.

Et M. Marcel Vacher, aussitôt, vint assurer que rien ne touche plus l'âme du paysan que la grâce d'une chaumière en fleurs. M. Marcel Vacher a eu l'idée jolie de parer de roses et de chèvrefeuilles, de capucines et de muguets les maisons de ses métayers. Il a récompensé ceux-ci chaque fois qu'il les a surpris donnant leurs soins à cette parure, c'est-à-dire très souvent. Enfin, il déclara par expérience qu'une des meilleurs façons de lutter contre la désertion des campagnes, c'est de rendre agréable et charmant, c'est de fleurir le logis des campagnards.

M. Viger reprenant la parole alla plus loin. Il produisit une statistique éloquent et précise prouvant que chez les ouvriers qui ont un jardin familial et qui s'en occupent l'alcoolisme a totalement disparu.

A son tour, M. Marcel Vacher cita, à l'appui des dires de M. Viger et des chiffres de sa statistique, l'exemple des jardins ouvriers de la Compagnie de Chatillon-Commeny.

Depuis que ses jardins existent, les cabarets de la région sont désertés par les ouvriers auxquels on a donné des fleurs ; ils ne sont plus fréquentés que par ceux qui n'ont pas encore de jardins. Et, entre ses ouvriers d'une même exploitation, selon qu'ils sont au cabaret ou qu'ils cultivent leur jardin, la différence de mentalité est frappante.

M. Tisserand a fait les mêmes constatations à Mulhouse, et on peut les faire partout où il y a des jardins ouvriers, partout où l'on fleurit les maisons des paysans.

(Le Figaro 27-11-13.)

Ch. D.

Laf. Rev. p. 100

Com esta obra completa a autora o tríptico que se propôz a si mesma escrever : sobre a vida e a cultura dos campos, no livro CORREIO DA ROÇA; sobre a cultura de pomares e sobre arborização, no livro A ARVORE, escrito de colaboração com Afonso Lopes de Almeida; e sobre a cultura de flores, neste de jardinagem, cuja revisão foi confiada á competência técnica do ilustrado artista e floricultor Snr. Vicente Del Bosco, a quem ficam por isso consignados aqui os seus mais vivos agradecimentos.

JARDIM FLORIDO

Jardins

*Des fleurs, des fleurs, des fleurs,
partout des fleurs !*

(La Faute de l'Abbé Mouret)

E. ZOLA.

Anacreonte cantou as rosas; Homero divinizou os jardins de Corfú, de heras verdes e fontes cristalinas; os vergeis floridos de Siracusa inspiraram ao poeta Theócrito os seus Idílios bucólicos; Vergílio, mestre do divino Dante, amava a sombra das árvores e o aroma das flores pequeninas; Plínio deixou maravilhosas descrições dos jardins romanos de Crasso, Lúculo e Pompeu, onde se acumulavam riquezas da Grécia, da Ásia, do Egito, e emergiam mármore e bronzes artísticos de entre maciços de plantas preciosas. Horácio cantou o luxo dos jardins de Adriano — Paraíso dos vivos — e fama igual tiveram os jardins de Epicuro em Atenas, onde o filósofo falava aos seus discípulos e os de Laís em Corinto, tão belos e admirados que ela os deixou em testamento á sua cidade natal. Semíramis, a formosa entre as formosas, rainha da Assíria e fundadora de Babilonia, fez dos seus jardins suspensos a sua maior glória. Construídos em seis terraços,

em fôrma piramidal, eles se comunicavam entre si por suaves rampas simétricas, margeadas por uma tríplice fila de colunas. De vez em quando um obelisco de pedra côr de rosa adoçava o verdor negro das árvores e dos arbustos até ao terraço superior onde, no meio de um imenso canteiro de flores rasteiras se erguia uma fonte sumptuosa em que tritões e golfinhos jorravam agua numa ampla bacia de mármore. A determinadas horas esses jorros atingiam a uma tão grande violência, que serviam para a rega dos sucessivos jardins que lhe ficavam aos pés. A água do rio Eufrates era levada até á altura dessa fonte admiravel, por meio de um maquinismo colossal.

Bacon, o grande escritor inglês, disse nas suas considerações sobre jardins, que, de todas as doçuras da vida humana, as mais puras são as suggeridas por eles. «E' mais agradável respirar-se o aroma das flôres, que se eleva no ar e ondula como a harmonia da música, do que mesmo colhe-las», escreveu ele, sem se lembrar de quanto o instinto da posse impele a mão da gente para tudo o que brilha, que seduz, e cuja obtenção não é considerada criminosa. O estilo dos jardins de Bacon é grandioso e de uma tal opulencia de flores, que, realizados, encheriam o mundo de aroma e de matizes.

Os Faraós, a julgar pelos frescos egípcios dos museus, adornavam os seus palácios com jardins rectangulares, orlados por palmeiras e árvores piramidais. Foi devida aos chineses, que tiveram sempre

o sentimento do pitoresco e da côr, a criação dos jardins apaísados, cuja imitação pela Inglaterra oriou o estilo tão conhecido do jardim-inglês. Embora o Celeste Imperio compuzesse os seus parques de luxo por essa forma, não desdenhava praticar também de vez em quando e em árias pequenas o sistema ainda hoje estimado no Japão, da arte minúscula, e ridícula, em que todas as cousas podem ser designadas por diminutivos: cascatinhas; pontezinhas; ribeirinhos; cabaninhas; canteirinhos e árvores anãs, para isso sacrificadas, desde o desabrolhar da semente, a um processo de cultura em vasos que lhes impede o crescimento.

Na India colorista e na Persia, davam aos jardins o nome de — Paraísos — e esses, como os do Egito eram todos feitos em taboleiros de fôrma rectangular e avenidas em linha recta.

Os jardins de Dehli e os do Grão-Mogol no vale de Cachemira, exalavam em certas estações tão inebriante aroma que chegavam a embriagar os pássaros; e, rivais da sua beleza, rivalidade aliás duvidosa, só os jardins mexicanos Tetzcuco e Tetzcotzincó, plantados em socacos no século XV, no flanco de uma montanha.

Em França, Jean Jacques Rousseau foi um grande defensor dos jardins agrestes. Sob o pretexto de copiar a natureza, chegava-se entretanto muitas vezes a resultados mais ridículos do que formosos. No meado do século XIX voltou a simpatia para a

unidade dos planos e exacta coordenação das diversas partes com o todo.

Na Italia, depois de enfastiados pela sangueira da guerra e das lutas das conquistas, os romanos começaram a interessar-se pelos jardins, e de tal modo que instalavam nos seus terraços, canteiros em que figuravam até árvores e lagos coalhados de ninféas.

Nas linhas desses jardins, feitas em harmonia com as linhas architectónicas da casa, prevalecia, muito frequentemente, a fôrma do acanto.

A Idade Média não deu apreço á flor. Até o século XII os jardins na Europa tinham pouca ou nenhuma importancia. Foi a Renascença que os prestigiou, dispondo-os em terraços e platós, com largas escadarias, enchendo-os de cascatas, aleas circulares ou oblíquas e obras de arte preciosas.

No fim do século XVI inventaram-se as bordaduras e guarnições de buxo, com que formavam torres, pirâmides, esféras e até animais de fôrmas as mais extravagantes ou decorativas. A tesoura de um jardineiro equivalia ao escôpro de um escultor. Havia parques em que se ostentavam figuras humanas talhadas em verdura e de cuja boca ou de cujos olhos esguichava a agua em fios delgados. No jardim das Tulherias em Paris appareceram então pela primeira vez, os gramados ostentando palavras, ornatos ou cifras, formadas com plantinhas de vários tons; e Olivier de Serres — (o inventor da estufa) elogia a arte ampla e original de Claude

Mollet, precursor do famoso Le Nôtre, no modo por que esse jardineiro do rei executava novos planos de jardins em Saint Germain.

Um dos maiores artistas que tem havido no mundo foi Le Nôtre, o genial architecto paisagista que traçou o plano dos parques de Versailles e de Chantilly, a Avenida dos Campos Elíseos e das mais belas perspectivas dessa terra de arte e de beleza, que é Paris. Desenhar um plano de jardim, dá tanta glória como fazer um quadro. E' indispensavel ter o instinto do belo, e a sciencia do desenho aliados ao gosto de um bom colorido, para se ser um excellentes paisagista. Ninguem desdenhe do officio.

Qual a origem do jardim apaísado, ou imitação do natural, se assim se pode dizer? Os livros, que a tropeções me guiam por este dédalo balsâmico de alêas e caramancheis, não o determinam positivamente. Insinua um que desde 1580 Tasso o tinha previsto, e que foi grande, para a sua adopção na Europa, a influencia dos artistas — Le Poussin, Ticiano, Claude Lorrain, Watteau, etc.

Desde os Jardins das Hespérides, guardados pelo Dragão fabuloso que Hercules matou, até aos jardins árabes de que ha deliciosas reminiscências em Espanha e em Portugal, e desde esses até aos nossos, desordenados e plantados pela mão do acaso, a flor vem cumprindo no mundo a sua missão sacratissima de maravilhar a vista e serenar o espirito do homem. Assim, na atormentada agitação da vida moderna um jardim não é só um motivo de arte e

de ostentação, mas também de apasiguamento e de elevação moral... e tanto que um dos maiores estadistas da Inglaterra, lord Grey, declarou na Câmara dos Pares, discutindo os lances da ultima guerra, que o seu melhor sonho era o de retirar-se da vida activa e queimar os seus discursos para com a cinza dessa fogueira adubar as suas roseiras. A homenagem era excessiva. Não é da cinza de ideias que arderam na chama viva da intelligencia que as doces flores precisam; quem precisaria delas para amenizar o tédio do seu espirito fatigado seria o grande político, como são todos os exgotados por um trabalho intellectual intenso. As flores e as arvores insinuam a reflexão e a paz. Os Plátanos das Escolas da Grécia foram tão cantados como os seus mármores. O poeta Delille, num poema em quatro cantos, ensina rimando, a maneira de escolher a boa terra para as sementeiras, e a organização das perspectivas, movimento de canteiros e boa escolha de flores. E assim, estou com altos espíritos ao entreter-me em falar de jardins!

A natureza não se engana nunca, disse Mæterlinck, esse fascinante interpretador da alma das cousas, de quem já se disse: parece que ele molha a pena na propria tinta das flores para tão bem descrever-lhes a graça e a poesia. A misteriosa eloquência dos perfumes, as claridades brilhantes ou aveludadas das pétalas, o jogo de pistilos e estames, o polvilhamento loiro do polen, o desabrochamento das corolas, a elaboração do nectar, que é inútil

á flor e que ela produz só para o fim de atrair a mensageira do amor, abelha, borboleta ou mariposa, que levarão o seu beijo de amante ao amante longinquo invisível e imóvel, — todo o desenvolvimento desse drama vivo, fremente de paixão, e de poesia, se nos mostra através da sua prosa oristalina como uma das maiores belezas do universo. (1)

E dizer-se que esse espectáculo maravilhoso está ao alcance de quem o queira vêr e que ha tão poucos que lhe sintam toda a ebriedade...

Foi o gosto pela arborisação e pela jardinagem que tornou principalmente Madrid, que já ha tempo possuia oitocentas e onze mil seiscentas e quarenta e oito árvores, em uma das capitais mais encantadoras da Europa. Cecílio Rodriguez, chefe dos serviços de jardinagem e de arborisação dessa capital, que aliás não é grande, é hoje considerado como um dos melhores artistas espanhois e um dos maiores bemfeitores da população madrilena, que no Buen Retiro, o lindissimo parque e em tantos outros belos jardins, aspira o ar purificado pelas ramagens do arvoredado benéfico e enche os olhos com a beleza dos impecaveis maciços de flores.

Propagandista entusiasta da arborisação e da cultura das plantas em geral, este jardineiro que tem trabalhado pelo progresso da sua terra mais do que muitos politicos de renome, escreveu as seguintes linhas, que destaco de um artigo d'*El Liberal* — de Madrid, e que vem provar á autora deste traba-

(1) *L'Intelligence des Fleurs*.

lho, que o esforço por ela e pelo seu colaborador Afonso Lopes de Almeida feito em prol da mesma ideia no seu livro escolar — «A Árvore» — não obedeceu a uma ideia illusória... As palavras de Cecílio Rodriguez:

«Hace muchos años que gestiono sin resultado, pero sin desalentar, que en las escuelas, a los niños, juntamente con las primeras nociones de religion y moral, al mismo tiempo que las primeras letras y los primeros rasgos caligráficos se les incline a querer al árbol, dándole a leer unas cartillas en que se lea: El arbol és el mejor amigo del hombre y le presta su utilidad. El árbol purifica el ambiente, atrae las lluvias; le protege contra los ardores solares y luego, quando llega a pleno desarrollo le regala sus ramos que convertidos en madera, tienen tantas aplicaciones...».

Com o pecado de um tal desamor não descerei á sepultura. Nunca morei em casa onde não tivesse deixado pelo menos uma arvore e na minha vida de escritora tem sido incessante a propaganda que, da maneira que posso, tenho feito sobre o cultivo das plantas. Este pendor explica ainda este livro, como explicou a iniciativa que fez com que no ano de 1902 eu pensasse em organizar uma exposição de flores (que teria sido a primeira exposição de flores organizada no Rio de Janeiro), em beneficio de uma associação de caridade pela qual vivamente me interessava.

Na historia das exposições esta tem entre nós

uma triste memória. Pedida a licença, imediatamente concedida pelo Prefeito de então, de fazermos no Parque da Republica um Pavilhão para as flores, começámos a angariar, e só Deus sabe com que sacrificios, todos os materiais requisitados para a sua construção. Deram-nos madeira, tijolos, telhas, bambús, cimento, (para um lago), gesso, para uma estatua de Buda empunhando uma folha de Lotus; tintas, vernizes, panos para sanefas e revestimento de prateleiras; montagem e lampadas elétricas alem de condução gratuita para todas as cousas e ainda a cooperação de pintores e escultores. Aproximava-se o dia da inauguração, espalharam-se os convites; chegaram plantas de Friburgo, S. Paulo e Petrópolis. No próprio recinto da exposição haveria em cada dia conferencias sobre árvores, flores, jardins, o perfume e a fabricação das essencias, o valor das plantas medicinais e de destilaria, bem como lições, dadas por coleccionadores competentes, sobre a cultura das orquídeas, das roseiras, dos crisântemos e das plantas em vaso. Alem disso, um concurso por moças para a confecção de ramos, costas e grinaldas, que seria premiado com um objecto de arte, e, no dia final, leilão das plantas, apregoadas por poetas. Julgámos ter pensado em tudo que estimulasse o gosto e prestigiasse a flor; mas o que nunca nos poderia ter passado pela cabeça, foi o que exactamente succedeu: nas vésperas da inauguração o Pavilhão desabou.

Desde então, no espaço de dezoito anos que me-

diaram entre essa tentativa malograda e a hora em que escrevo estas linhas, por coincidência também em o mês de Outubro, quantas exposições de flores se fizeram no Rio de Janeiro? Duas.

Só duas. A primeira, ainda pelo influxo da sinistrada e em benefício da mesma associação (1); a segunda, seis anos depois, na Praia Vermelha, feita pela Sociedade Nacional de Agricultura, no seu Pavilhão na grande Exposição de 1908. Parece-me pouco para uma capital de tantos recursos e de tantos jardins como é o Rio de Janeiro. Seria porque o exemplo da primeira tentativa foi desanimador? Não. A razão desta falta é que nós temos a ilusão de gostarmos de flores, mas a ilusão apenas. Cultivá-las com muito capricho e expô-las para a sua propaganda, é trabalhoso e caro. Quem as cultiva para a exploração do commercio não tem necessidade nem tempo para essas exhibições, cujo resultado é menos prático do que educativo. No Brasil, é o culto Estado do Rio Grande do Sul, o unico que até hoje tem estabelecido o habito de organizar exposições de flores anualmente, desenvolvendo com isso o gosto da sua população pelas plantas e pela arte dos jardins. A primeira exposição de flores, no seculo XIX, foi feita em 1809, em Gand, então cidade francesa. Ela comportava apenas quarenta e seis plantas. Hoje os horticultores apresentam para mais de vinte mil flores nas exposições periódicas da França. Não de-

(1) Associação das Crianças Brasileiras para a fundação de uma crèche.

sanimemos. Dia virá, e até parece que já lhe sinto o perfume, em que as nossas roseiras mereçam também a mesma homenagem. Entretanto é semear, é plantar, e esperar sorrindo os prodígios da Natureza.

O MILAGRE DAS FLORES

Isto não é um compendio de jardinagem científica, é apenas um estímulo para a prática da jardinagem fácil, daquela que quasi toda a gente pode fazer e não faz porque não se lembra disso. Não se dirige aos grandes cultivadores, que sabem tudo e mais alguma cousa, mas aos inexperientes de boa vontade e sobretudo á mulher, que no Brasil ainda não parece suficientemente interessada pela cultura dos seus campos, dos seus pomares e dos seus jardins. Não é uma obra original propriamente, mas de compilação, adaptação e observação própria. Não se attribui autoridade que não tem e contenta-se com o goso de servir de intermediária em assunto que lhe parece de real proveito. Na Europa, e na America do Norte, onde o commercio das flores atinge proporções espantosas e ha verdadeiro fanatismo pelos jardins, succedem-se no mercado dos livros brochuras e mais brochuras sobre o modo de as cultivar e de os fazer, e para todas elas ha leitores e, consequentemente, editores. Entre nós ainda é muito resumido o número dos que se entreteem com este género de literatura.

Acham-na talvez inutil, ou porque mais ou menos todos entendem francês, e nessa lingua encontram uma infinidade de obras especiais na materia, ou porque, fiadas na uberdade do nosso solo, não julgam necessário aplicar ás plantas certo regimen educativo. São duas razões sem razão. Nem tudo que os livros europeus aconselham pode ser usado com vantagem em um país de outro continente e outro clima, onde a mesma planta tem já um modo de ser diferente e são também diversas as épocas de semear, transplantar, enxertar e podar.

Nós já devemos estar um pouco desiludidos daquella fé sem discussão na natureza do Brasil a que confiavamos preguiçosamente todo o vigor das nossas plantações. De facto, ella é espantosa, mas talvez menos fecunda na produção das cousas que nos interessam do que naquellas que nos prejudicam. Com muito maior facilidade do que as plantas úteis nascem as daninhas, e os insectos que devoram ou pragas que molestam, preferem sempre atacar as cultivadas, como acepipe mais fino, deixando em paz as espontâneas. Esta verificação impõe a necessidade de um estudo que é cada vez mais interessante, visto que a flor não é só considerada hoje como objecto de enlevo ou de luxo, mas também como uma auxiliar da sciencia, na acção curativa dos manicómios e como um benéfico elemento de redenção social, pela fixação do homem no lar, redenção enfim, cuja importancia está manifesta nas palavras que servem de epigrafe a estas páginas.

Como ao leitor elas podem ter passado despercebidas, não se perderá tempo em explical-as.

Em 27 de Novembro de 1913, publicou o jornal francês *Le Figaro*, uma notícia bem expressiva sobre a crescente utilidade das flores, notícia a que deu o título eloquente de: *Jardins contra tavernas*. Descrevia ela o sucedido num congresso de Agricultura realizado em Bensaçon. Verificara esse congresso que os productos da floricultura atingiam anualmente em França á muito digna e respeitavel soma de duzentos e vinte milhões de francos. Um dos congressistas, Snr. G. Dufaure, notou que o amor das flores tomava cada vez maiores proporções na sua terra e perguntou se não se deveria ainda estimulá-lo, com a concessão de prémios a todos os habitantes de vilas e de aldeias cujas casas se distinguissem pelo bom trato dos seus jardins.

Outro congressista, Snr. Marçal Vacher, assegurou que nada comove tão agradavelmente como a graça de uma choupana florida. Ele tivera a ideia de paramentar de madresilvas, rosas e campainhas de Maio as casinhas dos seus operários e recompensava-os pelo bom modo por que os via tratar dessas plantas. Declarou, por experiência própria, que um dos melhores meios para lutar contra a deserção do campo é o de tornar atraente a morada do aldeão com o auxilio da flor. (O nosso campo nesse sentido é de uma melancolia atroz).

Outro congressista, o Snr. Viger, foi mais longe: fez uma estatística provando que nos operários que

tem jardim e que se ocupam com ele o alcoolismo desapareceu completamente. Em apoio dessa teoria outros congressistas citaram como exemplo moralizador os jardins da Companhia de Chantillon-Commentry. Desde que eles existem, as tavernas da região começaram a ficar abandonadas pelos operários que tem jardim, continuando só a frequentá-las os que o não tem. Entre esses indivíduos da mesma classe, devida apenas á jardinagem, é enorme a diferença da mentalidade; o cultivador de flores tem a intelligencia clara, ágil, maleavel, enquanto que o frequentador do botequim a tem turva, pesadona e mal disposta. Fizeram-se iguaes observações em Mulhouse, Port Sun-light, etc., e em toda a parte foi sempre observado o milagre da flor. Estas experiencias fizeram escrever a Teodoro Roosevelt as palavras que servem de epígrafe a um opúsculo de George Benoit Levy sobre o mesmo assunto: — *J'ai confiance en l'avenir des Cités-Jardins.*

A Europa e a America do Norte propugnam a construção dessas Cidades-Jardins — que fixam o homem ao lar, como um meio de saneamento moral e de combate ao alcoolismo e nós não estaremos talvez muito longe de pensar em estabelecê-las também entre nós, como um traço de união entre a cidade mórbida e o campo cada vez mais ameaçado de solidão...

Como se depreende destas simples palavras, a flor é considerada pelos modernos sociólogos como um instrumento de moralisação e de progresso, e os

múltiplos benefícios que ela presta, quer aos psiquiátras quer aos industriais, veem ajuntar ao seu prestígio de fascinação e de beleza, uma outra glória, até aqui ignorada...

Talvez não tarde também muito o dia em que a invoquem como instrumento de campanha contra a Tuberculose. As horas de ar livre que a sua cultura impõe não justificariam essa invocação?

JARDINAGEM

A jardinagem é, segundo a frase de um floricultor francês, — a arte de domesticar a planta. A frase é justa, porque, como os animais as plantas tem o seu modo de ser, por vezes rebelde. O carinho dispensado a uma nem sempre convém á outra. Ha mesmo arbustos que para prosperarem tem de ser sujeitos ao regimen duro de uma sova que lhes estimule a circulação da seiva ou aplaque a irritação das fibras nervosas. Transplante-se, por exemplo, uma flor silvestre dos nossos campos selvagens para a fresca doçura de um dos nossos jardins mais bem tratados e ver-se ha que ella não desabrocha, e quando o faça, fa-lo de um modo tão mesquinho, que antes o não fizesse. E os prados dos sertões brasileiros estão cheios de plantas admiráveis que os nossos floricultores ainda não conseguiram domesticar, porque nos falta ainda muito para que a jardinagem chegue entre nós ao gráu de per-

feição que nos permita fazer com sucesso certas experiências.

Alem das orquídeas, ainda tão pouco e mal cultivadas pelos nossos floricultores, amadores ou não, pois são raros os que lhes dedicam o seu tempo e o seu cuidado, ha ainda inúmeras flores originaes e bonitas, que nascem e morrem na solidão quando poderiam tambem enriquecer e embelezar as collecções dos jardins. Ha, enfim, um imenso trabalho ainda a fazer-se nesse sentido, e ele seria realizado com relativa facilidade se cada um dos nossos Estados se obrigasse a cultivar, em um dos jardins publicos das suas respectivas capitais, as plantas ornamentais ou floríferas da sua região e enviasse um exemplar de cada uma delas ao Horto Botânico do Rio de Janeiro.

PLANOS

Perguntando alguem um dia ao escritor francês Alphonse Karr, que estilo deveria escolher para o seu jardim, respondeu-lhe o literato, que era ao mesmo tempo um grande jardineiro:

— Aquele que estiver de acôrdo com a sua residência.

Como em França a architectura é uma cousa tomada a sério e respeitada como uma das artes

mais nobres e sugestivas, não é difícil de se estabelecer harmonia entre um prédio e a paisagem que o rodeie. No Brasil porem essa preocupação seria pueril. Como exigir pureza absoluta na forma dos canteiros, quando somos tão condescendentes com a dos próprios frontispícios das casas em que moramos? Um plano de jardim delineado a rigor traria a desvantagem de fazer resaltar as irregularidades architectónicas do edificio que esse jardim só deve prestigiar. Assim, a tendencia moderna da anarquia nos permitirá irreverências e liberdades, de que entretanto devemos usar com discreção...

Como as dimensões e o traçado de um jardim estejam subordinadas a várias circunstâncias, de estética, de configuração de terreno, ou das principais culturas para que o destina o seu proprietário, bom será que este, se quizer fazer obra de luxo, consulte um paisagista competente antes de traçar o seu jardim. E' tempo de comprehendemos que um jardim é uma expressão de poesia e de arte em que o desenho e o colorido se devem harmonizar como num quadro. De acordo assim com as dimensões do terreno, sua configuração, sua expressão, adoptará o seu proprietário o estilo conveniente. Ou o inglês, composto de grandes relvados com agrupamentos de plantas de longe em longe e aléas formando belas perspectivas; ou francês, que acomoda maior número de plantas; ou hispano-arabe, se fôr em rampa, de terraços e canteiros em socalco, que

absorvem as aguas da chuva e dão á encosta um aspecto ridente.

Aconselha o professor Gressant que, com a preocupação da vista de conjuncto, deve o paisagista prestar a maior atenção no prestigiar o aspecto da propriedade tornando-a, segundo o estilo, ou mais aparatosa ou mais agradável.

Condena por isso o sistema de murozinhos ou grades com que certos proprietários dividem no seu terreno o jardim da horta, a horta do pomar, etc., quando mais bello seria alongar por todo ele aléas em que a vista se estendesse, e a gente pudesse circular livremente. A casa de residencia terá, na sua opinião, de ser o ponto central do parque ou do jardim, devendo tudo convergir para ella. Mesmo que seja construida em uma das extremidades ou num ângulo do terreno, a casa precisa sentir-se num posto de vigilância e de comodidade. Quando ella é estreita e funda, bom será dissimular os muros laterais com árvores espalmadas ou trepadeiras que lhes disfarcem a aridez da cal; se fôr mais larga do que funda, será prudente alonga-la artificialmente plantando aos lados maciços espessos e organizando no fundo grupos mais delgados de plantas.

E se nós aproveitássemos a occasião para fazermos aqui uma guerrasinha ás cascatinhas com bonecas de massa e troncos de madeira fingidos, com que ainda muita gente bôa manda guarnecer os seus jardins?

A chácara brasileira, a umbrosa chácara colonial dos nossos avós e que tão rapidamente vai desaparecendo nos arredores do Rio, realizou um tipo muito simpático do jardim mixto. Ordinariamente, ela se dividia em quatro partes: o jardim, o quintal, a horta e o pomar, sem haver verdadeira independência entre umas e outras divisões, como aconselha Gressant.

Mas este livro não é escrito para os grandes proprietários nem para lamentar tradições desaparecidas. O seu fito é propagar o amor da jardinagem a todos os que possam dispôr de um simples quintalejo, ou apenas de uma janela onde bata o sol... Onde não haja espaço para outra cousa, ha para um vaso de barro em que floresça uma begónia ou um craveiro e isso, quando não houvesse outra vantagem, seria um pretexto para uns minutos diários de distracção. Quando o pedaço de terra de que se possa dispôr seja pequeno, procure-se ter nele o mais que fôr possível, sem que umas cousas prejudiquem as outras. Para isso podem-se plantar as árvores de fruto junto aos muros, onde se lhes espalmem os galhos, para que a sua sombra não prejudique as roseiras, e cultivarem-se as violetas em guarnições de canteiros, o que, se não constitui uma bordadura brilhante, dá ao menos lindas flores, sem roubar espaço.

AS ESTAÇÕES

No Brasil:

Verão — de 21 de Dezembro a 21 de Março.

Outono — de 21 de Março a 21 de Junho.

Inverno — de 21 de Junho a 21 de Setembro.

Primavera—de 21 de Setembro a 21 de Dezembro.

Como ha muita gente que se guia pelos livros europeus no tratamento dos seus jardins, convem saber-se quais os meses que no nosso hemisfério correspondem aos meses do hemisfério europeu, em relação ás suas condições atmosféricas.

Brasil:

Europa :

Janeiro. . .	corresponde a . .	Julho
Fevereiro. .	» . .	Agosto
Março . . .	» . .	Setembro
Abril	» . .	Outubro
Maio	» . .	Novembro
Junho. . . .	» . .	Dezembro
Julho	» . .	Janeiro
Agosto . . .	» . .	Fevereiro
Setembro . .	» . .	Março
Outubro. . .	» . .	Abril
Novembro. .	» . .	Maio
Dezembro . .	» . .	Junho

SURRIBAÇÃO

Para cultivar a terra é mister primeiro surri-ba-la para a tornar acessível ao ar, ao calor, ao escoamento das aguas e ao bem estar das raizes. A preparação do terreno tem uma importancia capital no futuro do jardim. Não ha necessidade de ultrapassar a profundidade de uns oitenta centímetros nas escavações da surribação; muitas vezes mesmo é necessario parar-se antes, isto é, logo que a enxada chegue á ultima camada de terra vegetal, que é a susceptivel de aperfeiçoamento. De outro modo arrisca-se o jardineiro a incorporar no solo elementos não só inuteis como nocivos ás plantas. Para surribar bem um terreno é preciso cava-lo em valas sucessivas, que se hão de encher á proporção com terras bem caldeadas pelos sucessivos movimentos da operação, tendo-se ao mesmo tempo o cuidado de retirar do solo, pedras, raizes dos vegetais mortos, tubérculos de cipós eervas daninhas. Se o terreno fôr muito argiloso e gredoso será util encher o fundo das valas com alguns seixos, sarças ou galhos de cedros, pinheiros ou espinheiros, afim de constituir uma drenagem que facilite o escoamento das águas.

Se a terra fôr dura e pobre, será bom incorporar-lhe uma certa quantidade de humus; se, ao contrario disso, fôr muito leve, haverá vantagem em misturar-lhe uma forte proporção de boa terra de campo. Onde se tiver de plantar uma árvore desti-

nada a ter grande desenvolvimento, deve-se fazer um grande buraco, pelo menos de um metro cúbico, e enchê-lo com uma mistura de terra de todas as espécies. Esse buraco deverá ser tanto ou menos profundo quanto esteja preparado para uma árvore de raízes superficiais, ou perpendiculares.

No momento de surribar o solo será útil ter em vista não só a preparação dos canteiros como a de todo o terreno, tirando das aléas já delineadas, a terra que fôr necessaria para o caldeamento das outras, e pondo no seu lugar materiais de demolição ou escórias de ferro ou seixos. Isso lhes dará maior solidez e lhes assegurará menor humidade após as chuvas.

A época mais favorável para a surribação no Brasil é o outono.

DIVERSAS ESPECIES DE TERRAS

(Nota fornecida pela casa de Floricultura Del Basco Oterwohlt & C. do Rio de Janeiro)

«1.º — Barro ou argila vermelha, que é terra forte e compacta, revolvida e bem adubada é a melhor terra para vegetais de raízes fortes e que devam permanecer por alguns anos no mesmo local. Deve-se-lhe revolver a superfície quatro ou cinco vezes por ano. E' própria principalmente para as camélias, rosas, azaleas, cravos, hortensias, crisântemos, lírios, dalias e todos os arbustos.

2.^o — Terra preta, muito leve ; — serve para plantas anuais. Mistura-se com adubo animal, preferentemente de estábulo.

3.^o — Terra vegetal ; — só é boa quando adubada e misturada com outras terras — barro, areia ou terra preta.

4.^o — Terra preta dos jardins, muito cultivada durante anos, não serve para nada. Será preciso revolve-la até á profundidade de um metro ou mais, quando tiver de ser cultivada, passando para cima a camada inferior ».

Análise da terra : — Seja qual fôr a natureza física do solo é preciso, para que forneça produtos bons e em abundancia, que seja suficientemente provido de azoto, ácido fosfórico, potassa, cal e magnésia.

Só por uma análise cuidadosa poderemos conhecer com exactidão as qualidades da terra onde se quer fazer um jardim. Por essa razão, quando se premedita semelhante empresa ou quando a vegetação de um terreno já cultivado não seja satisfatória, é util mandar-se fazer essa análise por quem possa fornecer as indicações necessárias.

A confiança que nos inspira a nossa natureza faz-nos geralmente dispensar estes cuidados.

Raros serão os proprietarios, mesmo dos grandes jardins de luxo, que tenham tido tão util providencia.

Preparação da terra: — Os melhores meses para isso são os de Março e de Abril. Nessa quadra a terra assimila melhor os elementos fertilizantes dos adubos, que não devem ser empregados sem discernimento mas sempre enterrados a uns vinte ou trinta centímetros abaixo do solo. Os adubos não são empregados unicamente para remediar os inconvenientes físicos da terra, mas também para reconstituir a reserva de alimentos úteis esgotados todos os anos na produção.

As propriedades físicas das terras, influem poderosamente sobre a produção. — São elas:

Peso específico — Relação que existe entre o peso de um volume de terra e o peso de um igual volume de agua.

Tenacidade — Resistencia que a terra opõe á separação das suas partes constitutivas.

Adesão — Força que liga a terra aos instrumentos agrícolas.

Permeabilidade — Propriedade que o terreno tem de deixar a água infiltrar-se através das suas camadas.

Embebição — Propriedade que possui a terra de reter a água que passa através das suas camadas, mediante a permeabilidade.

Capilaridade — Propriedade das terras, por meio da qual a água sóbe das camadas inferiores até a superfície.

Contractilidade — Propriedade que possui a argila de se contrair reduzindo o seu volume pelo efeito do calor.

Dessecação — Propriedade que possuem as terras de abandonar a água que tinham absorvido.

Higroscopicidade — Propriedade em virtude da qual as terras absorvem o vapor aquoso contido na atmosfera.

Absorção das matérias orgânicas e salinas — Propriedade das terras, por meio da qual elas tiram as matérias em suspensão nos líquidos que atravessam as suas camadas.

Absorção dos gases — Por esta propriedade os terrenos absorvem do ar atmosférico a amônia e o oxigênio nele contido.

Absorção do calor — Propriedade que possuem as terras de absorver e deter o calor.

(Do Programa da Escola Agronômica do Paraná).

TERRA PARA VASOS

A terra para os vasos e jardineiras deve comp-
participar de diferentes misturas de terras e de adu-
bos. Cascas velhas de árvores, carvão vegetal, ti-
jolo moído, pó do forno, sem falar de outras sub-
stancias tais como gorduras, picuman ou fuligem ou
adubos, orgânicos ou químicos. Essas diversas ma-
terias e a sua quantidade serão sempre aplicadas
conforme as exigencias de cada planta.

A terra simples e o estrume em partes iguais
convem ás plantas robustas.

Para as plantas delicadas a terra vegetal, ras-
pada de debaixo das arvores.

Para as plantas gordas, que temem a humidade
estagnada, convem a areia e o pó de tijolo.

Não se devem fazer essas combinações senão
quando as terras estejam nem muito humidas nem
muito secas e pouco tempo antes do seu emprego.

ENVASAMENTO E

REENVASAMENTO

O envasamento consiste na operação do plantio
em vaso; o reenvasamento na da transferência de
uma planta de um vaso para outro vaso maior, ou
para o mesmo vaso, desde que se lhe tenha mudado
a terra e limpadó as suas raízes. Ha plantas cujo
raízame fórma um tecido tão espesso, que em pouco
tempo absorvem toda a nutrição da terra, e tomam

todo o espaço do vaso com o emaranhamento desse mesmo tecido. Se lhes não mudarem a terra ou não as transplantarem para um recipiente maior, elas acabarão depressa, vítimas, da sua própria avidez.

Na operação do envasamento, o primeiro cuidado é escolher o tamanho do vaso, correspondente ás necessidades da planta; o segundo é o de drenar o fundo desse mesmo vaso com alguns cacos de loiça de barro, para que a água da rega possa escoar-se nele com facilidade. Feito isto, deita-se no vaso até meia altura uma camada de terra bem preparada, acomoda-se nela a planta, ageitando-lhe as raízes sobre as quais vai-se pondo mais terra e comprimindo-a delicadamente até nivela-la toda na superfície, que deverá ser conservada uns dois centímetros abaixo da borda do vaso, para que a água das regas caia sem transbordar nem sujar-lhe as paredes exteriores.

Se se trata de um reenvasamento, toma-se o vaso antigo, depois de ter preparado um novo, emborca-se aquele batendo-se-lhe as bordas sobre qualquer saliência até vêr sair dele a planta com o seu torrão intacto. Faz-se em seguida a sua toalete; tiram-se lhe todos os pelos, palhiços, raízes mortas, excrecências prejudiciais ou inúteis. Com o auxílio de uma pequena espátula, destaca-se então um pouco da terra velha conservando apenas o torrão central aderente á planta, que, assim preparada, entra na sua nova habitação. Faz-se escorregar ao redor dela terra fresca, especialmente preparada para

vasos, aconchegando-a bem á planta e calcando-a sem esforço.

Terminada a operação, rega-se a planta com abundância d'água. Por prudência ella permanecerá alguns dias abrigada do vento e do sol forte.

A época apropriada ao envasamento é subordinada, naturalmente, ao modo de vegetação de cada planta. E' bom respeitarmos, entretanto, os seus períodos de repouso. De resto, quando não se faça mais do que meter qualquer planta em um vaso maior, sem reduzir o seu torrão, pode-se envasar sem perigo em qualquer estação. Evite-se mesmo plantar a primeira vez em lugar definitivo. O melhor processo para a beleza e o desenvolvimento de uma planta é o de seus successivos reenvasamentos.

Nessa espécie de cultura ha casos contraditórios, para os quaes só a muita prática pode encontrar remédio e solução, como a de se perceber quando uma planta enfraquecida deva mudar de terra, não para um vaso maior do que aquelle em que esteja plantada, mas, ao contrário, para um mais pequeno. A quantidade, como a qualidade da terra é imposta como uma dieta, que irá sendo quebrada em progressivos reenvasamentos, á proporção que a planta fôr adquirindo a sua saúde e primitiva formosura.

COMO SE CONHECE SE A PLANTA TEM SEDE

Para se verificar se a planta está sequiosa, bate-se com os dedos no vaso em que ela estiver plantada. Se o som da pancada fôr surdo, é sinal de que a terra está húmida; se, ao invés disso, o som fôr claro, é prova de que está seca. As plantas em vaso não devem ser regadas tão freqüentemente como as outras, mas, quando o sejam, deverão sê-lo em toda a sua profundidade.

A POEIRA

A poeira é um dos piores inimigos das plantas envasadas e aquele talvez que mais as desespera. Não é só por bom gosto que elas apreciam o asseio mas por absoluta necessidade da sua vida orgânica, porque, respirando pelas folhas precisam de as ter sempre bem limpas. O pó amordaça-as. No tempo frio, as que são cultivadas dentro de casa gostam de ser regadas com água quebrada da frieira. Os pratos em que os seus vasos estejam colocados estarão sempre enxutos porque a água parada não só prejudica a saúde das plantas como facilita a criação dos mosquitos, prejudiciais á saúde do homem.

DRENAGEM

Quando o solo de um jardim não fôr permeavel, será necessário drena-lo.

O melhor meio de drenar um terreno consiste em abrir-se regos paralelos, com a profundidade de uns sessenta centímetros e a distancia um dos outros de quinze a dezeseis metros. Colocam-se nesses regos canos de barro que levam a agua para o ponto mais baixo do terreno. Alí, sobre a grelha do esgoto, pode-se pôr uma rêde fina de arame, como a das peneiras. Desse modo as enxurradas das grandes chuvas não levarão o humus da terra, que pode ser aproveitado no alimento das plantas.

Seria excusado dizer que os canos devem ser cobertos com terra, de modo a se não perceber depois a depressão dos regos.

CULTURA

Cultivar não é só plantar, é observar, é conseguir pelo cuidado inteligente e assíduo tudo quanto se imagina poder-se obter de tais ou tais plantas em tais ou tais circunstâncias. Elas não são ingratas, e recompensam sempre em beleza os carinhos vigilantes que se lhes tenham dispensado. Para cultivar flores a primor é mister estar-se de posse de todos os processos da jardinagem; saber-se aproveitar a ocasião oportuna para as sementeiras, transplanta-

ções e enxertias; saber-se qual a exposição de luz conveniente a cada planta e enfim, quais os seus hábitos, afim de lhós satisfazer e assegurar um êxito completo na sua formação. Quais os elementos principais para uma bôa cultura? Pensemos em primeiro lugar no mais indispensavel:

O SOLO

Ainda a terra. E' no solo que os vegetais mergulham as raizes para dele sugarem a força e a vida. Por isso a terra não deve ser bôa só na superficie; a do sub-solo tem imensa influencia na vegetação. Um jardineiro que tenha a ventura de dispor de terras francas, profundas e sãs, pode com pouco esforço apresentar flores bellissimas; os que as não tenham favoraveis, terão de as corrigir, modificando-lhes a natureza, conforme a sua necessidade.

A's terras fortes e compactas convirá adicionar areia, varreduras dos caminhos, cinzas, caliça, etc.; ás terras leves se ajuntarão de preferênciâ terras gordas ou argilosas. Quando o sub-solo é humido, é indispensavel drenal-o bem, para que as raizes mais profundas não toquem na agua estagnada. Todo o solo, sobretudo o de natureza compacta, deve ser revolvido profundamente, ao menos uma vez por ano, na entrada do inverno. Não ha melhor desinfectador do que o sol.

ADUBOS

Pour l'intensification immédiate de la production agricole, l'engrais sous toutes ses formes.

G. CLEMENCEAU

Muito antes da nossa era cristã, já os pastores e os camponezes procuravam engordar a terra dos seus pastos e dos seus vergeis, applicando-lhe o adubo de curral e de ervas apodrecidas ou reduzidas a cinzas; e já essas tradições lhes tinham sido transmittidas de épocas anteriores por outros pastores e por Varrão (1), amigo de Cicero, num tratado de Agricultura, em que demonstrou um completo conhecimento sobre o valor químico e o valor relativo dos adubos. Já nessas páginas se aconselhava a utilização do carvão, do sebo, das cinzas, do humus das plantas leguminosas e forrageiras cortadas e enterradas até á decomposição, que servem para estimular e activar o desenvolvimento das plantas novas, etc. Ainda se podem ler agora, com proveito, dissertações de Columela (2), sobre o emprego do adubo nos prados e nos jardins. Plínio, quasi contemporâneo de Columela, indica a conveniência de um repouso da terra no intervalo das culturas a que a sujeitemos, como um dos meios mais propícios a assegurar-lhe a ferti-

(1) Varrão—Poeta e polígrafo latino — um dos sábios mais extraordinarios do seu tempo. (116-27 A. J. C.)

(2) Columela, escritor latino do século I.

lidade. As *Geoponiques*, escritas no ano 1.000 em Constantinopla, traduzidas para o francês em 1543 por H. Pierre, repetem o que já haviam escrito os agrónomos romanos sobre a vantagem de se tonificar as terras lavradas. No século XII, os árabes — esses mestres em tantas cousas de arte e de sciencia, — reeditaram pela pena de Ibn-el Awam, a tradição de Columela e de Plínio, ajuntando-lhes conhecimentos novos, tais como o da adubagem em pó, espalhado na superfície do solo. Os antigos conheciam a prática não só dos adubos citados, como também da cal, da cinza, dos ossos, e do lixo. Só agora, (diz o escritor francês que me vai guiando por vários destes períodos) graças á química agrícola se pode aquilatar com exactidão a teoria dos adubos e do seu emprego judicioso, não só quanto aos estrumes orgânicos como aos químicos, quer separados quer em mistura. O numero deles cresce diariamente, e a esses novos conhecimentos se relacionam os progressos da horticultura moderna. Foi nos laboratórios de química, que no meado do século XIX nasceram esses produtos auxiliares das lavouras, devido á sciencia dos Saussure, Berthelot e outros.

E' de teoria corrente que nada se deve perder numa casa onde haja plantas. Os próprios ossos da sopa servem para auxiliar a produção das flores ou das hortaliças. Recorra-se para isso á seguinte receita, que vem num livro de floricultura moderno: «Os ossos contem cerca de metade do seu peso em

fosfato de cal com uma pequena porção de nitrogénio, que varia segundo a duração da sua permanência ao ar livre. Devem-se queimar os ossos e guardar suas cinzas em qualquer recipiente de barro vidrado. Diluem-se estas em ácido sulfúrico, uma terça parte do peso das cinzas, em quantidade igual á agua pura, revolvendo-se tudo com um páu, de vez em quando, durante alguns dias. Esta pasta limosa pode-se tornar friavel pela adição de cinzas de pau, serradura ou outra qualquer substancia que não contenha cal. O osso moído é especialmente valioso nas grandes plantações de tomates, bananas, pepinos, ervilhas, melões, uvas, nabos, etc.».

Assim como os ossos, podem-se aproveitar as varreduras dos jardins, gramaes cortadas, folhas secas, pó de café, trapos, papeis, arcos de barril, como toda a ferragem velha, cascas de frutas, retalhos de couro, algodão e lã. O carvão tem a vantagem de aligeirar a terra; quando posto em contacto com o esterco de curral absorve-lhe a amónia e facilita a sua conversão em ácidos, que melhor actuam como adubo. Se só por si não constitui alimento, é precioso auxiliar como composição.

Ha, como todo mundo sabe, duas espécies de adubos, os orgânicos, que são resíduos de vegetais e de animais, e os compostos por diferentes minerais: carbonatos, nitratos, salitres, etc., que constituem os adubos inorgânicos ou químicos. O emprego destes exige certa cautela, e só podem ser distribuidos por pessoas cuidadosas e pra-

ticas. Mau grado a sua utilidade, eles são considerados ainda por muita gente como complementares, por não fazerem humus.

O estrume de curral, bem decomposto, é ainda aconselhado por certos floricultores como excelente. Nas cidades ele tem o grave inconveniente de atrair as moscas, o que o torna perigoso. O de cavalo convem sobretudo ás terras pesadas, enquanto que as da vaca e do porco encompam as leves. Em todo o caso qualquer deles pode ser empregado sem receio em qualquer circunstância, podendo servir também os de carneiros, cabras, coelhos, galinhas, (muito bom para as avencas), pombos, etc..

Um livro editado por Vilmorin aconselha como um dos melhores adubos para pomar, por ser de decomposição lenta, os resíduos das fábricas de flanelas, cobertores e lãs em geral. Além de fortificar a planta este adubo, melhor do que nenhum outro previne a moléstia e a praga branca que ataca tão freqüentemente as árvores frutíferas. Nenhum adubo porem parece destinado a representar um papel tão preponderante na agricultura moderna como o manganéz. (1)

Contra todas as tradições e teorias acumuladas em tantos séculos de trabalhos e de experiência, levanta-se agora a voz de um escritor francês, o professor Zolla, que numa obra de grande expansão afir-

(1) Ver o livro—*Rôle du Manganèse en Agriculture*, de Dimitrie A. Olari.

ma que a terra jamais precisou nem precisa de quaisquer composições, porque sabe tirar de si própria, da agua das chuvas, da atmosfera, de todos os fenómenos da natureza, enfim, as substâncias que porventura lhe faltem. Para isso será apenas necessário revirar a terra, trazer as camadas mais profundas á superfície para areja-las e aquece-las ao sol, ao mesmo tempo que se limpe o subsolo de raízes podres que o entoxicam e esgotam. A terra não envelhece. Basta que o sol a beije para que o seu corpo fecundo produza admiravelmente.

Em um livro de culturas nos países tropicais, escrito para o uso da India, li, que nesse país se fazem todos os anos em certa estação grandes covas junto ás árvores de fruta para lhes expôr durante certo tempo as raízes ao sol. E só com isso obteem os pomaristas excelentes e belos frutos.

As mangueiras, fortificadas por esse processo dão frutos superiores aos das outras mangueiras, por mais limpas e adubadas que estas sejam. Havia um velho preconceito na India que ensinava dever embeber-se, antes de o plantar, um caroço de manga em mel, passando-se depois a rega-lo diariamente com leite, até ao seu pleno desabrochamento. Deveria ser um regalo para as formigas!

Não menos curiosa que a teoria do professor Zolla, é a do professor H. Coultant, mestre de arboricultura em Paris e de quem falou do seguinte modo o correspondente de um jornal brasileiro:

« Segundo o professor Coutant, não se deve fertilizar, em se tratando de sementes ou grãos, o terreno em que vai ser feita uma plantação. Essa fertilização deve ser feita no próprio grão, que assim será metido na terra com uma reserva certa dos alimentos de que necessita.

O metodo é o seguinte: deve-se dissolver nitrato de potassa, na proporção de 18 gramas para cada litro de agua, e mergulhar os grãos ou sementes durante o tempo necessário para que eles se acumulem no fundo do recipiente, o que varia entre 12 e 36 horas. Em seguida, deve-se escolher os grãos que tenham atingido a um desenvolvimento mais perfeito, deixando-os secar ao ar.

Desta fórma, os grãos terão em si mesmo os elementos fertilisantes de que necessitam para um desenvolvimento completo.

E' preciso, porém, cerca-los de meios que possam evitar as doenças que atacam as sementes.

Segue-se, então, o método seguinte: os grãos são regados com um líquido composto de uma fécula qualquer, na proporção de 35 gramas para meio litro de agua, misturado com quatro gramas de sulfato de cobre dissolvido em outro meio litro de água.

Essas duas substâncias devem ser fervidas em separado e reunidas depois de frias.

Feita essa reunião, bem misturada, devem ser adicionadas cinco gramas de cal viva. Os grãos, bem remexidos, devem ser regados com esse preparado

duas ou tres vezes em um dia, e no dia seguinte podem ser plantados.

Como se vê, o processo é simples e muito mais economico do que o até agora seguido, que é o da fertilização do sólo. Mesmo sem o adubo, a fertilização pelo simples remexer profundo, preconizado pelo professor Zolla — dá muito trabalho, precisando de muito tempo, máquinas e homens.

O método do professor Coutant realiza, portanto, o ideal em materia de agricultura, e o seu autor garante o successo, porquanto fez várias experiências, sempre com magnifico resultado».

E' provavel que apareçam ainda novos processos de apressar e aperfeiçoar na terra o desenvolvimento dos vegetais e de torna-los melhores; forças da natureza, já conhecidas, como a electricidade, outras ainda ignoradas, poderão ser invocadas com proveito pelos cultivadores de campo e de jardins; mas enquanto não chegarem esses dias, resignemo-nos modestamente a ir seguindo, não digo só a rotina dos tempos bíblicos, mas as experiências já comprovadas da sciencia moderna.

E já temos muito com que nos entreter.

ADUBAÇÃO DAS FLORES

(De um Boletim do Ministerio de Agricultura)

«O melhor meio de se adubar um jardim é aplicar-se o estrume de curral de 2 em 2, ou de 4 em 4 anos, afim de melhorar a porosidade e a qualidade fisica do terreno, devendo ele ser espalhado em doses de 3 a 6 kilos por cada metro quadrado nos canteiros, enterrando-se no sólo em seguida.

A essa dose de estrume de curral, deve-se adicionar a seguinte quantidade de adubos artificiaes:

20—30 gramas de sulfato de potássio

15—20 gramas de superfosfato

15—20 gramas de sulfato de amoníaco; podendo-se tambem, em lugar dessa quantidade, aplicar-se a seguinte mistura:

20—30 gramas de sulfato de potássio

25—30 gramas de escórias de Tomaz

10—20 gramas de salitre do Chile.

No caso de não haver estrume de curral á disposição, devem ser elevadas ambas as dosagens acima mencionadas, dando-se 30 a 40 gramas para cada metro quadrado».

ADUBO VEGETAL

Quando se reformam hortas e jardins, em vez de se deitar fóra as plantas velhas como as couves, cenouras, feijão, nabiça, etc., melhor será en-

terra-los imediatamente, sem esperar que sequem ao sol ou apodreçam em qualquer canto húmido provocando o mau cheiro e os mosquitos.

As plantas enterradas, principalmente as leguminosas, fertilizam o solo.

Pó das folhas: Juntem-se todas as folhas caídas das árvores em uma cova e regue-se essa cova de tempos a tempos. No fim de um ano, ou pouco mais essas folhas estarão reduzidas a pó e servirão, principalmente como material para o envasamento das plantas de estufa ou de interior.

Gramas e capins torrados: torre-se a fogo forte, em um recipiente de barro assente em tijolos, relvas e gramíneas meio secas e cortadas aos bocados.

Este adubo, muito usado na Inglaterra, onde lhe dão o nome de — *charred-turf*, é especialmente apropriado á cultura das Azaléas e das Fúcias.

A cinza dos vegetais é considerada pelos chins como um dos melhores adubos.

O resíduo da linhaça, depois de extraído o óleo, é conveniente ás roseiras. A sua acção é enérgica mas muito transitória. E' considerado tambem como um útil ingrediente para aplicar-se ás raízes das vinhas e dos pecegueiros.

O bagaço da nossa mamona, ou de semente de algodão não dariam resultados idênticos?

ADUBOS DIVERSOS

Sangue: Começa-se a aproveitar como adubo da terra, o sangue dos animais abatidos nos matadouros, depois de preparado propositadamente para tal fim. A sua dosagem é ainda aconselhada aos floricultores com certa timidez.

Fúlgem de chaminé: mergulha-se um saco com fúlgem dentro de uma tina d'água, até que esta se torne côr de vinho do Porto. Será então a ocasião de se regar com ela as roseiras.

Guano: adubo composto dos excrementos de aves das ilhas do mar do Sul e das costas da América meridional. E' forte e deve ser usado com cautela. Indicam-nos um quílo de guano para vinte de agua, para as plantas de terra franca.

Sal comum: para espargos.

Superfosfato de cal. Este é um dos mais valiosos adubos artificiais, assim como a argamassa ou o estuque velho, bons para as plantas rochosas e para as begónias, dracenas, aloécias, etc..

ADUBO PETERMAN

Para plantas florais em vaso.

Misturem-se os seguintes sais bem pulverizados:

Sulfato de amoníaco	100	gramas
Nitrato de amoníaco	100	gramas
Nitrato de potassa	400	gramas
Fosfato de potassa	400	gramas

Esta mistura é empregada em solução na água da rega á razão de 1 grama por litro de água. Esta rega fertilizadora só é feita uma vez por semana. Nos outros dias emprega-se a água ordinária.

Fórmula Grandeau: Trata-se de um adubo líquido empregado em regas, nas proporções de cinco gramas de ingrediente para um litro de água:

Nitrato de cal	100	gramas
Nitrato de potassa.	25	gramas
Fosfato de potassa	25	gramas
Sulfato de magnésia	25	gramas

Reguem-se as plantas com este líquido uma vez só por mês, tendo o cuidado de molhar a terra sem lhes molhar as folhas.

Adubo completo simples: misture-se em pesos iguais nitrato de potassa e superfosfato. Dobre-se o peso do nitrato de potassa se se desejar apressar a vegetação da folhagem. A mesma aplicação da receita anterior.

Adubo Wagner. Wagner é um grande cultivador de plantas em vaso, célebre pelo excelente resultado das suas experiências. Eis uma das suas receitas:

Nitrato de potassa	45	gramas
Nitrato de amoníaco	30	gramas
Fosfato de amoníaco	25	gramas

Espalha-se bem esta mistura, peneirando-a sobre a terra dos vasos nas doses aproximadas de :

Para um vaso de 12 cents. de diametro	1 gr.
Para um vaso de 15 cents. de diametro	2 grs.
Para um vaso de 20 cents. de diametro	4 grs.
Para um vaso de 25 cents. de diametro	8 grs.

Rega-se em seguida bem lentamente, para que a água pura e fresca exerça completamente o seu poder dissolvente. Esta operação deve ser praticada uma vez por mês, durante a vida activa da planta. No Brasil ella convem ser usada de Setembro a Dezembro.

ADUBO PARA PLANTAS FLORIFERAS EM GERAL

Misture-se e peneire-se.:

Nitrato de potassa	20 gramas
Fosfato de potassa	25 gramas
Nitrato de amoníaco	35 gramas
Sulfato de cal	10 gramas

Se se quizer favorecer mais a floração do que a verdura, suprima-se o nitrato de amoníaco.

O VENTO

As lufadas da ventania nem sempre são prejudiciais ás árvores. Agitando-as limpam-nas dos galhos secos, folhas doentes, musgos velhos, parasitas e animais daninhos. As plantas dos jardins sofrem porem muito ao seu sopro ressecante. Conuem por isso, sempre que se possa, procurar evitar um tal desastre, formando abrigos vivos ou anteparos perenes na parte do terreno onde seja mister essa defesa, com outras plantas de vegetação cerrada, como os bambús japoneses, a aglaia, o buxo, etc..

Em geral os pequenos jardins ou quintais, por cuja transformação este modesto trabalho se interessa e a que principalmente se dedica, não tem espaço para culturas dessa natureza nem tem delas a mesma precisão, por serem abrigados pelos muros da casa. Todavia não é mau organizar o jardim de maneira que sempre as plantas mais robustas possam defender as mais fracas contra a impetuosidade do vento. Isso só pode ser determinado pela orientação do terreno.

A AGUA

A sede é de todas as torturas físicas a que mais faz sofrer a todos os seres da natureza. Imagina uma terra em que falte a água em absoluto e tereis viva a ideia da maldição e da tristeza. O solo árido não pode transmitir aos vegetais nenhum elemento

de vitalidade. E' a água que dissolve as matérias nutritivas contidas na terra e nos adubos e as oferece ás raízes ávidas e sugadoras; sem ella os mais brilhantes jardins se transformariam em charnecas tristonhas. Desesperados pela sêde os bichos nocivos irrompem das suas tocas e esconderijos e juntam a sua loucura á agonia das árvores e dos arbustos moribundos.

Quando após um período de sêca vêm as chuvas transforma-se o inferno em paraíso. E é bom notar que a água das chuvas é sempre a mais conveniente para os vegetais. Des de que se possa deve-se dar preferência, para as regas, ás aguas batidas de rios, cachoeiras ou ribeiros. Para as plantas em vaso a melhor água é a que tenha estado depositada durante um certo tempo ao ar livre e ao sol. As águas dos encanamentos são demasiadamente frias, e as dos poços espessas e calcáreas. Em todo o caso como a rega da maioria dos jardins é feita com água dos encanamentos, sendo poucos os amadores que possam dispôr de um depósito descoberto para o serviço de irrigação do seu quintal, contentemo-nos em falar só do modo pratico por que devem ser feitas essas operações.

A REGA

E' preferivel regar-se menos vezes o jardim, mas copiosamente de cada vez, a regar-se muitas vezes superficialmente, por ser necessario que a humidade penetre bem no seio da terra, pois é pelas raízes, principalmente, que as plantas se dessedentam. A

água da rega deve ser sempre administrada em forma de chuva, por agulheta ou ralo de regador, e o jardineiro terá o cuidado de, não sendo avaro, não ser por demais esbanjador de água, pois o excesso de água é prejudicial às plantas, principalmente às de vaso, cujas raízes apodrecem com muita facilidade.

No verão deve-se regar o jardim á noite; nas meias estações (de manhã; e no inverno durante o dia. São pelo menos esses os preceitos dos livros europeus, e não ha inconveniência em serem seguidos tambem no Brasil, embora o nosso solo, mesmo no inverno, não seja muito favoravel ás irrigações do meio dia. São mais recomendaveis as do entardecer.

BURRIFAMENTOS

Fazem-se os burrifamentos por meio de uma pequena bomba. Esta operação delicada é de grande utilidade nas estufas, em avencas, orquídeas, plantas suspensas, etc. E' tambem vantajosa ás outras plantas, por livra-las da poeira e mais substâncias que ficam depositadas sobre as folhas e por dar-lhes uma certa soma de humidade atmosférica, muito favoravel á vegetação. Os burrifamentos não devem ser feitos á hora do sol ardente. Teem efeito mais salutar quando feitos á noite. A planta absorve pelas folhas os elementos químicos do ar e evapora os que lhe são inúteis. Os burrifamentos favorecem muito essas funções.

ANCINHAMENTO

*Biner c'est arroser la terre sans
eau et la fumer sans fumier.*

Ancinhar, ou amanhoar com o ancinho, é acariciar a terra, ou antes coça-la superficialmente por meio das unhas desse instrumento, um dos que teem de ser manejados com mais delicadeza e maior cuidado pelo jardineiro ou jardineira. A jardinagem é uma profissão que não é incompatível com as forças físicas da mulher, nem com as tendências do seu gosto.

A utilidade de ancinhar a terra é mais importante do que parece: destrói as ervas daninhas, desmancha os pequenos torrões, que se formam depressa no solo mexido de fresco, e impede, pela camada da terra unida e lisa da superfície, a evaporação de certos princípios fertilizantes contidos nas camadas inferiores da terra.

E' o que fez dizer ao floricultor M. Raquet:

« Alizar com o ancinho é regar sem água e adubar sem adubos ».

O CALOR

Nos países frios a vida das plantas fica suspensa no inverno. O seu repouso então é completo, assemelha-se ao da morte. As árvores, desnudadas, são como esqueletos e os jardins sem cor nem aroma, amortalhados em neve, inspiram com-

paixão e saudade. Rompe o calor, e logo ao seu mais ténue bafejo despontam brotos verdes nas galharias e pelos gramados desabroham flores cheias de alegria e singeleza.

O calor é, certamente, um elemento indispensável á vegetação, mas quando excessivo não deixa de ter os seus perigos mortais, sobretudo para as plantas cultivadas, que são sempre as mais melindrosas e as mais exigentes. Um dos principais requisitos de um jardineiro é o de saber dar a cada planta a exposição de luz que lhe seja apropriada. As floríferas querem em geral a luz do sol, directamente; convem a outras a meia sombra; o bafo quente de uma atmosfera húmida é propício á vegetação das grotas e das furnas: avencas, samambaias, fetos, etc.

Este é um dos pontos mais difíceis de estudar nos países tropicais, em que a sanha de certos verões não pode ser atenuada com facilidade em benefício de plantas cuja origem demande uma temperatura amena. No Brasil o descanso das plantas é, a bem dizer, fictício, porque a natureza obriga-as quase que á mesma actividade em todas as estações. Assim sendo, a vigilância do jardineiro não goza de nenhuma interrupção, embora tenha épocas, como o verão, de menor trabalho.

ESTUFAS E ABRIGOS

A estufa foi inventada por um agrônomo francês chamado Olivier de Serre, morto em 1619. Rebelando-se contra a rotina dos tempos antigos, ele transformou a sua herdade em uma quinta modelo e escreveu uma obra notável: — Teatro da Agricultura dos Campos — que revolucionou todo o sistema usado até então pelos lavradores europeus. Por meio da estufa conseguiu aclimar na sua terra plantas de outros países e tão apreciado foi o seu sucesso, que deram às casas de vidro da sua invenção o seu próprio nome: — Serre, pelo qual são denominadas as estufas em França.

Pareceria paradoxal dizer-se que no Brasil ha necessidade de estufas, se não se soubesse que ha em vários dos seus estados localidades cujo clima é idêntico ao de muitas regiões europeias. Essas nada perderão seguindo á risca neste assunto as indicações do Sr. Vilmorin e outros floricultores de grande reputação. Mesmo no Rio de Janeiro, cidade habitualmente quente, as estufas prestam mais serviços do que se poderia supôr, e a prova da sua utilidade é a sua instalação em grande parte das nossas chácaras e jardins. Que o digam os amadores de bigônias, gloxínias, avencas, etc..

Geralmente podem-se conseguir belos exemplares de qualquer destas plantas sob a protecção de um simples telheiro rústico ou de um toldo corrediço. O inconveniente para algumas delas, principalmente

as avencas, é que, sempre que forem transportadas para o ar livre ou para as salas, ficarão ressentidas, enquanto que as educadas com maior liberdade conservam sempre a sua frescura e o seu viço, embora nem sempre atinjam tamanha beleza como as outras.

Variam as formas e as dimensões das estufas, segundo o sistema adoptado e o gosto do proprietário. No Brasil em geral isso é quasi sempre determinado pelo dono do jardim, não convencido de que a construção de uma casa dessas deve ser dirigida por um profissional, e profissional muito competente. A escolha do local onde se deve fazer a estufa precisa ser estudada com muita observação, para que a sua disposição á luz fique perfeitamente bem orientada.

Nem sempre as estufas são objecto de ornamento, só destinadas ao abrigo das plantas de luxo, muitas vezes são tambem colaboradoras eficazes na formação de um jardim, como as que os francezes denominam: *bâche*, ou *couche*, que são baratas, práticas e simples. Esta estufa, ordinariamente pequena, pode ser fixada ao solo ou ser portátil, segundo o gosto ou a necessidade de cada um. Para ser portátil deve ser de madeira e estar suspensa sobre quatro pés de ferro ou de pau. Fixada ao solo, melhor será faze-la de tijolo. Tem a forma de uma caixa mais alta de um lado do que de outro, com tampa móvel de vidraça que se possa suspender do lado mais alto sobre uma cremalheira até á altura que se julgar conveniente. Muita gente gosta de

fazer sementeiras nessas pequenas estufas, pela facilidade de resguardar as sementes e as plantinhas novas das intempéries e da voracidade dos pássaros. E' um viveiro de luxo.

Estufa holandesa: — esta é uma das mais complicadas e mais caras. O telhado, de duas abas, é todo de vidro como as paredes laterais, cujos caixilhos são móveis. Ao longo dessas paredes, interiormente, seguem compridos taboleiros suspensos em pés de ferro. No centro da estufa ha uma arquibancada de duas faces para vasos.

Estufa comum: — esta poderá ser encostada a qualquer muro ao qual se fixe tambem interiormente a arquibancada ou simples prateleiras para as plantas. Convem tapetar o chão das estufas com uma espessa camada de areia, que será molhada máis de uma vez ao dia, conforme a estação; convem igualmente que as prateleiras sejam revestidas de cimento, para mais facilmente evitar a propagação dos pequeninos vermes da terra, tão nocivos ás plantas.

Ha tres espécies de estufas: frias, quentes e temperadas.

As frias, que no Brasil não tem applicação, servem para abrigar as plantas mais sensíveis no rigor das nevadas, sendo a sua temperatura de muito poucos graus acima de zero.

A temperada é na Europa destinada aos produtos do Cabo, da America austral, da Austrália, da China, etc.. Mantem-se essas estufas numa temperatura de oito a doze graus no inverno. A sua construção não difere entretanto da fria.

A estufa quente foi criada para as plantas tropicais: palmeiras, caládiuns, manacás, hibiscos, draceñas, orquídeas e certas flores aquáticas dos trópicos, como a Vitória Régia, etc.

A sua temperatura alcança trinta graus e não é nunca inferior a quinze. As estufas quentes precisam de irrigações frequentes, para que haja nelas um ambiente de constante humidade.

Os cultivadores scientificos ou simplesmente curiosos tem construido estufas com vidros de côr para observarem a influencia da luz colorida no desenvolvimento das plantas e na coloração das flores. Flamarion, célebre astrónomo frances, efectuou uma série de estudos muito interessantes nesse sentido. Na arte da jardinagem ha muitas indagações ainda sem resposta, mas quanta beleza e quantos prodígios tem ela já realizado!

Ha ainda uma estufa a citar: aquella que, por meio de combinações bem graduadas de temperatura, obriga as plantas a produzirem antes do seu tempo normal. Esta estufa exige uma vigilância activissima e é principalmente usada nos estabelecimentos comerciais de floricultura, que se querem antecipar á primavera, obrigando os produtos dessa estação a aparecerem ainda no inverno.

Para as nossas culturas no Brasil, seja qual fôr a região em que tiver de ser edificada, basta-nos a estufa que represente apenas um abrigo contra certos rigores das intempéries. Muitos floricultores recomendam o uso de pequenas estufas, cujo solo é cavado uns oitenta centímetros ou um metro abaixo da superfície. Esta é muito usada entre nós. Quem não tenha no seu terreno espaço para a instalação de uma estufa ou não precise dela senão para as funções da germinação das plantas, pode valer-se dos painéis ou caixilhos envidraçados de janelas, que se aplicam sobre as caixas da sementeira e sobre as da educação das plantinhas novas. Os rigores do clima na Europa tornam indispensáveis certos cuidados que no Brasil não nos preocupam ainda; não ha porem inconveniente em conhecermos mais ou menos todos os processos de jardinagem usados nos países em que ela é exercida com o máximo rigor.

As dimensões habituais dos caixilhos são de um metro e trinta por um metro e trinta e cinco cents. Fazem-se caixilhos de ferro, de madeira, ou, conjuntamente de madeira e ferro. Este último sistema dizem ser o mais vantajoso.

Os caixilhos são envidraçados com vidros fôscos ou com uns chamados — *de jardinagem*. Seja qual fôr o sistema empregado nesses caixilhos, eles devem ser pintados pelo menos uma vez por ano para a boa conservação da madeira e os seus vidros devem estar sempre bem lavados por ser indispen-

savel dar ás sementes e ás plantas toda a claridade possível.

Caixas: — São molduras rectangulares destinadas a suportar os caixilhos de que são auxiliares. São feitas de pau pintado ou sulfatado. Ha fixas ou de desarmar. Têm uma parte mais alta do que outra para a necessária inclinação da tampa. As de desarmar podem ser recolhidas sempre que não fôr preciso estarem ao ar livre, o que lhes evita e apodrecimento. A altura dessas caixas varia segundo o seu emprego. Se forem para sementes precisarão ter a altura de 0,^m24 na parte posterior que é a mais alta, e 0,^m20 na mais baixa. Se são destinadas ao abrigo de plantas maiores terão a altura de 0,^m31 de um lado e 0,^m24 de outro.

Os Sinos: — sinos ou campânulas de vidro tem em geral a dimensão de 0,^m30 de altura a 0,^m40 de diâmetro. São muito úteis aos pequenos jardins onde não haja estufas ou não se apliquem as caixas acima citadas. Os sinos protegem as sementeiras feitas ao ar livre, bem como também as plantas pequeninas. Para areja-las convem levantar o vidro do lado oposto ao do vento, conservando-o nessa posição por meio de um vaso virado com o bojo para baixo, ou por meio de uma cremalheira, que o manterá meio suspenso durante o tempo em que isso fôr necessário.

A arte da jardinagem é mais complicada do que nos parece no Brasil, onde os processos são ainda muito rudimentares na cultura de campos, pomares e jardins.

Quem escreve este livro não faz côro com os que proclamam as vantagens do nosso solo sobre todos os outros no tocante á sua facilidade de tratamento. Ele é por demais violento para a cultura de certas flores e em demasia fértil em vegetações daninhas e em animais nocivos ás plantações. Ha ainda uma circunstância que talvez de algum modo empobreça a produção dos nossos pomares e dos nossos jardins, e é a de não repousarem completamente os vegetais durante toda uma estação, como acontece nos países em que o inverno imprime ás plantas, transitoriamente, um sono de morte.

A continuação, a insistência na cultura das flores também faz milagres, mesmo em lugares reputados impróprios ou improdutivos. Ha alguns anos dizia-se que no Rio de Janeiro os jardins primavam pela ausência de flores, sendo abundantes sómente em folhagens, que essas sempre as tiveram magníficas. Hoje é imensa a quantidade de jardins onde as rosas, as dalias e os crisântemos rivalizam entre si em número e em beleza.

Tabuinhas: — São usadas as tabuinhas para protegerem as plantas novas do calor e dos raios do sol. Geralmente são pintadas de verde. Sobre os caixilhos de uma caixa elas são facilmente enroladas e desenroladas á mão; nas estufas são fransidas por

uma corda. Idênticas ás venezianas móveis usadas nas janelas.

Em geral os nossos jardineiros são pouco habilitados, do contrário ser-lhes hia fácil fabricarem eles mesmos protecções para as plantas. Na Europa fazem-se esteiras especiais para jardinagem; depois de prontas mergulham-nas numa solução de sulfato de cobre a 5 %, o que pode ser explicado como um meio de afugentar os insectos. Por que não faremos o mesmo aqui, nós que temos de lutar com tanta bicharia?

Em certos pontos do Brasil a jardinagem dá esplendidos resultados, como em Petrópolis, Friburgo, Teresópolis, Barbacena, S. Paulo, Rio Grande do Sul, etc., mas em quantos outros pontos, mesmo de clima ameno, a jardinagem ainda não encontrou a chave que lhe abra o paraíso das flores? Ainda temos muito que praticar, até chegarmos a vencer certas rebeldias de terreno e talvez mesmo podermos criar abrigos nos jardins com funções opostas ás das estufas europeias, isto é: com ambientes frescos, propícios ás plantas das regiões frias, que são tão estimadas entre nós.

CARAMANCHEL CONSERVADOR

No excelente livro — *Gardening in the Tropics* — adaptado a todas as regiões tropicais ou semi-tropicais, ha uma página consagrada á utilidade dos caramancheis conservadores, proclamando a sua vantagem

nas terras quentes. As paredes desses caramancheis são feitas de ripas ou de bambús, taquaras em xadrez, não muito miudo, para que o ar e a luz entrem no interior do caramanchel de um modo atenuado e doce. A cobertura é feita com esteirinha ordinária pouco espessa, de beiral projectado para que uma faixa de sombra, aliás muito leve, proteja o caramanchel em derredor. Esse telhado é suspenso um metro mais ou menos, das paredes gradeadas, amparado por mourões ou fortes troncos de madeira. Destina-se essa rude construção a asilar as plantas débeis, que não possam sofrer os rigores do estio, as plantas adolescentes apenas saídas dos alfôbres, as orquídeas que adoram a luz coada e doce, e todas as plantas a que o ardor do sol forte ofenda e moleste. E' a *crèche* das plantinhas.

Aconselha o mesmo livro, a quem tenha muito espaço e deseje fazer grandes caramancheis definitivos, a plantação geométrica de casuarinas, para que elas sirvam de esteios vivos para a construção desses engradados. Dentro, eles são divididos em tantos taboleiros ou canteiros quantos forem necessários; a terra desses taboleiros deve ser preparada como a dos jardins e as ruas cobertas de areia e levemente abaúladas para não ficarem empapadas com a água das regas e oferecerem piso enxuto a quem por elas andar.

Os nossos hortos de maior importância já dispõem desses caramancheis e será prudente que os grandes proprietários lhes sigam o exemplo.

UM BOM JARDINEIRO

Só pode ser considerado bom jardineiro quem, pelo menos, saiba: distinguir e preparar as diferentes qualidades da terra para as culturas que tenha a fazer; semear nas estações próprias com as cautelas garantidoras de êxito; colocar as plantas na exposição de luz que lhes seja conveniente; podar, enxertar, desinfectar e conhecer as moléstias das plantas e os remédios que as combatam.

Só pode ser considerado bom jardineiro quem, tanto quanto possível, saiba defender os seus jardins dos ventos perniciosos e afugentar deles os vermes e os insectos nocivos; quem conheça a acção química dos adubos e as proporções em que estes devem ser empregados; quem saiba a orientação em que deve plantar a grama de um relvado, de modo a facilitar-lhe mais tarde a tosquiação e dar-lhe uma aparência de maciez e de tranquillidade; quem conheça os processos da fecundação das flores, para criação de novos tipos, assim como quem, com firmeza e elegância, faça arcos e suportes para as suas trepadeiras, estacas para os arbustos e cestas para as flores rasteiras.

Um jardineiro que prese o seu officio deve, ele próprio, poder soldar os seus regadores, encabar as suas enxadas, pás e picaretas, trazer sempre bem limpas e amoladas as suas ferramentas, estar habilitado a substituir por novas as tábuas quebradas do seu carrinho de mão e com qualquer pedaço de pau

IMPRESSIONES do CONSELHEIRO RUY BARBOSA

sobre a estancia hydro-mineral de **Caxambú**
e sua **EMPREZA**.

Visitei, percorri, desfructei por um mez, com admiração e encanto o Parque das Aguas, a organização de seu serviço, o systema de exploração de seus productos.

E' a medicina entre jardins de uma florescencia deslumbrante.

Minas ainda não percebeu todo o valor da sua joia.

Quando a lapidar e engastar como ella pede, estas fontes de vida verterão luz, como de estrellas, que vá fallar bem longe, aos que sofrem, dos suaves privilégios deste torrão abençoado.

Caxambu, 31 de Outubro de 1919

RUY BARBOSA.

Impressos á duas ou mais cores. Livros dos melhores escriptores. Artigos para Esportes. Cartões Fantazias e com vistas de Caxambú. Objectos para presentes. Artigos escolares e de escriptorio, só na

CASA ESPERANÇA

Praça 16 de Setembro, 146

CAXAMBU'—Minas

e um bom canivete saber preparar suspensões para orquídeas, cremalheiras para as cobertas dos abrigos, etc.

Emfim para se ser um bom jardineiro é mister ter-se — inteligência, habilidade, instintos de arte, bom gosto, paciência, observação e prática.

MATERIAIS NECESSARIOS

Enxada e sacho.

Jogo de pás, uma larga, outra estreita e direita.

Faca de capineiro.

Jogo de canivetes, grosso para misteres mais fortes, é fino para mondar.

Tesoura de jardineiro.

Terno de regadores: de ralo fino para as sementeiras e mudas tenras, — um; de chuveiro grosso para irrigações gerais, — dois.

Duas peneiras, uma de tela fina para peneirar a terra delicada, e outra maior para qualquer terra vegetal.

Uma colher para tirar ervas daninhas.

Um garfo de diluir adubo.

Dois ancinhos de diversas dimensões.

Uma picareta.

Um carrinho de mão.

Um nível, um rolo de cordel fino para alinhar; estacas e etiquetas e uma régua de 2,^m00 de comprimento.

Uma pedra para afiar a ferramenta.

Carrinho, ou alfange de cortar grama, segundo a extensão do terreno.

O PERIGO DO TÊTANO

Na inconsciência da ignorancia os jardineiros não sabem, em geral, o terrível perigo a que se expõem quando não tratam de desinfectar imediatamente, por meio do calor intenso do fogo, ou de uma pincelada de iodo, qualquer arranhadura, golpe ou espetadela que façam nos pés ou nas mãos enquanto trabalham.

O contacto da terra com o sangue das extremidades é muitas vezes causa de males incuráveis e dolorosíssimos.

O bacilo do tétano está na terra adubada com estrume de curral e é fácil de se transmitir ao homem, quando este não tenha a precaução de defender qualquer ferida, embora muito insignificante que tenha já, ou que faça no momento da comunicação com a terra.

Os proprietários de hortas, pomares e jardins devem ilucidar os seus empregados sobre este assunto. E' justo e é humanitário. O melhor remédio nestes casos é o *Soro antitetânico*, que deve ser aplicado por médico ou por quem tenha prática de fazer injecções.

A PLANTAÇÃO

«Para que uma planta percorra normalmente o ciclo da sua existência, precisa encontrar ao seu alcance todos os elementos que lhe sejam favoráveis»,

Para isso ha o trabalho prévio da boa preparação do terreno e a exigência de todos os cuidados subsequentes.

A terra em que se planta deve ser fresca, mas não molhada. Seria contraproducente plantar-se na lama porque, ou as raízes apodreceriam ou se veriam dentro de pouco tempo, logo que essa lama tivesse secado, aprisionadas em uma verdadeira massa dura que as apertaria, dificultando-lhes o desenvolvimento.

Quando se tenha abundância de água, mais vale plantar-se em terra seca e refresca-la depois pelo auxílio das regas.

M. Burns, floricultor americano muito cauteloso, aconselha aos jardineiros o uso de um bastão métrico para a medição da profundidade da cova em que as plantas tenham de ser enterradas definitivamente. Conforme a necessidade de cada planta tal será a fundura em centímetros do buraco em que ela tenha de entrar. E' um excesso de zelo que se nada ganha, também não perde em ficar consignado.

Mesmo que o solo tenha sido bem adubado e trabalhado, durante o Outono, quer dizer de Fevereiro a Abril, é bom dar-se-lhe na Primavera, Setembro a Novembro, uma segunda movimentação, menos profunda e que tenha em vista não revirar a terra mas afoga-la apenas. Se os adubos enterrados no Outono estiverem completamente curtidos, ter-se hão assimilado á terra durante o Inverno, mas se tiverem sido enterrados ainda frescos, encontrar-se

hãõ deles vestígios que não deverão ser trazidos á superfície mas deixados onde estiverem até á sua completa decomposição.

O trabalho da Primavera deve ser feito alguns dias antes da plantação, mas se o tempo não consentir demoras poderá ser feito no próprio dia, com a condição de se calcar de leve a terra para lhe dar alguma consistência.

VIVEIRO

Os jardins bem organizados teem sempre um recanto destinado ás sementeiras das flores e á educação das plantinhas tenras, recanto livre da sombra do arvoredado do qual possam gotejar pingos grossos da chuva ou cair folhas que molestem as sementeiras.

Nos jardins de luxo esse local é resguardado por gradis floridos ou maciços de folhagens variegadas de que é tão abundante e tão admirável a flora brasileira. Os caixões de sementeira podem ser suspensos em pés de ferro ou de madeira e com tampas móveis e duplas, de vidro ou de rede de arame fino, que servirão sucessivamente conforme as necessidades da hora ou da plantação. Uma pessoa modesta e que disponha de poucos meios pode fazer perfeitamente bem um bom viveiro, até em pequenos caixotes de sabão, des de que tenha preparado a terra convenientemente e saiba proteger depois as sementeiras dos rigores do tempo, com esteiras,

bambús ou qualquer vidraça velha. Logo que as sementes germinem é prudente defende-las da voracidade dos insectos e dos pássaros, por meio de uma rêde fina ou de um xadrez de taquarinhas e barbañtes que pode ser feito pelo próprio jardineiro.

SEMENTEIRA

Pensa muita gente que se deve fazer tal ou tal sementeira, de conformidade com tal ou tal fase da Lua. Várias experiências, feitas pelo grande astrónomo francês Flamarion, no Observatório de Juvisy, que é ao mesmo tempo uma verdadeira estação agronómica, demonstraram que a Lua não tem nenhuma influência sobre a germinação e o desenvolvimento das plantas.

A preocupação da bôa ou da má Lua fica assim perfeitamente extinta. Haja só em vista para o caso a da bôa estação.

Como de um bom princípio depende quasi sempre um bom fim, todo o agricultor ou floricultor zeloso presta o máximo cuidado ás operações preliminares das suas culturas. Um dos requisitos indispensáveis para isso é a paciência, depois os seguintes, indicados em um catálogo de uma das maiores casas de floricultura no Brasil:

MODO DE SEMEAR

«Para se conseguir que as sementes nasçam em bôas condições e que as respectivas mudas se

desenvolvam rapidamente é necessária muita cautela e a observação de tudo que passamos a explicar:

O viveiro ou canteiro para sementeira deve ser bem estrumado com estrume bem curtido que não deve ser enterrado muito fundo; passa-se em seguida uma camada de terra vegetal bem peneirada. Espalham-se as sementes igualmente e não muito juntas, sobre o canteiro e cobrem-se até um meio centímetro com terra peneirada. As sementes grandes podem ser plantadas mais profundamente. Convém cobrir os canteiros com folhas de palmeiras, bambús ou mesmo com anagem para impedir a queda forte da chuva e também para abrigar as mudas do sol forte. Quando essas mudas estiverem com tres ou quatro folhas bem determinadas começa-se a deixa-las por mais tempo expostas á luz forte, para sem perigo poderem ser transplantadas para outro viveiro ou para o lugar definitivo».

As sementes muito fininhas, como as das Petúnias, Begónias, Gloxínias, Mímulus, e muitas outras, podem ser semeadas do seguinte modo:

Molhe-se a terra com um regador de ralo grosso até que fique bem empapada. Semeie-se depois e ponham-se os vasos, em que esta sementeira tiver sido feita, em lugar molhado. Por este processo a germinação se faz muito rápidamentee.

Está exposto no capítulo dos adubos o sistema moderno de adubar as sementes antes de as lançar á terra. Os jardineiros inteligentes e curiosos de-

vem experimentar todos os sistemas de cultura até se fixarem no que lhes parecer mais conveniente.

PLANTAS DE GALHO

Ha muitas plantas que podem ser multiplicadas por estacas ou ramos, tais como: crótons, gerânios, hibiscos, eufórbias, gardénias, roseiras, e muitissimas outras. Estas estacas, colocadas em condições apropriadas ás suas necessidades, emitem raízes e formam em seguida um ser em tudo semelhante áqueles de que provieram. A multiplicação por estacas é um dos meios mais empregados para a propagação dos vegetais. E' pelo menos aquele a que mais se recorre para as variedades de plantas que não se acomodam com facilidade a outros meios de propagação. De mais a mais tem-se notado frequentemente que os exemplares obtidos por esse sistema florescem mais depressa e não raro melhor do que os obtidos por sementeira. Em certas plantas é conveniente escolher-se a época do córte dos galhos e a da sua transfêrencia; para outras a estação não tem importância, des de que se satisfaçam as suas demais exigências.

O comprimento das estacas depende da natureza das plantas de que são tiradas. Em geral as de tamanho mediano, munidas de tres a quatro nós, são as melhores. Dá-se ordinariamente cerca de vinte centímetros de comprimento ás estacas lenhosas, ten-

do-se em vista a distância existente entre os seus respectivos nós.

A's vezes, cortando-se os galhos de uma planta toma-se uma certa espessura do tronco em que esse galho nasceu, o que forma uma espécie de calcanhar á estaca que se vai plantar. Os franceses chamam a isso: *bouture á talon*. Esse processo é recomendado para a maior parte dos vegetais que teem nesse ponto um amontoado de tecidos que favorecem a emissão das raizes.

A estaca deve ser separada da planta por um golpe adestrado; ha quem prefira esgarça-la do arbusto por um puxão violento, mas esse processo, alem de brutal, prejudica a planta que, desprovida de um pouco de casca, fica com o cerne exposto e arriscada a secar nessa parte ofendida.

Alguns jardineiros, e isto não vem indicado em nenhum manual, costumam colocar numa incisão que fazem na parte inferior da planta, um grão de cereal cuja germinação rápida auxilia, dizem eles, o desenvolvimento da planta; mas o que parece de melhor alvitre é raspar-se muito ao de leve a epiderme do galho na parte que tem de ficar enterrada. Nascem assim as raizes com mais rapidez. Quanto mais seca é uma planta, com menos facilidade emite raizes; as que são ricas de seiva, não chegam a dar cuidado ao jardineiro.

Deve-se escolher sempre para tirar os galhos de reprodução, as plantas mais vigorosas e de perfeita saúde. De mães lânguidas ou atacadas por moléstia

ou fraqueza accidental, não se podem esperar produtos brilhantes e úteis; e perder trabalho com coisas mediocres ou vãs, será ter paciência mas não é ter critério. Na espécie vegetal, como na animal, a primeira condição de felicidade e de beleza é a robustez.

Fazem-se mudas também com raízes e rizomas cortadas em tóros e que se colocam horizontal ou verticalmente na terra; elas brotam e transformam-se depressa em bonitas plantas. E' um processo rápido, fácil, e muito usado. Certas folhas, principalmente de estufa, como as das Begónias, Glocínias e várias plantas gordas, servem também para mudas: basta enterrar o seu pecíolo na terra ou de nela apoiar a sua orla, para vê-las rebentar em brotos e desenvolverem-se em plantas.

TRANSPLANTAÇÕES

O fim das transplantações é o de aumentar o vigor das plantas. Mudadas a tempo, as suas raízes se ramificam e fortalecem rapidamente.

E' indispensavel a maior delicadeza no movimento de se transferir uma planta de um lugar para outro, de modo a poder leva-las com um pouco de torrão, se possível, e de não lhes quebrar as raízes ainda frágeis. Para replanta-las faz-se um buraco na terra com um lapis ou um pauzinho de tamanho relativo ao seu; com o auxílio desse mesmo instrumento empurra-se depois a terra, comprimindo-a.

do-a sobre as raízes, para assegurar uma perfeita aderência do solo com todas as partes soterradas da planta. Numa primeira transplantação convém enterrem-se as mudas mais do que estavam no viveiro primitivo, para que as raízes não corram o risco de serem desnudadas e não se perca assim todo o trabalho.

Fazem-se as transplantações :

Em plena terra ao ar livre, em plena terra sob cobertura, em vasos e caixotes e em estufas apropriadas para tal fim.

As transplantações para o ar livre são praticadas na primavera e no verão, e servem para os exemplares rústicos, capazes de resistirem ás intempéries.

As transplantações sob cobertura, convêm ás plantas menos resistentes. Quando o êxito dessa operação pareça assegurado, erga-se um pouco a tampa da cobertura para as arejar, até que, (dias antes de serem postas no lugar definitivo), fiquem completamente expostas ao tempo.

Em cada uma dessas transplantações deve a planta encontrar terra mais forte que a precedente.

ALPORQUE

Consiste o alporque no mergulhar na terra uma haste da planta que se quizer reproduzir, conservando-a ligada á mãe e fazendo-a, na extremidade, emergir do solo. Ha várias maneiras de fazer o alporque; as mais usadas são estas :

Alporque por torcedura: torce-se a planta na parte que tem de ficar sob o solo.

Alporque por estrangulação: effectua-se esta operação cingindo apertadamente com um arame a parte do galho enterrado, em que se quer fazer nascer raízes.

Alporque por circuncisão: tira-se neste um anel da casca da planta sob o nó em que se têm de desenvolver os filamentos das raízes novas.

Alporque por incisão: faz-se uma pequena incisão com um canivete na haste a mergulhar, para que a seiva descendente desenvolva nesse ponto o seu ramo de raízes. Des de que estas se tenham de algum modo fortificado, corta-se a haste rente á planta mãe, para que não a extenua, e deixe de receber dela os elementos nutritivos de que já não precisa, tornando-se em indivíduo independente, pronto a ser transplantado para onde se desejar.

A maior parte dos alporques fazem-se na terra, mas para certas plantas altas, ou cujos galhos não podem ser curvados até ao sub solo, pratica-se o que se chama :

Alporque no ar. Para esta espécie de trabalho são necessários cestos ou vasos especiais, nos quais se mergulham as hastes depois de as haver golpeado ou torcido convenientemente; enche-se depois o recipiente com terra leve e um pouco de musgo, que se terá o cuidado de trazer sempre fresco. As cestas ou os vasos deverão estar suspensos, mas fixa-

dos sobre estacas ou andaimes, de modo a não poderem ser sacudidos pelo vento.

MERGULHO

A operação do mergulho convem ás plantas de hastes longas e cuja produção seja abundante e cançativa. E' feita como o alporque, mas como o seu fim não é propriamente o de favorecer a criação de plantas independentes, mas o de avigorar e rejuvenescer pelo contacto nutridor da terra as suas fibras enfraquecidas, não se applica á parte da haste enterrada nenhum dos processos do alporque. Essa haste não fará mais do que entrar e sair da terra sem sofrer nenhum outro constrangimento. Quando ela é herbácea, tiram-se-lhe as folhas na parte que deverá permanecer sepultada. Quando seja muito longa pode-se deita-la e levanta-la em successivos mergulhos, que são assim denominados — *mergulhos arqueados ou serpentinos*.

ENXERTIA

Para se praticar bem a enxertia é indispensavel ter-se muita habilidade, cuidado, presteza, bom canivete e conhecimento, não só das estações próprias para esse trabalho como da qualidade e do estado das plantas que devem ser sujeitas á operação. O povo costuma denominar as pessoas que esse conjunto

de circunstâncias torna aptas para tão delicado serviço de: — bôa mão — e embora liguem a essa classificação um sentido supersticioso, não erram, porque efectivamente a mão exercitada, firme, leve e sciente do modo por que deve dar os golpes sem martirizar a planta pode ser chamada sem nenhum favor — bôa.

A enxertia é sobretudo útil aos pomares.

Para produzirem bem e depressa e não degenerarem, as árvores frutíferas devem ser submetidas a esse uso, que remonta a tempos imemoriais. Qual seria o primeiro pomologista que se lembrou de aperfeiçoar a qualidade das frutas por meio dessa *cirurgia vegetal*?

Não sei se será fácil a alguém responder a semelhante pergunta com precisão.

A planta a que se leva o enxerto chama-se — *cavalo* ou *patrão*; o fragmento da outra planta que vai ser aplicado no *cavalo* ou no *patrão* chama-se — *enxerto* e a operação: — enxertia.

As melhores épocas para a eficácia desse trabalho são as meias estações, — primavera e outono, quando a seiva das plantas está em franca circulação.

Enxerto de borbulha: Tire-se um pequeno fragmento de casca, no qual existam um ou mais olhos da planta que se deseje reproduzir; faça-se uma incisão em forma de T, ou de janela de duas folhas, no *cavalo* ou *patrão*. Levante-se delicadamente com a ponta do canivete as margens dessa incisão, introduza-se nela o enxerto, fechando sobre ele os lábios

da casca do *cavalo* e ligando-a depois aconchegadamente com fitas vegetais de embira ou ráfia do Japão.

Prova a enxertia a aptidão que têm pequenos fragmentos de uma planta em reproduzirem em outra um individuo absolutamente semelhante áquele de que se destacaram, e a faculdade que possuem certos vegetais de assimilarem as qualidades de outros, soldando com eles os seus tecidos e transformando com isso radicalmente a sua antiga maneira de ser.

Os sarracenos conheciam oito espécies de enxerto. Os latinos apenas tres. Sendo esta a operação mais delicada da jardinagem, ou pelo menos uma das mais interessantes, é pena que não possa ser feita de maneiras ainda mais variadas e mais práticas.

A enxertia mais usada nos jardins entre nós é geralmente a de — borbuiha — aplicada com frequencia na multiplicação das roseiras. Os floricultores e amadores de gosto costumam ter sempre um canteiro destinado ás roseiras bravas, onde estas plantas vicejam, á espera da occasião de se verem transformadas pelo enxerto, de plantas estéréis, em plantas floríferas.

Enxertia por encosto: Este processo é um dos mais simples, mais seguros e mais antigos. Consiste em aproximar um do outro dois galhos de plantas diversas sem as destacar dos respectivos pés.

Tira-se de cada um desses galhos uma lingueta muito fina, ou faz-se-lhes uma raspagem, procurando

torna-las idênticas entre si. Em seguida ligam-se esses galhos um ao outro, de modo a ficarem bem unidos na parte ferida, amarrando-os com força e protegendo-os com qualquer cousa que os preserve da humidade. O melhor para isso é a cêra virgem.

Enxerto de garça: Corta-se um galho da planta que vai servir de enxerto com o comprimento de uns dez centímetros. Este pedacinho de galho escolhido deve ter dois ou tres olhos ou gemas. Afia-se-lhe a ponta em bico. Este enxerto precisa ser do mesmo diâmetro do *cavalo* em que terá de ser aplicado. O galho deste é cortado em fenda que tenha as mesmas dimensões da ponta do enxerto. Introduzido este, na fenda da planta *cavalo*, ajusta-se tudo de modo a que a casca de uma se una nas extremidades á da outra planta. Ligam-se apertadamente os dois corpos, de modo a ficarem como um só. Ha variantes para este método de enxertia, mas sendo todos mais úteis aos pomares do que mesmo aos jardins, bastarão os que ficam indicados para as experiências da jardinagem.

ESTACAS ANELADAS

As modestas estacas de bambú ou de madeira de que em geral nos servimos nos nossos jardins, se tem certas vantagens tem tambem certos inconvenientes, como os de apodrecerem com facilidade, e de precisarem ser presas á planta que amparam por

meio de barbantes ou fitas vegetais, o que ocasiona muitas vezes ou o seu deslocamento ou o deslocamento da planta, quando sacudidas por qualquer ventania. Aconselham por esta razão os modernos cultivadores as estacas feitas em varais finos de ferro galvanizado formando tantos aneis quantos sejam requeridos pelo tamanho da planta. Quando esta for alta, será preciso, para que a estaca tenha bastante resistência, enterrar-lhe um dos aneis no chão. A estaca desse modo se manterá sempre em perfeita linha vertical e a planta, dentro dos seus aneis agiter-se ha á vontade, sem sofrer o aperto da amarração.

No nosso clima de sol ardente, talvez haja razão para se dar preferênciã ás estacas de madeira, de ripas pintadas de verde.

ETIQUETAS

Ha uma série de pequeninas cousas que parecendo insignificantes teem todavia uma grande importância, porque delas depende muitas vezes o êxito de outras de maior valor. As etiquetas, de que os coleccionadores se servem para designar as variedades das suas plantas, estão nesse número. A falta de uma designação certa em uma determinada planta pode dar azo mais tarde a equívocos, perplexidades e aborrecimentos. Os próprios estabelecimentos comerciais, quantas vezes vendem uma roseira por outra,

iludindo inconscientemente as pessoas a quem tem o dever e o interesse de bem servir? Se as suas roseiras fossem rigorosamente etiquetadas não se daria nunca tal engano.

Ha etiquetas de vários sistemas. As de madeira estragam-se com facilidade e a tinta dos seus letreiros se desvanece depressa á acção do tempo. As de zinco, escritas a nanquim, são mais resistentes, mas todas se torcem e encarquilham ao sol e á chuva. Verdadeiramente inalteráveis só as de vidro, que são as mais modernas e que se podem conseguir do seguinte modo:

Comprem-se tubos de vidro (dos de fornecimentos para laboratorios), de dez a quinze mm. de diametro. Cada um desses tubos de um metro pode ser dividido em dez ou doze envólucros para as etiquetas; para essa operação é necessário o auxilio de um massarico, que é, como todos sabem, a lâmpada usada pelos bombeiros para as suas soldas; aliás todos os jardineiros devem saber servir-se destas lâmpadas e ter uma sempre á sua disposição para as soldas urgentes, e que é de seu officio saber fazer. Aqueça-se o tubo na chama do massarico a uns dez centímetros da extremidade, — volteando-o sempre no fogo até que ele se torne côr de brasa e amoleça. Nessa ocasião, puxa-se o tubo de cada lado para o dividir. Uma das pontas afiladas da parte fragmentada é logo arqueada ao fogo para servir de argola do arame ou barbante que a terão de suspender mais tarde da planta; a outra ponta é destacada para que

por ela se possa introduzir a etiqueta de papel, com o nome da planta bem visível, e depois, de novo aquecida á chama do massarico até fechar-se de todo e tomar a forma arredondada, como a do fundo das ampolas.

Ha tambem etiquetas de celuloide. Como ha celuloide de todos os matizes pode-se ter etiquetas de cores variadas, o que oferece certo interesse nos jardins botânicos, servindo a designação das côres para a designação das familias, etc.

Formula da tinta para as etiquetas de celuloide :

Tanino 15 grs.

Percloroeto de ferro 10 grs.

Acotone 100 grs.

Nas etiquetas de zinco escreve-se a nanquim.

JANEAS FLORIDAS

Nas capitais mais opulentas e brilhantes do mundo, tais como Londres, Paris, Viena, Berlim, etc., os architectos, ao construirem os prédios não se esquecem de lhes pôr jardineiras nas janelas. Essa prática dá á cidade um encanto muito peculiar; é como que uma pincelada de civilização sobre a pedra ou a cal das paredes. Quem, em certas estações, passear por alguma dessas cidades europeias, levantando os olhos para a frontaria dos seus edificios, não rano os verá iluminados por um cordão de pellar-gónios róseos. A sensação é deliciosa. Mesmo em

grandes casas comerciais ha muitas vezes a alindar-lhes as fachadas verdadeiros canteiros suspensos em flor. Ao instinto de ganhar dinheiro, de fazer negócios, de tumultuar pelas ruas atrás de aventuras complicadas e algumas vezes perversas, se junta assim uma réstea de poesia calmante, que parece atenuar o excesso do vício ou da ambição das cidades muito populosas. Conta uma familia patricia, que residiu alguns anos em Berlim, que, ao alugar uma casa nessa cidade foi avisada pelo proprietário de que deveria cultivar nas suas jardineiras gerânios côm de rosa, que condissessem com os das casas vizinhas. Não era uma imposição, era um pedido, feito com tanta delicadeza que não pôde deixar de ser atendido. Um rebelde, ou não plantaria nada, ou matizaria as suas sacadas de flores amarelas, róxas, ou azuis, segundo o seu capricho e ficaria assim prejudicada a harmonia solicitada. O inquilino porem compreendeu o espírito da advertência e fez plantar nas suas floreiras gerânios iguais aos do seu vizinho.

Tambem flores em janelas, que se vejam das ruas, só muito bem dispostas e bem cultivadas, do contrário o que está destinado a ser um traço de luxo passa antes a sê-lo de ridículo. Sacadas occupadas com vasos de barro, caixotes ou latas com plantas desiguais, dão sempre uma impressão de desclegância e de desmasêlo.

Não temos, como em Paris, os sotãos, em que as pobres costureirinhas fazem os seus pequenos jar-

dins sobre as telhas dos quintos andares, jardins que não teem outro destino senão o de alegrarem as madrugadas das suas proprietárias, e as dos par-dais, porque não são vistos da rua por ninguém. Mas, se não temos trapeiras, temos terraços e jane-las de todos os feitios, e algumas delas nada perde-riam em ser adornadas com um cordão de flores ou de hera viva...

Embora muita gente diga, e escreva, que o Brá-sil é a terra das flores, é certo que em algumas outras, elas são vistas em maior abundância. O co-mércio das flores é tanto mais próspero, quanto mais civilisado é o lugar em que ele se desenvolve. Se nas vitrines de luxo a Flor é vendida por alto preço, nos mercados ambulantes ou nos mercados é ad-quirida cómodamente. O povo requintado está ha-bituado a comprar flores, como está habituado a tomar chá ou a tomar café. Elas representam uma necessidade de beleza para a sua alma, que ele sa-tisfaz, comprando-as e levando-as para o seu com-partimento, ás vezes bem modesto e solitário...

CERCAS E SEBES

Servem ambas, cêrcas e sebes, para o mesmo efeito, mas não são positivamente a mesma coisa.

A cerca pode ser feita com qualquer material que a isso se preste: fios de arame, troncos e ga-lhos de arvores, bambús ou trilhos velhos, tabui-nhas bem aparelhadas, etc.. A sebe é constituída

por plantas vivas, bem alinhadas, sem necessidade de amparo. Tanto a sebe como a cêrca podem ser muito lindas ou muito feias, segundo o sentimento de quem as compuzer. Em geral a nossa população campestre no Brasil não tem o instinto da poesia nem do gosto e ignora por isso quanto a arte aplicada, mesmo ás coisas mais rústicas e insignificantes, pode concorrer para tornar a vida risonha.

Por falta dessa estética instintiva, é que as nossas povoações do interior, e mesmo dos arredores das cidades, são tão desguarnecidas e banais e que permanecem desaproveitados tantos elementos naturais de ornamentação, que possuímos. E' por essa razão que as cêrcas dos quintais pobres são quasi sempre mal fabricadas e despidas de flores; entretanto é infinita a variedade de trepadeiras que aqui, mais do que em parte alguma, se prestam para enfeitar muros e cêrcas. Temos para isso, além de todas as variedades de trepadeiras cultivadas, conhecidas no mundo, ainda os cipós indígenas de efeito maravilhoso, como por exemplo o da flor de S. João. Precisamos todos convencer, a quem o não saiba, que não se deve considerar a flor apenas como luxo, mas como *necessidade*, como recurso magno de piedoso disfarce para as coisas feias, e de justa homenagem para as belas.

A felicidade gosta da sombra, por isso quem a quizer atrair deve plantar árvores e flores ao pé da sua porta...

Só para o entrelaçamento de cercas qualquer

trepadeira serve, e para esse efeito eu não disfarço a minha simpatia pelas *rosinhas-de-toucar*; para a formação das sebes são necessárias plantas fortes, que por si sós constituam uma parede divisória, como piteiras bravas, agaves americanos, cactos, bambús, espinheiros de Maricá e várias outras plantas de grande vitalidade.

CUIDADOS INDISPENSÁVEIS

Cultura alguma poderá ter êxito completo se a pessoa que a dirigir não a souber defender das pragas, das moléstias naturais ou dos assaltos da bicharia.

Sem boa higiene ninguém pode ter aparência sã e agradável nem produzir trabalho de valor, o mesmo acontece ás plantas que, para terem desenvolvimento e beleza precisam de ar conveniente, limpeza, e alimento correspondente ás suas necessidades. Nem sempre são fáceis de remediar certos males ocasionais. Quem poderá obstar os danos de uma inesperada nuvem de gafanhotos, que tudo devora, ou de qualquer outra temível e nociva invasão? Só uma observação incansável, conseguirá alguma coisa nesse sentido, num país como o Brasil, em que, se a exuberância da vegetação é prodigiosa, a infinidade de animais que lhe são prejudiciais não o é menos.

Toda a vigilância é pouca na defeza dos campos, pomares, hortas e jardins, não só contra os

insectos, larvas ou vermes que, constante ou periodicamente os assaltam, como na conservação de certos animais, como por exemplo o sapo, que é bom jardineiro, porque devera os bichinhos que prejudicam as plantas. A presença do sapo é portanto útil num jardim.

Para corrigir os estragos dos animais ou das moléstias é indispensavel não ignorar o valor e o modo de applicação dos insecticidas e fungicidas nas moléstias parasitárias e saber ministra-los no momento oportuno, quer em pulverizações, irrigações ou lavagens, quer em desinfecções na própria terra. E' ainda necessário saber amputar as plantas, cauterizar as suas gangrenas, extrair as suas verrugas que ás vezes apparecem não só nos troncos e galhos como nas próprias folhas; cura-las da lepra, da tinha e de outras enfermidades, se não tão feias pelo menos igualmente perigosas.

Ha plantas que em estado normal de saúde se tornam estéreis por falta de sol ou por picadas de insectos. Nos jardins este caso não tem ainda assim tão subida importância, mas num pomar representa um problema sério, porque uma árvore não pode ser transplantada com a mesma facilidade com que se transplanta um arbusto qualquer. Ha plantas que entisicam, ou por se terem esgotado em florações demasiadamente abundantes, ou por mal climatérico ou mesmo pelos estragos dos parasitas. Como o homem, as pobres sofrem de anemia, de hidropisia, proveniente esta do excesso da rega, de tumores,

de raquitismo, de neurastenia, de nostalgia, e de outras enfermidades que só a bôa observação e a muita prática ensinam a distinguir, e... quando possível, a curar.

DROGAS UTEIS A'S PLANTAS

Lisol — misturado com água pura na proporção de 10 por mil.

Vaporite, para os vermes do subsolo.

Enxôfre — para pulverisações.

Pó de Tabaco — para pulverisações.

Chá de Folhas de Tabaco — para regas.

Sulfato de cobre — para lavagens, numa solução de 10 por mil.

Petróleo, com água, ou simples em desespero de causa, para limpeza de ferrugem nas plantas.

Cal — para misturar-se á terra que dela precise, mesmo seca e em pó; e, dissolvida em água, para pincelar os troncos e os galhos das árvores, no outono.

Azeite — para untar os galhos ressequidos.

Salitre do Chile — para tornar mais forte e mais vivo o verde dos gramados e vivificar a terra.

Naftalina em pó, misturada a serradura para espalhar em pequena porção ao redor da planta infectada.

Fosfatos — para fortificar a terra.

Sabão preto, — para lavagens nas pragas.

Sabão branco — com água e querosene, para o mesmo fim.

Gazolina — para matar o cupim.

Pó de ossos — como tónico.

ALGUMAS RECEITAS

PARA AS LARANJEIRAS

Sabão	250 gramas
Querosene	4 litros
Água	2 litros

Vão ao fogo a água e o sabão até este estar completamente dissolvido. Tirado do lume, deixe-se arrefecer, misture-se-lhe o querosene, e lave-se com esta solução as laranjeiras, limoeiros, etc. que estejam atacados de peste-branca.

PARA AS ROSEIRAS

Ponha-se uma boa quantidade de fuligem de chaminé dentro de um saco amarrado e mergulhe-se este saco em uma tina d'água bem limpa.

Passados dias, quando a água apresentar uma cor semelhante á do vinho do Porto, reguem-se com ela as roseiras.

PARA AVIVAR O AZUL DAS HORTENSIAS

Para avivar o azul das hortensias, mistura-se á terra em que elas estejam plantadas uma boa porção de ardósia finamente pulverizada. Também se

podem misturar ao solo partículas de ferrugem, destacadas de ferros velhos.

Rega-se cinco ou seis vezes a planta, antes da floração, com água na qual tenham estado mergulhados durante alguns dias pedaços de ferro imprestável, tais como pregos enferrujados, latas velhas, etc. Para que as flores conservem a sua cor azul devem ser assim regadas durante toda a floração.

Também se pode empregar para o mesmo fim uma solução aquosa com um milésimo de sulfato de ferro; ou uma solução com um centésimo de alumen amoniacal. Deve-se regar assim muitas vezes. Para fazer tornar-se branco o matiz azul, basta rega-las com água em que se tenha dissolvido um pouco de cré.

PARA AS FORMIGAS

(Do livro *Recettes de la Campagne*)

Ha vários meios de combater as formigas, sendo para notar-se que os mais simples são muitas vezes os mais eficazes.

Espantalhos: A) — Coloquem-se nos lugares frequentados pelas formigas bocadinhos de carvão de madeira. (*) Este processo é empregado ha mais de dois séculos em certas regiões.

(*) As pretas, quando fazem no chão uma cruz de carvão, para desviarem o curso de uma correcção de formigas, pensam estarem executando um acto cabalístico, ou que é a forma simbólica do sinal que faz retroceder os animais do logar por onde caminham.

B) Esfreguem-se os troncos das árvores ou os pés dos móveis com giz, de modo a cingi-los completamente com um anel branco. As formigas não ousarão nunca transpôr esse anel. O seu pavor é tamanho, que um desses animaizinhos em torno do qual se faça em qualquer parte um circulo de giz ficará por ele detido indefinidamente.

C) Rodeiem-se os troncos das plantas com uma corôa de trapos embebidos em alcatrão, breu ou pês.

Armadilhas: A.) Ponham-se nos lugares invadidos pelas formigas, tigelas besuntadas com doce. Quando as formigas aí estejam amontoadas despeje-se-lhes em cima água a ferver. Facto curioso, realizada a primeira hecatombe nenhum outro insecto volta a esse lugar. Supõe-se que o cheiro das formigas esalçadas as aterrorize.

B) Ponha-se água com mel numa vasilha até ao meio da mesma.

As formigas, atraídas pelo cheiro, ou aí morrem afogadas, ou todas se reúnem aglomeradamente num ponto da superficie do líquido. Evite-se então deixa-las formar um grande bolo, porquê, se um desses insectos consegue poder comunicar-se com a borda da vasilha, todos os outros desaparecerão como por encanto, servindo-se dele como de uma ponte improvisada.

C) Quando se trate de livrar uma árvore de tão ferozes inimigos cinja-se-lhe o tronco com uma folha de chumbo ou lata em forma de funil com as

bordas reviradas. Tenha-se o cuidado de untar o interior desse funil com visgo.

Venenos: A) Reguem-se os lugares empestados pelas formigas com petróleo ou água de tabaco.

B) Espalhem-se pelo chão folhas de tomateiro, meio fácil, eficaz e económico de afugentar as formigas.

C) Serradura molhada com água em que se tenha lavado peixe é também optimo recurso para as fazer fugir.

D) Algumas gotas de ácido fénico embebidas em trapos, ou pedacinhos de cânfora enrolados em papeis conseguem muitas vezes bom resultado nesse sentido.

E) Talhadas de limão emboloradas, que desprendam um cheiro como o do éter, preservam armários e prateleiras dos assaltos das formigas.

F) Polvilhem-se os formigueiros com sal de cosinha ou faça-se um trilho com esse mesmo sal ao longo do caminho por onde sigam as formigas. Emprega-se do mesmo modo uma mistura de borax com assucar.

G) Despeje-se no buraco do formigueiro uma solução de hiposulfito de soda de vinte a trinta gramas por litro.

Podem-se empregar para este fim banhos servidos de fotografias, tendo cuidado de os não derramar sobre madeiras pintadas. Este líquido não é nocivo ás plantas.

H) Prepare-se uma certa quantidade de tintura de pau Panamá. Vazam-se em uma terrina 100 gs. desta tintura; 400 gs. de água e 150 gs. de sabão preto; agita-se este líquido até á sua perfeita homogeneidade, depois juntam-se-lhe, gota a gota 100 gs. de petróleo. No momento da aplicação, junte-se-lhe 10 litros de água, vazando a água na emulsão e não a emulsão na água, o que poderia provocar a separação parcial do petróleo. Afogam-se os formigueiros com este preparado, ao cair da noite, hora em que está reunida toda a colónia dos insectos.

Alem destes preparados, ha os formicidas do comércio, cuja applicação é fácil e conhecida. Em todo caso é bom saber todos os meios e todos os modos de combater um inimigo tão pertinaz e tão prejudicial das nossas culturas como é a formiga.

PARA A DESTRUIÇÃO DOS PULOÕES E DAS LAGARTAS

- 100 centímetros cúbicos de suco de Tabaco;
- 100 centímetros c. de alcool metílico;
- 20 gramas de carbonato sodico cristalizado;
- 100 centímetros c. de sabão preto.
- 10 litros de água.

(Receita do Ministerio das Finanças de França).

- 275 centímetros cubicos de Tabaco;
- 225 centímetros cubicos de sabão preto;
- 10 litros de água.

(Almanach des jardins).

Estas misturas podem também ser volatilizadas se for necessário aplica-las em uma estufa. Nesse caso deite-se o líquido sobre um pedaço de ferro em brasa. Formam-se instantaneamente os vapores insecticidas. No fim de uns tres minutos a atmosfera de uma estufa de uns 80 metros de extensão torna-se irrespiravel. As lagartas que ali estiverem morrerão todas.

Emulsão insecticida — (formula Riley):

Bate-se fortemente uma mistura de leite de vaca com o dobro do seu volume de petróleo. Obtem-se deste modo uma pasta que só se dilui no momento da aplicação.

CONSERVAÇÃO DOS MIOSOTIS

Colhidos os miosótis mergulhem-se-lhes as hastes num prato fundo cheio d'agua. Coloquem-se depois estas flores perto de uma janela, para que recebam luz em abundância. Vá-se enchendo o prato de água á proporção que ela se evapore. Depois de umas tres semanas aparecem novas raizes na parte da flor banhada pela água, raizes que vão pouco a pouco formando uma espécie de tecido, muito delicado. As flores conservarão a sua frescura. A' medida que as raízes forem penetrando mais profundamente na agua novos botões virão suprir uma ou outra flor emurcheda.

CONSERVAÇÃO DAS HORTÊNCIAS

As hortênsias podem ser conservadas com aparência de frescura durante muitos dias depois de cortadas, se ficarem todas as noites completamente mergulhadas em água, havendo de manhã ainda o cuidado de as pôr nas jarras em água renovada.

DESTRUIÇÃO DAS ERVAS NAS ALEAS DOS JARDINS

Regue-se copiosamente em um dia seco as ruas de um jardim ou aléas, com uma solução de sulfato de ferro, (40 grs. por litro); sulfato cúprico (10 grs. por litro); água com 10 por 100 de formol comercial ou 10 por 100 de ácido sulfúrico. Pode-se também empregar água salgada, petróleo e uma emulsão composta de água e de alcatrão em pesos iguais.

HIGIENE DAS MÃOS

Após o exercício da jardinagem lavem-se as mãos com limão e água pura. Não havendo limão, deite-se na água uma pitada de Biborax, ou umas gotas de vinagre de toalete. Isto feito, será bom unta-las com um pouco de creme, cujas receitas, vão a seguir. Está claro que as pomadas para esse fim fabricadas pelos perfumistas produzem o mesmo efeito, sendo de aparência mais delicada; tem estas porém a vantagem da economia, circunstância que talvez seja, para alguma das leitoras, muito apreciável.

1.ª — Duas ou três batatas bem brancas e fari-
nhentas, esmagadas e cosidas em leite. Esfreguem-se as mãos em todo o sentido com este pirão, revol-

vendo-o e esmagando-o entre os dedos até senti-los perfeitamente amaciados. Lavem-se depois as mãos com água pura.

Não pode haver nada mais simples. Esta receita só tem um inconveniente, é a maçada de precisar ser preparada na ocasião.

2.^a — Se as mãos ficam arranhadas pelos espinhos ou picadas pelo canivete da enxertia, depois de convenientemente desinfectadas devem ser calçadas em luvas de borracha unidas no interior com esta preparação :

Uma gema de ovo bem batida numa colherada de óleo de amendoas doces, 8 gramas de água de rosas e 4 de tintura de benjoim. As luvas assim besuntadas podem servir para uns oito dias. Ter-se ha o cuidado de as escolher grandes, o que facilitará a operação de as virar do avesso com facilidade.

3.^a — Farinha de milho molhada com água pura e algumas gotas de glicerina, adoça e refresca as mãos.

4.^a — As nódoas da tinta com que se escrevem as etiquetas de zinco das roseiras, saem com facilidade com o sumo de tomate maduro.

Por ultimo esta, que tem a vantagem de poder ser conservada por muito tempo:

Oleo de amendoas doces	150,0
Branco de baleia	32,0
Cêra branca	16,0
Agua de rosas	30,0
Tintura de benjoim	

ORNAMENTAÇÕES DE CIMENTO

Este livro não tem, como já ficou manifestado em um outro dos seus capítulos, nenhuma simpatia pelas guarnições de cimento, que pretendem imitar fragedos rústicos e troncos de árvores, com que muitos proprietários guarnecem os tanques e os gramados dos seus jardins. Os culpados desse desastre foram os parques públicos, com o exemplo das suas pontes e as suas cascatas de imitação. Ainda nos jardins de grandes dimensões, um ou outro acessório insignificante pode passar ás vezes despercebido, mas nos de tamanho muito mais limitado, eles saltam á vista logo no primeiro relancear dos olhos. Quem pudesse revestir esses enfeites áridos com heras e musgos, verificaria depois a diferença...

Nós ainda não tentámos no Brasil a cultura da hera rasteira, com que na Europa, principalmente na Inglaterra, se guarnecem relvados e aléas. Essa hera é em tudo semelhante á hera trepadeira, menos na capacidade de marinhar por árvores e muros.

Aplicada sobre as ornamentações de cimento a que aludimos, ela transformaria em pouco tempo a banalidade em beleza.

E' uma experiência a tentar ...

TANQUES E CASCATAS

Um lago em que nade um cisne e em que á noite a lua se espelhe suavemente, é uma das ex-

pressões da natureza ou da arte mais decantadas pelo lirismo de todos os tempos; mas ao encanto do seu aspecto, juntam-se ás vezes o perigo dos seus miasmas e da sua criação de mosquitos propagadores da morte... Por isso, quem quizer ter o luxo de ostentar no seu jardim lagos e grutas, precisa ter o máximo rigor na sua limpeza. A água parada dos tanques tem de ser renovada pelo menos duas vezes por semana, convindo nos outros dias bate-la durante alguns minutos com uma pá de madeira de tamanho proporcional ao do tanque. As grutas constituem um perigo permanente, por terem depressões e frinchas onde a água se empoça.

FLORES DE EXPOSIÇÃO

Como em geral as flores das exposições são muito maiores e mais perfeitas do que as usuais dos jardins, mesmo os mais caprichosamente cultivados haverá quem tenha curiosidade de saber como se pode conseguir tal resultado.

Antes de mais nada lembremo-nos de que os expositores de sucesso não só são, em geral, excellentes cultivadores, como tem grande número de espécimens da sua especialidade, de modo a poderem escolher neles os que apresentem melhores condições quando chegada a vez de os oferecer á apreciação do público. No mais o processo é o seguinte:

Quando as flores estão com os botões já distintamente formados mas ainda mal desenvolvidos,

escolhem-se os mais prometedores, procurando em seguida protegê-los da acção directa do sol e da chuva por meio de uma carapuça de papel fino. Corta-se para isso uma rodela de papel golpeando-a na parte em que a haste da flor tenha de entrar, unindo-lhe depois as extremidades com um pouco de cêra de modo a que a flor possa dentro desabrochar á vontade. Passa-se des-de então a alimentar a planta com um pouco de adubo de estábulo em uma solução de um por cento de salitre do Chile. Estes estimulantes não devem ser usados antes de estarem os botões bem formados, do contrario as folhas se desenvolveriam em vez das flores. As regas serão feitas cuidadosamente, de modo a não caírem sobre o papel.

(*Gardening in the Tropics*) G. M. Woodrou.

MATIZES DE ESTIO

Para dar côr no estio aos jardins, semeiem-se na primavera as Zínias multicores grandes e dobradas, que são verdadeiras labaredas em forma de flor; as rasteiras Portulacas, próprias para tapetes, de colorido risonho, as Perpétuas solferinas, os Gerânios vermelhos, brancos ou côr de rosa; as Saudades, de que se começam a cultivar entre nós algumas variedades interessantes, e poucas flores mais. Mas no verão como no inverno, sendo bem tratados, florescem abundantemente o Plumbago Capense (jas-

min azul) os Hibiscos e as Eufórbias a que se dá o nome de Casadinhas, por desabrocharem aos pares.

Se o ardor do Sol impede muitas flores de desabrocharem, aumenta o brilho metálico dos Crótons, arbustos maravilhosos em que se fundem todos os tons dos metais ricos, e em cujas folhas escorrem em fios trémulos, sangue vivo e polvilhações de esmeralda. Os Côleos de veludo, de tons imprevisíveis, embelezam os relvados pondo-lhes manchas alegres e originaes, quando bem batidos de sol.

Mesmo sem flores os nossos jardins podem ser muito matizados.

PLANTAS PERMANENTES

A felicidade dos jardineiros é haver nos jardins plantas permanentes, que não necessitam de tantos cuidados como as das sementeiras anuais e são, ainda por cima, as mais bonitas. Nunca se verá desguarnecido um jardim que tenha Roseiras, Camélias, Hibiscos, Magnólias, Manacás, Jasmineiros, etc.

A dificuldade principal nesse caso é a da boa colocação de cada arbusto, de modo a poder garantir-lhe quem o plante, uma estabilidade cómoda e feliz. Alguns livros de jardinagem consultados para a elucidação deste, chegam a determinar quais as espécies e as variedades que devem ser escolhidas para adorno permanente dos jardins de tais ou tais dimensões, concordando com estas o número e a

qualidade das plantas aconselhadas. E' querer levar muito longe a vontade de ter opinião. Cada indivíduo tem as suas preferências e só de acordo com o seu sentimento deve plantar o seu jardim.

A VIDA DAS PLANTAS

A infância das plantas é passada nos viveiros, verdadeiras *crêches* do mundo vegetal. E' na idade madura que os seus produtos se tornam melhores e mais abundantes; na velhice são infecundas.

Para demonstrar a afinidade existente entre a vida das plantas com a dos animais, apresenta um interessante livro espanhol o seguinte quadro:

<i>Reino Vegetal</i>		<i>Reino Animal</i>
As Raizes	— correspondem aos —	Vasos linfáticos.
As Folhas	— > aos —	Pulmões.
As Folhas Aquáticas	— > ás —	Quebras dos peixes.
O Pólen	— > ao —	Fluido prolfico.
As Sementes	— > aos —	Ovos.

Uma questão que preocupa agora os estudiosos, na botânica, é a de se saber se os vegetais tem tacto e vista. Ha quem afirme que sim, pela faculdade que tem certas plantas carnívoras de se moverem para agarrarem os insectos que voejem a curta distancia de suas flores. Como os animais, as plantas experimentam visíveis sensações ao impulso de agentes exteriores: luz, frio, chuva ou calor. Algumas chegam a estremecer aos grandes rumores, o

que faz também supôr que elas oiçam. Assim como toda se encolhe ao contacto de quem a queira colher, assim também a Sensitiva se retrai ao som que faça vibrar o ambiente em que ela vive.

O mero instinto não nos faz imaginar que a escultural Camélia seja uma flor surda-muda? Não tanto porque lhe falte o aroma, mas pela sua expressão de impassibilidade interior. Ela é só sensível ao tacto. O mais leve toque a macula. Ha flores igualmente inodoras mas que acordam em quem as vê a idéa de que exprimem e colhem impressões esparsas de luz, de sons e de ritmos, como as hidranjas, por exemplo.

Estes mistérios ainda não penetrados constituem motivos muito atraentes para estudo; bem longe, ai de nós, do alcance de um simples livro de jardinagem, como este...

Sabendo-se que a força digestiva das plantas é muito superior á dos animais, ninguém extranhará que elas possam sofrer, como eles, de dispepsias e outras doenças originadas do excesso ou da qualidade dos alimentos, bem como da sêde ou da fome. Como a sua organização porem é muito menos complexa do que a dos animais, é de supôr que seja também menor o número das enfermidades de que elas padeçam. Em todo o caso sofrem também (como já ficou dito em outro capítulo) de moléstias esporádicas, epidémicas e endémicas, externas ou internas, cujo tratamento depende da pericia do jardineiro que, para as debelar se servirá dos processos

cirurgicas ou medicinais, segundo a necessidade da ocasião.

Apesar das afirmativas modernas de que as plantas, como os glutões, devoram com avidez mas sabem distinguir o sabor das substâncias que lhes são favoráveis, e são, como todos nós, sujeitas ao sono, á vigília, a amores e a repulsões, tanto como á sensação do frio, do calor e da luz, é ainda assim preciso muito esforço no sentido de lhes adivinhar as exigências! De tudo isto se conclui que temos de considera-las com certo carinho fraternal... Na vida das plantas ha ainda segredos que o poder e a arrogância da intelligencia humana não logrou esclarecer, mas dia virá em que alguém nos explique, de entre outras particularidades das flores, a do perfume por exemplo.

O PERFUME

Que é o perfume?

Contentemo-nos, por enquanto, com a definição meramente literária que lhe dão de — voz das flores — e concordemos que, como tal, ela não pode ser nem mais agradável nem mais evocadora. A variedade de aromas nas flores é infinita e entretanto distintíssima; o seu poder de expressão absolutamente inconfundível. Quem não distinguirá, de olhos fechados, a fragrância das rosas da fragrancia das violetas ou dos resedás, dos jasmims ou do heliotropo, etc.?

Em geral os jardins são tanto mais cheirosos quanto mais velhos. No mistério do sub-solo as raízes como que absorvem umas das outras segredos deliciosos que expandem depois na flor, cada qual a seu modo, com a sua eloquência peculiar, sempre incompreendida pelo homem que, aliás, em todos os tempos adorou o perfume.

Nos cultos pagãos os sacerdotes de Menfis queimavam-no em honra do Sol, e a Igreja Católica espalha-o em núvens dos seus turibulos ante os altares. A Arábia e a Índia desentranharam-se em flores para o fabrico de óleos, essências e pós para incensórios. As mulheres romanas e as mulheres gregas rescendiam tanto, ou quase tanto como as figuras bíblicas da Sulamita e de Maria Madalena.

A cada divindade do paganismo era consagrado um perfume especial. A Saturno: — flor de cactus; a Júpiter: — benjoim; a Juno: — musgo; a Marte: — aloés; a Apolo: — açafraão; a Mercúrio: — cinamomo; a Venus: — âmbar.

Para a sua classificação dividem-se os perfumes das plantas em oito bases principais: Ambrosíacos, os muito excitantes. Suaves, os brandos. Tónicos, os que são exalados por plantas tónicas, como a Canela, o Louro, a Moscada, o Mirto, o Gengibre, etc. O Acre, das amendoas amargas, do Absinto, do Ruibarbo. O Penetrante, o Fétido, o Nauseabundo e o Narcótico.

Na composição de um jardim é prudente escolherem-se para a vizinhança da casa, principalmente

na parte onde estiverem os quartos de dormir, plantas cujo cheiro não produza desordens físicas em seus habitantes.

RUDIMENTOS DE BOTANICA

(Apenas os indispensaveis para a jardinagem prática).

A *Raiz* é a parte inferior do vegetal, que entra pela terra e suga desta o alimento necessário á sua nutrição.

Entretanto, é preciso notar que nem todas as plantas tem raiz, e que ha outras cujas raízes não penetram na terra mas flutuam nos ares, mergulham nas águas, se estendem sobre rochedos ou se adaptam sobre outros vegetais a cujas expensas vivem. Distinguem-se tres partes na raiz: — corpo, que é a parte central, prolongamento do caule; — colo ou nó vital, linha de demarcação que separa o caule da raiz; e as — radículas, cujas extremidades, chamadas espongíolos, são os órgãos activos da absorção.

Ha tres espécies de raízes: — fusiformes ou cônicas, fibrosas e tuberiformes.

As fusiformes penetram no solo verticalmente; são simples ou ramificadas.

As fibrosas são compostas de fibras, delgadas em umas plantas, grossas em outras.

As raízes tuberiformes são as em forma de túberculo, como as da dália, da peónia, etc.

Como as plantas, as raízes são anuais, bi-anuais ou vivazes.

As anuais vivem um ano, como as do trigo, do milho, etc.

As bi-anuais são as das plantas que no primeiro ano só produzem folhas e não dão flor nem fruto senão no ano seguinte.

As vivazes são as que duram um grande número de anos.

Raízes adventícias ou aéreas são as que nascem no caule da planta acima do solo, como as da hera.

Caule é a parte da planta que cresce em sentido inverso ao da raiz e que sustenta os galhos, as folhas, as flores e os frutos. Ele varia de estrutura e de aspecto, segundo o organismo da planta a que pertença. Assim, será respectivamente denominado: *Caule*, *Tronco*, *Espique*, *Haste* ou *Colmo*.

O *tronco* é lenhoso, mais grosso na base do que na parte superior. Pertence ás árvores ramalhudas ou subdivididas em vários galhos.

O *espique* é o caule cilíndrico e simples em toda a sua extensão, como o das palmeiras, que só na extremidade superior se orna de folhas.

A *haste* parte da raiz não tem folhas e termina na flor, como no jacinto.

O *colmo* pertence ás gramíneas. De ordinário é ôco.

O *Caule*, propriamente dito, é o mais vulgar: vemos-lo nos cravos, nos goivos, nas esporas, etc.

Caule Volúvel — é assim chamado o das trepadeiras. Quando os caules volúveis tem filamentos mais ou menos enroscados, dá-se a esses filamentos o nome de *gavinhas*. O caule dos maracujás e das videiras tem gavinhas.

Caules subterrâneos, a que se dá também o nome de — *rizomas*, são os que tomam posição horizontal em baixo da terra. De distância em distância emitem eixos secundários que se vêm desinvolver á superfície do solo. Observe-se o iris.

Bolbo. O bolbo compõe-se de tres partes : disco, raiz, escamas. O disco (caule em forma de cebola) tem na parte superior as escamas e na inferior as raízes. Ha tres espécies de bolbos ; tunificados (com túnicas), escamosos e sólidos. Podem ser simples ou compostos. São compostos quando constituídos por vários bolbos pequenos.

Tubérculos, são caules subterrâneos cheios de matéria feculenta — como a batata, etc. (*)

Espinhos — são uma excrescência dura e aguda que nasce do lenho ou da epiderme de certas plantas. Dividem-se em espinhos propriamente ditos e em acúleos (que são os que facilmente se podem destacar das hastes). A lorangeira tem espinhos ; a roseira tem acúleos.

Gomos, gêmeas, olhos ou borbulhas — As bor-

(*) Ver o capítulo : — Plantas-tuberosas.

bulhas formam os órgãos produtores de ramos, ro-lhas ou flores e muitas vezes servem para a reprodução, por meio do enxerto. Formam-se no verão, e recebem o nome de olhos; desenvolvem-se no outono e tomam o nome de borbulhas; conservam-se estacionários no inverno; e na primavera se entumecem, cabendo-lhes então a denominação de gomos.

A Folha — é o órgão respiratório das plantas. Ela se divide em duas partes: pé e limbo. O limbo tem duas faces, uma superior e outra inferior; base, vértice e orla. E' composto por uma rede de fibras e veias e revestido por uma epiderme porosa. As folhas transpiram pela sua face superior e absorvem a humidade do ar pela sua face inferior. Realizam assim as suas duas importantes funções de absorção e de exalação.

Pecíolo — é a parte da folha que prende o limbo ao tronco.

Limbo — é a parte larga da folha.

Talo — é a fibra grossa que se estende pelo meio da folha, prolongando-se ás vezes até confundir-se com o pecíolo.

As *Flores* — a flor compõe-se das seguintes partes:

1.^a — Cálice, envólucro externo formado por folhas modificadas que se chamam sépalas. São ordinariamente de côr verde.

2.^a — Corola, é o segundo envólucro formado também por folhas modificadas, que têm o nome de pétalas e são de cores variadas.

3.^a — Estames, órgãos sexuais masculinos, pequenina haste terminada em forma de martelo. A haste tem o nome de filete; o martelo o de antera. A antera é uma espécie de saco membranoso, cheio de tênue pó, geralmente amarelo e fecundante, chamado — pólen.

4.^a — Pistilos, órgãos sexuais femininos.

O pistilo, bem como o estame, compõe-se de tres partes principais: ovário, que contem os óvulos ou rudimentos de sementes; o estilete, prolongamento filiforme, que nasce da parte superior do ovário; e o estigma — dilatação terminal do estilete, ou cálice da fecundação da flor.

Chamam-se: *Completas*, as flores que se compõem das quatro partes: cálice, corola, estames e pistilos. *Incompletas*, se não têm cálice ou não têm corola; *Unisexuais*, se carecem de estames ou de pistilos; *Hermafroditas*, se apresentam unidos pistilos e estames no mesmo receptáculo (como nas rosas); *Estéreis*, as que não teem estames nem pistilos, como as hortênsias; *Regulares*, as divisíveis pelo centro em duas partes iguais, como os jasmims; *Irregulares*, as que se dividem em uma direcção diagonal, como as ervilhas de cheiro; *Simples*, as que só têm uma ordem de pétalas; *Dobradas*, as que têm muitas pétalas; *Prolíferas*, as que dão origem na sua parte central a uma outra flor, fenómeno

que é várias vezes apresentado pela saudade e mesmo, mais raramente, pela rosa.

Isto que aqui fica é rudimentar, é pouquíssimo, mas esperemos que o bastante para acordar, em quem porventura nada tenha aprendido da ciência, ou já a tenha esquecido, o desejo de a estudar em qualquer compêndio fácil, ou relembra-la, a que é mais simples. E não será tempo perdido, porque as sciências naturais, além de ilustrarem o espírito, aperfeiçoam o coração, tornam-no mais fraternal para com todos os seres da Natureza...

ESPECIES DIVERSAS

Se tivéssemos um dicionário brasileiro de plantas domesticadas e domesticáveis, indígenas e aclimadas, a exemplo do Dicionário de G. Nickolson, conservador dos Jardins de Kew, não seria muito difícil escrever-se uma obra completa sobre jardinagem, horticultura ou pomologia no Brasil. Expostos os processos de cultura em geral, o problema mais delicado é poder determinar com precisão a que mais pode convir a tais ou tais regiões e desenvolver uma lista perfeitamente organizada não só das nossas plantas silvestres, que podem ser utilizadas nos pomares e nos jardins, como das outras, já educadas pelos floricultores estrangeiros.

Um tal dicionário deveria ser tão minucioso quanto possível, não se contentando com o dizer o nome

das plantas, sua família e região, mas também quais as condições de clima e de situação que lhes pudessem ser favoráveis. Se tivéssemos editores corajosos, este livro, além da sua edição popular, teria outra em que muitas das nossas flores silvestres, ainda não domesticadas, seriam reproduzidas em aquarelas bem litografadas, na certeza de que esse seria um excelente meio para a sua divulgação. Semear beleza por todos os meios e todos os modos é sempre procurar dar alegria ao mundo. Com raras exceções, nós cultivamos no Brasil as mesmas flores que se cultivam na Europa e na América do Norte, de onde nos veem catálogos tentadores e elucidadores, mas precisaríamos do apoio de outros conselhos e de outras experiências, para aproveitarmos muitos exemplares da nossa Flora, exemplares que trariam notas inéditas aos nossos jardins. O Japão, com aquela sua finura expansiva, já tem fornecido ao mundo plantas lindíssimas, que atestam a fecundidade do seu solo e o bom gosto da sua população, que tão admiravelmente as aproveita.

Neste livro a lista de plantas representa apenas uma formalidade, por isso ela será resumida e incompleta. Todos os dias aparecem variedades novas e para a sua referência que rios de tinta e montes de papel seria preciso consumir? De resto, já está escrito que esta é apenas uma obra de modesta divulgação, incentivo para o estudo e o gosto da jardinagem e nada mais.

Dá-se o nome de — rústicas — ás plantas que resistem com heroicidade ás vicissitudes das intempéries. Os hibiscos — são rústicos; os manacás são rústicos, os jasmineiros, as roseiras e muitas outras plantas o são.

Chamam-se — meio-rústicas — ás que teem necessidade de ser protegidas, dadas certas circunstâncias de calor ou de geada, por toldos, estejas ou folhagens. Chamam-se — de estufa, as que precisem ser abrigadas sob vidraças; — de caramanchel, aquelas a que convenha uma luz coada por entre ripas finas ou por entre trepadeiras, o que lhes permite terem ao mesmo tempo ar, sol e sombra.

Acanto. Planta herbácea, rústica, vivaz, de folhas grandes recortadas e pendões centrais de alvas flores. Isolada no meio de um gramado produz um efeito admiravel. A forma das suas folhas é muito reproduzida na escultura ornamental.

Multiplicação por sementes ou divisão de pés.

Vergílio descreve Helena com um vestido bordado de acantos em relevo. Segundo uma lenda, foi esta planta que inspirou o capitel corintio. Tendo morrido uma formosa moça de Corinto na véspera dos seus esponsais, a sua aia juntou todos os adornos com que ela se enfeitaria nessa cerimónia: véu, grinalda e mais acessórios, e colocou tudo numa cestinha, coberta com uma telha junto do seu túmulo. Um ano depois um pé de acanto nasceu ali perto

desabotoando os seus galhos ao redor da cesta; impedidos de crescer, por terem esbarrado em cima com os bordos da telha penderam para o chão recurvando docemente a sua folhagem. Collimaco, célebre escultor, surpreendeu por acaso essa decoração natural e concebeu no mesmo instante a idéa do capitel corintio.

Aquimenes. Multiplicação por estacas a por folhas, em estufa. Resistem ao calor.

Alfinetes. Bom adorno para corbelhas. Multiplicação por sementes. Cores alegres.

Amaranto. Flor de púrpura ornamental em veludo pomposo. Facilíma de cultivar, esta planta de que ha já muitas variedades, umas compactas, outras empenachadas, côr de mosto, côr de sangue, côr de vinagre, côr de oiro, ou branca, amarela ou morango, em espigas, em corimbos, em leque, (crista de galo) em flores cilíndricas, (cauda de raposa), anãs, altas, redondas, ou de forma piramidal, ela oferece ao jardineiro um dos recursos mais apreciáveis, por que tem boa vontade em brilhar e viver sem exigir em troco muitas considerações.

Amores Perfeitos: Quem, dispondo de um cantinho ao menos, não cultivou já florinha de tão formosos matizes e curiosa expressão?

No Brasil ainda não foi descoberto o segredo que faz com que estas flores na Europa atinjam as proporções maiores do que entre nós.

Plantada por semente em viveiro, esta planta deve ser mudada umas duas vezes antes de ficar no seu posto definitivo. Não é ornamental, é sentimental. Seria ingratidão não lhe darmos um logarzinho em casa. Também se multiplicam por estacas, dos ramos que deitados por terra vão criando raízes. O guano é o seu adubo predilecto, segundo P. Sales, no seu — *O Jardineiro Brasileiro*.

Lenda do Amor Perfeito. *Uma antiga superstição da França fazia vêr nas tres côres desta flor a imagem da Santíssima Trindade. O triângulo formado sobre a pétala inferior representava ainda as tres pessoas distintas em um só Deus verdadeiro, que é o olho central da flor. Ha ainda quem chame por isso a esta planta «Herbe de la Sainte Trinité» — erva da Santíssima Trindade.*

A origem do Amor Perfeito é na mitologia a mesma da Violeta: Júpiter tendo metamorfoseado a deusa Io, depois Isis, em uma bezerrinha, para livra-la das perseguições de Juno, cobriu os campos de Amores Perfeitos e de Violetas, para torna-los dignos dela.

Anémone — planta anã, de raízes rizomatosas, como as dos Rainúnculos. Na poesia tem a vantagem de rimar com Desdémone, personagem citada frequentemente, em todas as literaturas, e nos jardins a vantagem de servir para lindas bordaduras. Gosta dos climas frescos. Cores suaves.

Aster. Divide-se esta bonita planta por soqueira e merece ser cultivada, porque a sua flor, — Margarida — é bonita e variada. Na América do Norte, um floricultor apaixonado dedicou-se por tal modo á sua cultura que ela é hoje ali considerada como flor de primeira classe. Multiplicação por semente e divisão de soqueira.

Açafratinhas de Alice. (Alissum). Cheira a mel. Rasteira e delicada, de um branco prateado, produz bonito efeito em tapetes e cercaduras.

Avenças. Estas graciosíssimas plantas requerem terra vegetal e o seu adubo preferido é o da varredura dos galinheiros; teem também certa predilecção pelo chá. Está claro que, apesar de muito finas, não o tomam em chavenas de porcelana nem com assucar, mas pelo ralo fino dos regadores e não todos os dias, mas quando os bules da casa não tenham ficado esgotados. Devem estar ao abrigo dos ventos e das soa-lheiras. As que são cultivadas dentro de casa deverão ser regadas com água, apenas quebrada da friura.

Balsamina. (Beijo de Frade). A melhor raça é a denominada — camélia. Planta muito florífera e de bonito efeito para grupos em corbelhas. Chama-se assim a pequeninas cercas de taquárinhas ou de varais finos de ferro pintado, imitando cestas de forma oval ou circular, para adorno de relvados.

Bocas de Leão. Multiplicação por semente. Lindas para guarnições de jarras e para maciços, princi-

pamente quando organizadas em grupos de uma só côr. Ha de vários matizes.

BEGONIAS

Pela sua variedade, a begónia é apropriada para diferentes efeitos e diferentes modos de cultura; — estufa, meia sombra, terra franca, vaso e caramanchel. Na sua familia ha tipos diversissimos mas sempre encantadores, e que por isso mesmo tanto se prestam para abrilhantarem os relvados a pleno sol, como os recantos menos illuminados, ou o interior das salas, quando envasadas. Tão bela pela sua folhagem, como pelas suas flores, a begónia pode ser considerada como uma das mais incontestaveis glórias dos jardins. As de pé alto, bem guiadas atingem ás vezes até tres metros e prestam-se admiravelmente para formarem, com o auxilio de uma armação de varais finos, qualquer feitio que lhe queira dar o jardineiro, quer seja abrindo-a em leque, quer dividindo-lhe as hastes em cruz (o que faz um lindo efeito, sobretudo com a begónia coral), quer armando-a em pirâmide, corbelha, etc. Embora sejam muito mais apreciaveis as plantas na sua forma natural e espontânea, não deixa de ser interessante sujeitar ás vezes uma delas a certos caprichos da jardinagem des de que elles sejam feitos com arte.

Já ficou indicado em outro capítulo deste livro quanto os jardineiros da India apreciam esta espécie

de ornamentação floral, em que a menor negligência pode prejudicar a perfeição do contorno.

A's vezes essas esculturas são efectuadas com duas plantas diversas, servindo uma de vaso de que a outra emerge em grandes feixes. A Begónia com as suas hastes longas e flexíveis presta-se para isso tendo por vaso murta, cedro, alecrim fino ou qualquer outra espécie dócil ás determinações de uma tesoura bem manejada.

Algumas variedades de Begónias que, por menos cultivadas entre nós, merecem menção especial :

Begónia-Discolor — tuberculosa de 30 a 50 cts. de altura. Rude. Dá bem á sombra e em terra leve.

Plantem-se os seus tubérculos na Primavera (Setembro-Outubro). Multipliquem-se pelo seccionamento dos tubérculos ou plantação dos bolbozinhos dos talos.

Begónia-Semperflorens. Não tem bolbo e cresce até 40 cents. de altura. Cultura anual, optima para maciços. Propagação por semente e por galho. Flores róseas, vermelhas ou brancas.

Begónia-Grácilis e Begónia-Vernon : ambas anãs, com folhagem rubra ; a primeira, que é mais recomendavel, com flores variadas, a segunda com flores encarnadas.

Begónias híbridas (tuberculosas) Raça muito importante que comprehende numerosas variedades simples e dobradas, de diversos matizes. As flores são grandes e sucessivas. Ao ar livre querem a meia

sombra. Em vasos, terra misturada com pó de vegetais.

No tempo frio cortam-se-lhe as hastes, desenterram-se-lhe os tubérculos, limpam-se estes da terra, que lhes esteja agregada e guardam-se em areia seca e em lugar asseado. As variedades simples, as dobradas, e, sobretudo as multifloríferas, são muito applicadas na ornamentação das corbelhas para gramados. As de flores grandes dobradas ou folhagens variegadas são principalmente cultivadas em vasos.

Begónias-Rex. (Begóniaceas), belas para vasos.

Requerem terra macia, estrumada com adubo cortido (*); lugar abrigado das chuvas fortes e dos ventos. O excesso da humidade méla as plantas. Multiplicação por pedaços das folhas. E' grande e lindíssima e colecção desta variedade, bôa para adorno de salas e de estufas.

E' útil polvilha-las de vez em quando com pó de tabaco, e pôr sobre a terra dos vasos em que são plantadas uma camada de uns 2 centos. de areia fina. E' uma planta carnuda e muito atacada pelos vermes e os insectos.

Cactaceas. Ha muitas variedades de cactáceas.

Epifilum. Linda planta original do Brasil e que alia á sua elegância a particularidade de lhes nascerem as flores na margem das folhas, que na rea-

(*) Ver capitulo Envasamento.

lidade não são folhas, mas uma espécie de hastes achatadas e articuladas. Ramosas, carnudas e vivazes, estas plantas produzem flores assetinadas, de formas originais e colorido brilhante: vermelho, solferino, rosa, lilás e branco. A terra que lhes convem é a leve, um tanto calcárea e bem drenada, porque a planta méla com facilidade. Multiplicação por galho, cortado na articulação, ou por enxerto praticado sobre o cacto denominado Círio. Este sistema, além de apressar a florescência da planta, dá-lhe elegância e graça.

Cactos-Círios. De grandes e lindas flores, que desabrocham e murcham durante a noite.

Uma das mais belas espécies dos *Cereus grandiflorus*, originário das Índias, tem flores que abertas medem perto de 30 cents. de diâmetro, sendo no interior de um amarelo luminoso e no exterior castanho escuro. Pétalas de um branco puro curvam-se sobre este cálice colorido, de que irrompem numerosos estames.

Gostam de terra arenosa, calcárea, seca e bem drenada.

No Brasil ha lindas variedades desta espécie de plantas cujas flores, como as estrelas, só apparecem á noite... Vê-las desabrochar é um espectáculo de verdadeiro encantamento.

Camélia. Esta é uma das flores de maior estimação, sobretudo a alba-plena. A planta é rústica e

tem muitas variedades. Multiplica-se por enxerto de encosto. O melhor ladrão para isso é o pé da camélia vermelha, que é a mais vigorosa. Multiplica-se também por alporque.

Desde remotos séculos a Camélia foi cultivada na China e no Japão, não só pela sua beleza mas também como símbolo de vida longa e feliz, e também por amor dos seus frutos. Extrai-se desses frutos um óleo perfumado e que serve para tornar mais negro e mais brilhante o cabelo das chinesas e das japonesas. Na India oriental prefere-se a Camélia rubra á branca, porque as flores vermelhas representam o espírito masculino e as brancas o feminino. Os chins preferem á Camélia a Peonia, o Crisântemo e o Lotus. A flor da camélia selvagem (simples) é considerada por eles como de mau agouro, pela facilidade com que se desfolha. Entretanto esta planta é empregada nas felicitações de casamento por causa da fabulosa longevidade que lhe attribuem. A colher com que se serve o arroz de núpcias é em alguns lugares feita com pau da Camélia. O nome de Camélia foi-lhe dado por Lineu em honra do botânico padre José Camellius, que a levou para a Europa. A Camélia branca dobrada foi introduzida na Espanha em 1739, mas guardada egoisticamente nos Jardins de Buen Retiro, não se tornou conhecida do público senão em 1799, quando a levaram para a França e Josefina de Bawharnais a cultivou em Malmaison. Esta flor é inodora; todavia em 1854, um tal Sr.

Violet possuiu um pé de *Camélias* perfumadas; e do mesmo modo um Sr. *Blackheart* possuiu uma planta com aroma de *Jacinto*, querendo ter um exemplar duplo, fecundou outra planta mas não obteve senão tres grãos férteis — dando um flores dobradas sem perfume; um flores simples e cheirosas e o outro simples e inodoras. Enfim a planta mãe tornou-se inodora e não tornou a dar sementes. São os caprichos da Natureza que a melhor vontade do homem nem sempre consegue compreender.

Cana da Índia. (Contas de Maria, ou do Rosário).

É uma planta vivaz de um metro mais ou menos de altura, de lindas folhas claras e flores em espigas, vermelhas (de vários tons), amarelas; côr de açafraão, côr de vinagre, cor de salmão; de um só tom ou pintalgadas; etc.

Algumas das suas variedades crescem até dois metros, e são plantas que necessitam espaço e horizonte para produzirem bom efeito, quando agrupadas nos parques e nos jardins de grandes relvados. Esta planta, da Índia, também nativa nas nossas matas (variedade a que dão o nome popular de *Biri*), tem melhorado consideravelmente nestes últimos anos não só em beleza como em variedades e em abundância, graças aos esforços dos floricultores europeus.

Capuchinhos, ou *Chagas*. Planta de fácil tratamento. Ha delas tres raças superiores; *Grandes*; *Hí-*

bridas de Lob (que são as mais bonitas), e — Anãs, ou *Tom Pouce*. Cada uma destas raças compreende numerosas variedades. Multiplicação por semente.

Centaureas. Muito apreciáveis para maciços de jardins; floríferas, e de tons suaves.

Cravinas. Uma flor que chegou a estar quasi desprestigiada e que ultimamente tem, pela exuberância de novas variedades, adquirido sucessos dignos de nota, a cravina! Como o cravo, ela pode ser multiplicada por estaca ou por semente. Os franceses dão-lhe o nome de *cravo dos poetas*. Foi talvez por isso que Rostand teve por ela um certo carinho especial. Ha algumas que parecem verdadeiros feixes de plumas brancas; outras apresentam cores encantadoras, concentradas e em combinações, verdadeiramente inéditas.

Cravos. O cravo é, sem contestação, uma das flores mais originais e das mais estimadas no mundo inteiro. Nem pela sua forma distintissima, nem pela cor e feitiço da sua folhagem, nem pelo seu aroma; o cravo se parece com nenhuma outra flor; é única, e é linda. Dando-se bem nos climas leves e frescos podemos obter deles magníficos exemplares nas nossas terras altas, como Friburgo, S. Paulo, Barbacena, Teresópolis, etc.

Entretanto, mesmo em cidades do litoral, como o Rio, ha muito quem o cultive com relativo êxito, conseguindo, senão maravilhas, pelo menos flores bem

apreciáveis. Nesse continuado esforço as plantas se vão aclimando e melhorando na produção.

Havia antigamente o preconceito de que os craveiros não floresciam quando nascidos por sementeira, o que não é absolutamente exacto, porque desde que a semente germine e a planta se desenvolva, (o que falha muitas vezes), ela dá flor e ás vezes muito bôa. E', realmente, uma das sementeiras que mais falham, mas os pés que vingam nascer, florescem sempre, mal ou bem.

A sua multiplicação por estacas é facilissima e não vale a pena por isso nem alporca-lo nem enxerta-lo. O craveiro mela com facilidade; não é sedento; basta-lhe pouca água, embora aprecie terra fresca. Quando os pés estão muito carregados de filhos não dão flores, e quando as dêem elas são insignificantes. Melhor é te-los sempre aliviados, ou substitui-los sem piedade por mudas novas.

O Cravo (Dianthus, de Dios anthos, flor de Jupiter, flor divina) é ofertado tambem a vários santos. Em Bolonha é de S. Pedro; no dia 29 de Junho, consagrado ao apóstolo, toda a gente trás uma dessas flores consigo. Em Roma é consagrado a S. João. Os antigos naturalmente não cultivavam cravos. Segundo Deslongchamps (), Renato de Provença, morto em 1480, expulso do reino de Nápolis foi, no seu exílio, o primeiro cultivador de cravos.*

Em 1585, em Roma, obtinham-se cravos de cô-

(*) *Herbier de l'amateur.*

res misturadas, juntando-se-lhes as sementes diversas sobre uma pena de pato que se enterrava conjuntamente.

Olivier de Serres (o criador da estufa), disse que se podiam obter cravos verdes enxertando-os em Loureiros e outras plantas. Ele naturalmente não procurou verificar tal afirmação, dando curso a cousas que ouviu e que não tinham talvez fundamento.

O Cravo da China foi cultivado pelo abade Bignon em 1705, e fez-se disso uma comunicação á Academia de Sciencias de Paris. Nestes últimos tempos é por quilómetros quadrados que se podem medir as extensões destinadas á sua cultura no Meio Dia da França.

O Cravo é a flor predilecta dos espanhois. E era um cravo que a Carmen trazia seguro pela haste entre os dentes, quando seduziu D. José...

Crisântemos. O Crisântemo é uma planta ávida de nutrição, não muito exigente sobre a composição do solo, mas que requer terra substancial e rica. Em todo caso a constituição do terreno deve de preferência ser forte, a ser leve, mas permeavel. Consegue-se optimo resultado nas plantas cultivadas em um composto de dois terços de terra vegetal (humus velho e de bôa consistência), e um terço de terra franca de jardim, a que se misture cinza de madeira e detritos florestais. Nessa combinação de terras não deverá entrar a areia senão em caso de

ser a terra demasiadamente compacta e impenetravel á acção nutritiva e benéfica da água.

Após a floração do Outono devem cortar-se os pés de crisântemos rente á terra e deixa-los descansar. Chegado o tempo da multiplicação serão essas plantas transportadas para terra franca, onde possam brotar á vontade.

Em princípio de Agosto tirem-se-lhe mudas para a primeira plantação. Essa muda não é ainda a destinada a florir, mas somente a criar ainda outras mudas; é uma planta cujo singular destino é o de ser avó sem nunca ter sido mãe de flores.

Em Outubro escolhem-se dessas mudas de Agosto os rebentos mais vigorosos e prometedores e plantam-se em terra gorda.

Novembro. Quando os pés de crisântemos tiverem cerca de uns quarenta centímetros de altura, faz-se-lhes uma operação delicada e de cuja observação depende a futura grandeza das flores, operação a que se dá este nome: — Desolhar. Desolhar é cortar com os dedos a parte superior, do olho da planta, o que deverá ser feito uns trinta centímetros acima da terra. Essa operação é útil á sua estrutura e ao seu lenhamento, facilitando-lhe a criação de novas hastes.

Algun tempo depois deste primeiro *desolhamento*, se o número de hastes obtidas não for sufficiente, ou se algumas dessas hastes não estiverem bem colocadas, faz-se pela segunda vez a operação de desolhar, logo abaixo da segunda folha.

Por esse tempo, ás vezes mesmo antes, a planta fica sujeita ás invasões de insectos, precisando nesse sentido de atenções muito especiais; porque todas as moléstias tem os seus preventivos. Ainda em Novembro podem regar-se as plantas com sulfato de ferro, o maximo uma grama por litro de água, de 15 em 15 dias, para combater os insectos e as doenças. Empregando-se o enxôfre e a nicotina, impede-se o ataque das larvas (grafolita minutana), que rôem o renovo das hastes e os botões. Tirem-se os brotos, sempre que a necessidade se fizer sentir. Estaqueiem-se as plantas, amarrando-as com ráfia, imbira ou fibra de bananeira.

Dezembro. — Continue-se a luta com os parasitas e cortem-se as hastes (provocadas pelo segundo desolhamento) que se não queira conservar. Continuem-se as regas quinzenais com sulfato de ferro.

Janeiro. — pratique-se rigorosa limpeza nas plantas, tirando-lhes os filhos, quer os brotados no próprio tronco, quer os das raízes do subsolo e dê-se as últimas regas de sulfato de ferro.

Fevereiro. — fortifique-se a planta pelo sistema das regas adubadas e observe-se o aparecimento dos botões. Para se conseguir flores grandes deve-se deixar na planta apenas o botão central, na extremidade de cada haste, havendo o maior cuidado em, ao suprimir os outros botões, não maguar aquele que deve ficar na planta.

Março. — Continuem-se as regas adubadas até o começo do desabrochamento das flores e destruam-

se impiedosamente todas as larvas, cujos estragos por essa época são irreparáveis.

Abril. — Deixe-se de regar com adubos e dêem-se ás plantas só os cuidados habituais.

E' chegada a hora esplendente da floração.

Cultura dos Crisântemos em vasos. Se a muda do Crisântemo tiver sido criada em terra livre, o primeiro envasamento, depois de se lhe apararem as raízes, será feito em vasos de sete centímetros de diâmetro. Colócam-se depois esses vazinhos ao ar livre, meio enterrados em terreno permeavel e bem batido de sol.

2.º envasamento: Quando se torne preciso um segundo envasamento, os Crisântemos passarão para vasos de onze centímetros de diâmetro. Deve-se ainda desta vez aparar-lhes as raízes. Todos os envasamentos tem de ser feitos com o máximo cuidado.

3.º envasamento: Quando o trabalho da estrutura da planta estiver mais ou menos completado, apresentando quatro ou cinco hastes bem equilibradas e da mesma grossura e comprimento, faz-se o terceiro envasamento em vasos de dezasete centímetros. Neste, como no 4.º envasamento o torrão deve ser mudado intacto, sem que se lhe tenha tocado na mais pequenina raiz.

4.º envasamento: Durante todo esse tempo tiram-se rigorosamente as mudas que nasçam ao longo do tronco das plantas, que não serão regadas com adubos.

5.º envasamento, em vasos de 22 centímetros. Oito dias depois poderão estes vasos ser regados com água adubada, (apenas uma vez). Depois desse período os adubos serão empregados a seco até ao nascimento dos botões. Cesse então aí o emprego de fortificantes e as regas com água pura serão sempre feitas de maneira a não mancharem as flores.

Quanto ás operações e aos outros cuidados que esta planta requer, são iguais aos que ficaram indicados na cultura em terra livre.

Dálias. Planta de fácil propagação, por tubérculo ou por galho. Depois da floração devem-se arrancar os pés e deixar descansar o tubérculo, até que se vejam nele novas disposições para a vegetação; enterrem-o então de novo, em lugar diferente daquele em que tiver antes florescido. A família das Dálias, é cada vez mais variada e interessante. As denominadas — Dálias cactos — fornecem aos jardins exemplares de uma grande formosura. Era a flor predilecta do grande Eça de Queiroz, que nela preferia a de simetria rigorosa e inigualavel, verdadeiro exemplo da perfeição da forma. Exactamente aquella que nós hoje pouco cultivamos, até que, por qualquer circunstância do acaso, da moda, ou do tempo ela volte a ter nos jardins o lugar de consagração que tinha dantes.

Echevéria — planta gorda, baixa, em forma de roseta. Empregada em guarnições e mosaicos. Mul-

tiplicação por separação de renovos ou plantação de folhas.

Ecremocarpus Scaber Anual — atinge cinco metros de altura. Flores alaranjadas, em tubos longos pendentes. Gosta de calor. Semeie-se na Primavera.

Ervilhas de cheiro. Esta planta merece ser tratada com muita atenção, tal a variedade das suas côres veludasas e a doçura agradabilissima do seu aroma. Cultiva-se com êxito nos climas frescos. No Rio Grande do Sul já se tem feito exposições muito interessantes desta flor, que é uma das predilectas dos jardins na Inglaterra. E todos nós sabemos quanto a Inglaterra sabe dar apreço aos jardins.

Esponja — (*Mimosa farnesiana*). Arbusto espinhoso, de folhagem delicada e fina como a de todas as mimosas, e florinhas alaranjadas, penujentas e de perfume forte. Além de dar fragancia aos jardins, esta flor tem ainda a vantagem de, guardada em gavetas ou em armários, afugentar deles os insectos nocivos, principalmente as baratas. E' pres-tativa, mas venenosa. Multiplicação por sementes.

Esporas (*Delphinium*). Quando em corbelhas ou em grupos de uma só côr, dão magnífico resultado na matização de um jardim (m. por sementes).

Eufórbia Jaquinæflora. E' um dos mais lindos arbustos quando floridos, por se cobrirem as

suas hastes de duplas linhas de florinhas escarlates ladeadas por folhas agudas e pequenas.

Por formarem verdadeiras grinaldas, demos-lhe o nome de — Guirlandina.

Casadinhas, (Eufórbia Bogeri), arbusto baixo, espinhento, com flores em *bouquets*, de duas em duas, o que deu motivo ao seu nome.

Flox de Drumond — útil para alegrar os jardins — multiplicação por semente. Planta muito florífera.

Flox Híbrido Vivaz — originado pelo cruzamento de diferentes espécies. Chega a atingir às vezes um metro de altura e apresentar ramos de variadas cores. Multiplicação por divisão das plantas e também por sementeira dos grãos em plena maturidade.

Folhas de cheiro

Quem pelo Alecrim passou

E um ramo não apanhou,

Do seu bem não se lembrou.

De tal modo é agradável e cheirosa esta plantinha que, quem ama, não a quer gozar sozinho...

Não é só o modesto Alecrim que inspira tanta simpatia, mas também as Malvas (rosa e maçã), a Cídrilha, o Frangipane, o Almíscar, a Alfazema, o Mangericão e outras mais.

Todas elas são de fácil cultura, e o seu grande valor é o de purificarem o ar que respiramos e o de conservarem o aroma ainda depois de secas. Ha quem prefira aos *sachets* de perfumes caros, um modesto raminho de malvas nas suas gavetas de roupa. E' um cheiro mais saudável. Multiplicação por estaca, soqueira ou semente.

Fúcsia. (Brincos de Princesa). Multiplicação por estaca. Ha muitas variedades em tamanho, forma e combinação de cores; todas mais ou menos originais e interessantes.

O nome de Fúcsia foi dado a esta planta em homenagem ao naturalista alemão Fuchs. Um religioso, botânico, tendo vindo em 1704 á América, para estudar a árvore que produz a quina, notou uma espécie de fúcsia a que deu o nome de Fuchsia triphylla. No Perú, no Chile e no Mexico, sobre altas montanhas, em lugares sombrios e húmidos ela se entrelaçava ás árvores das florestas em movimentos graciosos. Transplantada para a Europa, estudada e dirigida por floricultores sábios, esta planta foi-se pouco a pouco transformando. Anteriormente a 1830, não se conheciam senão fúcsias de flores pequenas. Os ingleses foram os primeiros que operaram o cruzamento dessa raça com outra americana, de flor longa. Em 1850, appareceram as primeiras variedades dobradas.

Funquia. Planta vivaz, de folhagem luzente; multiplicação por divisão. Varios tipos; a mais recomendada é a *Japónica* de flores em *trombeta*.

Gira-sol (Heliantos). Ha enormes e ha pequenos, simples e dobrados, em grupos ou solitários, mas todos rutilando oiro das suas pétalas luminosas. E' a flor-astro.

Gerânios: plantas rústicas, tufosas, de lindo efeito e fácil cultura. Ha de vários matizes. Tanto se prestam para canteiros como para jardineiras e guarnições de terraços. Multiplicação por estacas.

Gloxínias: Semeiam-se em viveiros e mudam-se depois as plantinhas para pequenos vasos com terra de adubo velha, — á sombra ou em estufa. Diz-se que não nascem duas gloxínias iguais. Multiplicam-se tambem pela folha inteira (como as Begónias) ou por pedaços com nervuras.

Goivos: Flores emblemáticas da tristeza e com um doce aroma. Nas terras frescas produzem muito melhor do que nas quentes. Ha-as de tons tristes e ha-as de tons amenos. Semeiam-se em Março.

Heliotropo. Ha um certo número de plantas descritas pelos antigos sob este mesmo nome (do grego *hellios:* sol, e *trope:* voltar) que quer dizer plantas que se voltam para o Sol. Achou-se na necrópole greco-romana de Hawara o Heliotropo da

Núbia, de perfume delicioso. Plínio falou do *heliotropo europæum*, comum nas regiões meridionais. As sementes e os grãos desta planta eram usados como purgativos e contra o veneno das cobras. O Heliotropo que nos interessa e que é um dos elementos principais dos nossos jardins, o Heliotropo peruano, esse só foi descoberto em 1740, por José de Jussieu que, embrenhando-se pelas florestas da Cordilheira se sentiu inebriado por um aroma delicioso. Pela intensidade desse aroma supoz ir descobrir uma flor deslumbrante e enorme, quando percebeu que ele provinha de uma florinha arroxeadá, de aparência modesta. O sábio botânico tratou de a transplantar para França, onde foi cultivada com êxito nos Jardim do Rei: e de onde se irradiou depois para todas as terras civilizadas do globo. Um floricultor chamado Lemaire conseguiu obter uma variedade desta flor em azul da Pérsia, mas sem aroma; um outro floricultor, M. Marchot, ao contrário, obteve uma branca e com aroma de violeta. Variedades: *Geant de Lemoine*, de grandes corimbos, e Heliotropo escuro.

Hibiscos — (vide malváceas). Esta planta é o verdadeiro triunfo dos jardins brasileiros. Dócil á vontade do jardineiro, ela toma a forma que ele lhe queira imprimir, florescendo com generosidade, e as suas grandes flores, simples ou dobradas, são sempre brilhantes, ornamentais e bellissimas.

Hortênsias. — Como quasi todas as flores de boa raça, a Hortênsia (Hidranja) é original da China, terra de gente feia e plantas lindas.

Os primeiros países estrangeiros que a cultivaram foram a Inglaterra e a Holanda. E' uma planta muito decorativa e que não precisa de elogios, de tal modo o seu merecimento se impõe.

As Hortênsias, azuis ou róseas, atingem ás vezes grandes proporções, que são ainda assim ultrapassadas pela Hidranja alba paniculata, de maravilhosos cachos brancos.

Todas as suas variedades requerem terra rica em substâncias orgânicas, frescura, um pouco de humidade, sobretudo no período da vegetação. As Hortênsias azuis, se-lo hão tanto mais intensamente quanto haja na terra em que estiverem plantadas princípios ferruginosos, ou se estiverem em terreno ardosiado.

As regas com água a que se adicione um pouco de alúmen (pedra hume), também lhes intensificam a tinta azul.

A' Hidranja paniculata grandiflora restringe-se-lhe o número de galhos para que os outros, mais fortificados, ostentam maiores flores.

Por sugestão da autora deste livro, Petrópolis já consagra ás Hortênsias uma festa anual, que, com o correr dos tempos se tornará numa festa popular.

Ionopsidium (de *ion*, violeta e *opsis*, semelhança). Tem este nome por se parecer com um feixe de

violetas, é uma planta de Portugal, muito cultivada no Meio dia da França. Forma tapetes brancos ou roxos, de um cheiro delicioso. E' um dos elementos mais decorativos dos jardins de Mônaco.

Semeia-se na Europa em Setembro, portanto no Brasil, em Março e Abril, onde só se poderá dar bem nos climas frescos das terras altas.

Jasmin. Em 1891, foi descoberta uma múmia (a múmia real de Deir el Bahari) sobre a qual repousava um ramo de jasmins. Portanto, esta flor era já conhecida pelos egípcios dos tempos faraónicos. A sua origem deve ser indiana, porque se supõe que das Índias tivesse passado para a Arábia e daí para o Egipto e depois para a Itália, onde aliás alguns autores asseguram que ela sempre existiu. O jasmin (do nome arabe *Ysmyn*), tem a sua lenda poética, assim contada pelo grande amigo das flores Th. Villard :

O jasmineiro deve ter sido introduzido em Florença pelos meados do século XVI. O Duque da Toscana, que era o feliz possuidor do único exemplar dessa preciosissima planta, proibiu o seu jardineiro de dar a quem quer que fosse um dos seus galhos. Ora o jardineiro era um homem obediente e fiel, mas... namorado. E lá chegou um dia em que a namorada fez anos e ele, não lhe podendo oferecer uma joia, deu-lhe um ramo de flores, entre as quais colocou um galhinho de jasmim.

A joven, sabedora do segredo e querendo con-

servar fresquinha a preciosidade da oferta, plantou o galhinho de Jasmim cuidadosamente. Dias correram, a planta vicejou e dela foran multiplicadas outras plantas, até que o jardineiro pediu a namorada em casamento. Negando-lhe a mãe da moça o seu consentimento, por serem ambos pobres, a filha lembrou-se de vender os seus jasmineiros, e só com isso pôde casar com quem amava. Em lembrança deste caso, ainda hoje as noivas da Toscana carregam um ramo de jasmims no dia do seu casamento. Ha um proverbio que diz: — *quem tem dignidade para poder levar o seu ramo de jasmims, é bastante rica para fazer a fortuna do seu marido.*

Na Turquia cultivam-se campos de jasmims (*Jasminum officiali*), para a indústria dos cachimbos; os famosos cachimbos turcos são fabricados com as hastes dos jasmineiros.

Jasmim da Grécia — planta sarmentosa de hastes finas, flexíveis, flores estreladas e perfumadissimas. O mais poético de todos.

Jasmim Miudo — hastes também flexíveis e flores muito pequeninas.

Jasmim dobrado — de folhas espessas, flores aromáticas e cândidas; optimo para encobrir muros e gradis.

Bogari — igualmente perfumado, mas não sarmentoso;

Jasmim do Cabo — (Gardénia), arbusto de flores grandes e dobradas (ha uma variedade, a que dão o nome de — Jasmin Gigante.

Jasmim dourado — arbusto de flor amarela. — Jasmim de flores despidas (nudiflorum) inodoro, em arbusto. *Jasmim cristal*: de flores luzidias, trepadeira.

Jasmim Manga (Plumiera acuminata), grande arbusto de forma original e lindos ramos de flores côr de fogo, de aroma delicioso.

Jasmins azuis. (Plumbago Capense). Verdadeiro ceu na terra, uma das maiores glórias dos jardins brasileiros, porque o Plumbago floresce todo o ano. Dão-lhe popularmente dois nomes mais: — Justiça — (porque as suas flores agarram-se ás mãos que lhe tocam) e Bela Emilia.

Joubarba — Teia de aranha. (Sempervivum). Planta gorda, muito rústica, de folhas carnudas, formando pequenas rosetas simétricas, de um verde claro acinzentado.

As suas flores, amarelas ou vermelhas, desabrocham num pendão central de uns vinte ou trinta centímetros.

Emprega-se a Joubarba, de que ha muitas espécies, nos mosaicos e bordaduras de canteiros. Gostam de lugar seco e batido de sol.

Ketémia dos paus. (*Hibiscus palustris*). Vivaz e rústica. As suas hastes atingem um metro de altura. Quer lugares quentes, mas terras profundas e frescas. Flores grandes, brancas e singelas.

Lantana Câmara. Arbusto meio rústico, com flores em ramos alaranjados ou purpurinos. O mesmo tratamento que tem em geral o heliotropo. (*)

Lavatória. Formosa planta de um metro de altura, de vegetação rápida, produz grandes flores róseas ou brancas, preciosas para a confecção de ramos. Aprecia os terrenos frescos. Semear em Setembro, no lugar definitivo.

Leptosiphon. Plantas anuais, de vinte e trinta centímetros de altura. Ramosas, compactas, de folhagem recortada e florinhas amarelas, brancas, róseas ou purpurinas. Semear em Setembro.

Linárias. *Récticulada*: de Grandes Flores; *de Marrocos*, pontilhada; e *Cimbalária*, de trinta a quarenta centímetros de altura e flores de diferentes cores, segundo a variedade.

Lobélia (*Erinus stricta multiflora*). Preciosa para jardineiras e bordaduras de canteiros. Da al-

(*) Algumas das plantas indicadas nesta lista não são ainda conhecidas pela autora que as cita por julgar que elas podem ser adaptáveis ao nosso clima.

tura de dez a quinze centímetros; produz lindas florinhas, brancas, côr de rosa ou azuis, que são as mais lindas. Semeiam-se em Março, em viveiro. Citam-se algumas variedades interessantes, como: *Lobélia Cristal Palace*; *L. Stricta Multiflora*; *L. Erecta Branca*; *Compacta Kermezina* e outras. E' planta já cultivada com êxito no Brasil.

Lunária (Lunaria biennis). Bisanual. Planta ramosa, de perto de um metro de altura, flores cor de violeta, purpurinas ou brancas, ás quais se succedem umas cápsulas chatas, cuja membrana interna é de um prateado luzente e persistente. Semeiam-se em Setembro para que floresçam no Setembro do ano immediato. Ha uma variedade de folhas rajadas.

Magnólias (género de magnoliáceas originarias da Asia e da América).

Todas as variedades das Magnólias são de grande estimação. Ha-as em árvores e em arbustos, de grandes flores côr de marfim e de flores pequenas, de aroma intênso (magnólia-maçã). Ha-as brancas, roseas, violeta e côr de oiro velho, copadas ou piramidais.

A magnólia amarela é excelente para a arborização das aléas, pela sua forma, pela côr da sua folhagem e a fragrância das suas flores.

Mal-me-quer. Flor campezina, ingénua, de uma singeleza atraente. Tanto guarnece os prados como os jardins.

Malvaceas. «*Malva*, derivada de *Malakos*, que quer dizer amolecer, em grego; tem particularidades emolientes. A *malva officinale* era escolhida pelos antigos como o emblema da doçura. Pitágoras aconselhava aos seus discípulos de não escreverem senão sobre folhas de malva, considerando-a também como alimento salutar. Num livro de agricultura, Ibn el Awam afirma ser essa planta mais nutritiva do que qualquer legume « porque se transforma em sangue ». São da mesma família das malváceas a *Altéa*, cujas raízes são aproveitadas na medicina; o *Malva-isco*, a que os francêses dão o nome de — *Rose tremière*; o *Algodoeiro* e os *Hibiscos*, que se distinguem das outras malváceas por terem as hastes lenhosas. O *Hibiscus rosa sinensis*, é originário das Índias orientais. Os *Hibiscus siriacus* foram transportados da Síria para a Europa em 1596, produzem flores de vários tamanhos e diferentes tonalidades: brancos, róseos vermelhos, amarelos, roixos e azuis ». (*Les Fleurs a travers les ages*). Os das últimas duas cores são desconhecidos ainda no Brasil. Não se refere o autor desse livro á doce e querida malva-maçã, de aroma delicioso, côr delicada e folhas de setim. Mas com ou sem recomendação, quem ha que dispensando certo carinho ás plantas, deixe de a cultivar?

Nos tempos românticos, em que as moças viviam mais em casa do que na rua, e tinham o capricho de arranjar em elas próprias os seus quartos, não faltava á janela destes a moldura de uma trepadeira, e, quando isso não fosse possível, ao me-

nos o alegre vazinho de barro em que a folhagem verde da malva-maçã irradiava um pouco de simpatia e de perfume. Quem tem na memória uma dessas janelas em que as malvas floriam, não olha nunca para uma dessas plantinhas com indiferença. Se unicamente o sentimento dá valor á vida, tudo o que o possa sugerir ou criar, merece admiração.

A malva-maçã parece inspirar singeleza e bondade.

Cultivai-a, meninas!

Malvaíscó — (*Altea Rosea*). Prefere os climas leves e frescos. Flores em espigões ornamentais. Muito cultivadas na Europa. Os pintores servem-se freqüentemente delas, como acessório dos seus quadros.

Ha Malvaíscos de vários matizes, sendo mais apreciados os de tons delicados: lilás, róseo, etc. No Brasil florescem principalmente os brancos e os côr de sangue pisado, que são os menos bonitos. Com um pouco de obstinação e de boa vontade, podem-se conseguir culturas de todas as variedades, principalmente nos lugares altos. As flores lembram as dos Hibiscos.

Malva Rosa — Folhagem perfumosa. As boas donas de casa, gostam de meter algumas destas folhas nas gavetas da roupa branca e nas dos papéis, porque o seu aroma se transmite perfeitamente ás cousas com que elas estão em contacto, mesmo depois de mortas.

Matricária. Planta rústica, tufosa, de flores cheirosas brancas e dobradas. A variedade mais recomendavel é a — *M. Mandiane-exímia*; outra variedade apreciavel é a *M. Pyrethro*, dourada.

Miosótis. (Não te esqueças de mim), plantinha rústica, rasteira, de flores azuis, encantadora para tapetes.

Ha tambem outras variedades mais raras, uma de flores côr de rósa, outra branca. O *não te esqueças de mim*, que é o *Miosotis palustris*, requer terreno húmido.

Nigela (Dama entre Verdes). Deve florescer bem nas terras serranas, mais frescas; folhagem fina e flor azul, de forma original. Semeie-se em Setembro. As variedades anãs dobradas são as mais interessantes. As sementes são usadas em certos lugares de França como especiaria.

Perfumam-se com elas os bolos e os biscoitos. Assemelha-se ao Funcho e á Erva doce.

Narcisos. Planta bolbosa, numerosa em espécies e variedades. Plantem-se os bolbos no outono. Podem ficar enterrados durante anos. Como todas as plantas bolbosas, as Narcisos gostam do terreno leve e fofo. Os mais estimados são: Narciso côr de oiro, flor solitária; ou branco estrelado de oiro; dobrado ou simples. Narciso Incomparavel. — Branco e amarelo ou amarelo claro e amarelo escuro. Nar-

ciso Junquillo — muito cheirosos; Narciso dos Poetas; Narciso de Constantinopla, de pendões amarelos, muito perfumados.

Orquídias. Houve quem tivesse lembrado ha anos, em várias crónicas de um jornal do Rio, a vantagem de estabelecermos em um dos parques, horto ou jardim público desta cidade, um viveiro de Orquídeas brasileiras. Desse modo, nós não só defenderíamos estas flores admiráveis, como as desenvolveríamos e propagariamos. Ha espécies raras de orquídeas que estão, pelo abandono em que as deixamos, condenadas a desaparecer do nosso país, embora vão continuar em outros a vida aqui começada. Para elas não é peor. Vão levadas para quem melhor as estima. Mas para nós? Ainda se não fosse tão difficil ir, quando as quizessemos vêr, passear pelas estufas dos jardins ingleses!

Em 5 de Abril de 1911, já lá vão quantos anos, um jornalista, aguçado naturalmente pela idéa, já aventada pela cronista citada, perguntava, no «Jornal do Comércio», edição vespertina:

«Qual a razão por que não vemos as nossas orquídeas sobre as árvores do belo parque da praça da República ou em espaçosas estufas?

Onde estão as encantadoras epifastas que engalanam as florestas com suas perfumosas flores, osculadas pelos vistosos colibris e ruidosos bezouros, pelas mandaças e arapuás, que vão buscar em seu nectar o perfume suave para o seu mel delicioso?

E as bromélias coloridas e elegantes que parecem mais delineadas por um mágico oriental do que produto da casca podre ou da terra negra?

E as marantas e calatéas de um porte senhoril, ou de uma côr verde intensa, ora de um amarelo de ouro, ora de um branco de prata?

E pelas piperonias, bertolonias, heliconias, grifinias, gloxinias, etc.?

Menos de meia dúzia de amadores ainda guardam uma colecção de orquídeas, sómente para regalo de seu affecto pelas flores.

Não existindo nenhum estabelecimento de floricultura, onde se possam encontrar as nossas orquídeas e plantas ornamentais, seria de vantagem e de muita utilidade, como propaganda de nossas riquezas florestais, que o Governo da União e o Sr. Prefeito, auxiliassem a boa idéa da cultura de nossas plantas indígenas.

Bastaria que se aproveitasse o terreno da caixa d'água do Trapicheiro, lugar esplêndido, com todos os predicaos de ar puro e fresco, luz e humidade para a cultura de orquídeas.

Não se precisaria cortar uma planta, pelo contrário os concessionários incumbir-se-hiam de fiscalizar as florestas e as águas, sem nenhuma remuneração do Governo.

O Sr. Prefeito por sua vez isentaria de impostos os veículos apropriados para a venda de flores de orquídeas, de outras plantas indígenas e orna-

mentais, podendo permanecer em qualquer ponto da cidade e nos cais de embarque.

Sem dispêndio nenhum o Governo prestaria um imenso serviço ao país, facilitando por todos os meios a propaganda de nossa riqueza florestal, proporcionando aos estrangeiros o prazer de admirar as nossas orquídeas e levarem para os seus países os mais interessantes exemplares.

A cultura das orquídeas desenvolveu-se e aperfeiçoou-se de modo tal, nestes últimos anos, em S. Francisco da Califórnia, que os amadores apaixonados dessa flor tão bonita e tão delicada também não recuam diante de preço algum, para obterem um especimen raro.

Citam-se somas relativamente fabulosas pagas por Americanos ou Europeus, por uma só planta desse genero.

O Rei Jorge V, acaba de ver inscrito o seu nome na lista desses amadores históricos. Efectivamente, um despacho de São Francisco annunciou ha pouco que o jardineiro-chefe do palácio de Sandringham mandou, em nome do Rei, ao director de um dos mais importantes viveiros de S. Matheus (Califórnia), um cheque de 200 libras esterlinas para pagamento de uma orquídea, que devia ser immediatamente remetida para a Inglaterra, onde será colocada nas estufas do palácio».

E os coleccionadores destas flores preciosas por que são tão egoístas que nem ao menos se lembram de organizar uma exposição dos seus exem-

plares, para deleite dos que as não conhecem ou raramente as vêem? Por que não escreverá um deles um tratado pratico da sua cultura? Isso sempre animaria alguém a tentar alguma coisa, nesse sentido.

Então, meus senhores! A página sobre a cultura das orquídeas entre nós está ainda a bem dizer em branco. Quem a encherá, se não de um modo competente e cabal, pelo menos como animação, de maneira a despertar interesse no leitor para a fazer também? Este livro, como já em vários dos seus capítulos ficou escrito, é menos um compêndio de jardinagem do que um instigador para a criação da Beleza. As suas intenções, como são sinceras, sempre hão de valer alguma coisa. Que o seu exêmplo sugira a um dos nossos coleccionadores de orquídeas coragem igual, e o seu êxito será superior.

Papoulas. Uma das grinaldas mortuarias da princeza Nesi Khonson (XXII.^a dinastia, cerca de 950 anos antes de Jesus Cristo) era feita de papoulas, para que ela pudesse naturalmente dormir um sono socegado... Morfeu, deus do sono e da noite, voejando sobre a Terra com as suas áas de borboleta, sacode nas mãos um feixe de papoulas para dar aos febris mortais umas horas de repouso absoluto. Uma deusa, Ceres, alanceada pela dor de vêr raptada a sua filha Proserpina, pede a Morfeu algumas papoulas que a façam esquecer o seu desgosto. Flor da tranquilidade e do esquecimento, flor cada vez mais ne-

cessária á agitação da alma humana, abre as tuas corólas bemditas em todas as terras do Universo; floresce no saibro ou na pedra, na areia ou no humus, que em toda a parte sentirás a necessidade de cerrar pálpebras cansadas ou húmidas de lágrimas...

Ha muitas variedades de Papoula e cada qual mais fina e luminosa. As suas côres são brilhantes, a contextura das suas petalas delicadíssima. Ha as chamadas de plumas, por terem as flores tão dentadas que dão a ilusão de um feixe de penas; as anãs brancas e lilazes; as simples; as dobradas; todas elas solitárias nas suas hastes finas e nuas. A sua semente é delicada e quando seja plantada em lugar definitivo exige que a terra tenha sido antes bem trabalhada pelo ancinho.

Pelargonium. Planta vivaz de galharia ramificada. Folhagem verde ás vezes estriada ou debruada por outra côr. Produz flores de vários matizes. O Pelargónium folha de hera presta-se magnificamente para a cultura em jardineiras ou para a bordadura de canteiros. As outras variedades são optimas tanto para a cultura ao ar livre como para vasos, protegidos pela meia sombra de um beiral de telhado. Os Pelargóniums gostam de terreno são, fértil e bem iluminado. Conquanto possam viver longamente, não se conservam bem de ano para ano senão as mudas novas, feitas no Outono. Os amadores desta planta decorativa devem procurar conhecer todas as suas variedades. O livro de jardinagem, francês, de

S. Mottet, cita umas trinta como muito interessantes. O Pelargónium é, aparentemente, semelhante ao Geranium.

Perpétuas. Flores com que se comemoram os finados e que são como que orações vivas á beira dos túmulos. Quem não terá mortos a quem ofereça flores? As Perpétuas solferinas produzem lindo efeito nas guarnições de jardins.

Petúnias. A Petúnia híbridosa, originária do Prata, atingiu nestes últimos anos a uma tal perfeição de forma e de colorido que é hoje classificada como flor de primeira ordem entre os floristas e os floricultores. As variedades franjadas, de tintas veludosas e brilhantes, elegantes como grandes cravos, são realmente dignas de figurar nos jardins os mais exigentes. Na Europa e na India as Petúnias dobradas teem uma doce e inconfundível fragrancia. Essa mesma flor não tem aroma na América, pelo menos no Brasil. Por que?

Portulaca. Flor encantadora para tapetes de verão; abrem ao sol, fecham ao cair da tarde. Gostam do calor. São alminhas deslumbradas pela luz, que absorvem com alacridade.

Rainhas Margaridas. Flores quasi tão belas como o seu nome, as Margaridas serão tanto mais desenvolvidas e perfeitas, quanto mais vezes tiverem os seus pés sido transplantados. Antes de serem removidas

para o lugar definitivo, para onde poderão ir já quando se anunciar a fase da floração, ao despontarem os primeiros botões, deverão estas plantas, desde que tenham atingido a altura de uma polegada, ser mudadas de quinze em quinze dias, para terras proporcionalmente mais fortes. O mesmo processo pode ser usado com os Amores-perfeitos. Ha de vários tamanhos e matizes. Gostam de terra forte, fôfa e copiosamente regada no tempo seco. Multiplicação por sementeira na Primavera. Também se semeiam em Março com excelente êxito. Quais as variedades mais estimadas? A mais famosa é a *Cometa Gigante* de flores grandes, pétalas desordenadas como as dos Crisânomos japonezes. Citam-se também como muito boas as seguintes variedades: *Agulhas*, (pétalas tubulares), *Coroadas*, (tem o centro da flor branca rodeado por um círculo de côr, roxo, rosa, azul ou vermelho. *Piramidal*, (com ramificações, formando pirâmide); anãs, simples ou dobradas. É um grande elemento de beleza nos jardins.

Rainúnculos. A variedade dos Rainúnculos pode fazer face á das Papoulas. É uma flor interessante e de magnífico efeito quando cultivada agrupadamente. É ainda mal explorada entre nós, onde aliás dá muito bem. Uma Senhora de fino gosto artístico, Mme. Fausto Guimarães, conseguiu no seu jardim de Santa Teresa no Rio de Janeiro uma notável colecção desta flor, obtendo todos os seus exemplares por semente.

Rainúnculo (Ranunculos, de ranuncula, diminutivo de rana, rã). A origem do nome desta planta vem de que, como as rãs, ela aprecia os lugares húmidos. Os Rainúnculus dos jardins (asiáticos) são originários do Levante; criavam-se abundantemente no Cairo, em Jerrusalem e no monte das Oliveiras. Foi São Luis que em 1255 os levou para França, quando voltou da Palestina. E' uma flor muito reproduzida nas miniaturas da Idade Média. A cultura do Rainúnculo teve incremento no Oriente em consequência do aprecio que Mahomet IV (1650) manifestava por ela. Por algum tempo os Rainúnculos passaram da moda, hoje voltam a atrair a atenção dos floricultores. Ha numerosas especies: dos Jardins; dos floristas; Pionia; Botão de ouro; Botão de prata, etc.

Resedá. Flor pequena, de alma grande. O seu aroma é delicioso ao ar livre. E' planta que pede pouco e dá muito. Multiplica-se por semente. As variedades mais aperfeiçoadas são: Resedá piramidal e Resedá anão, compacto.

Roseiras. A Rosa, (do celta rhodd, vermelho) é uma flor hermafrodita, regular, formada de um cálice de cinco sépalas simples ou compostas, de uma corola, normalmente de cinco pétalas alternadas com as peças do cálice. Os estames são em número indeterminado, de 20 a 200. As carpelas variam de número segundo as espécies. A Roseira é entre todas as plantas a que comporta mais variedades. Na Jardinagem agrupam-se as roseiras em duas secções:

reflorescentes e *florescemes*. As *reflorescêntés*, são as que florescem mais de uma vez ao ano; as *florescentes* as que florescem apenas uma vez. As principais raças das *reflorescentes*, são: as roseiras Chá, Bourbon, Noisette, Bengala e as Híbridas: — Portland e Musgosas.

A Rosa é a flor mais adorada em todo o mundo e aquela que maiores homenagens tem por isso mesmo recebido, não só da literatura, como dos floricultores mais afamados do globo, mais ou menos empenhados todos em aumentar-lhe as variedades. E o que muitos deles tem conseguido é extraordinário.

A Roseira é uma planta de fácil cultura e, relativamente, de longa duração, desde que seja fortalecida por adubagens metódicas, esteja bem amparada na sua estaca, limpa de galhos secos, folhas velhas, e plantada em terreno livre de raízes de outras plantas mais ávidas. Quando atacada pelos pulgões, e a sua folhagem se mostre desfalecida, roída ou encarquilhada, lava-se-lhe todo o arbusto com um pincel embebido em uma solução insecticida, polvilhando-o depois com enxôfre.

As vezes as roseiras definham sem causa aparente. E' então certo que estarão sendo atacadas pelos vermes do solo e do subsolo. Empregue-se nesse caso a vaporite fazendo-se em volta da roseira buracos de uns 30 cents. de profundidade por meio de um bambú ou vara de ferro e deposite-se nesses buracos 30 grs. de vaporite.

Para evitar a praga branca, (que se combate com petróleo, ou água com umas gotas de ácido fénico), aconselham os roseiristas regas preventivas com uma solução de tabaco. Quando as roseiras deixem de florir, experimente-se muda-las para outro sítio e elas florirão de novo, se acaso a sua esterilidade não for devida á velhice.

Uma senhora pode tratar das suas roseiras sem arranhar as mãos nem estragar as unhas: bastará para isso usar luvas de borracha, como as dos cirurgiões, que não alteram o tacto e permitem toda a facilidade de movimento. Quem não puder obter essas luvas, poderá servir-se das suas de pelica, já retiradas do serviço. Somente estas não dão ás mãos a mesma liberdade nem são laváveis como as primeiras. Assim o pretexto de se não tratar de flores para não estragar as mãos é inaceitavel.

Conta-se que a Rainha Victória; passeando um dia pelo seu parque de Windsor, viu a filha mais velha, depois imperatriz da Alemanha, jardinando com luvas completamente novas. A mãe observou-lhe:

— Na tua idade, quando eu fazia jardinagem servia-me de luvas já usadas!

Ao que a filha replicou:

— E' que V. M. não era filha da rainha da Inglaterra!

— Pois quanto mais elevadamente está colocada uma pessoa, maior critério deve demonstrar nos

seus actos, que são quasi sempre tomados como exemplo, replicou a rainha.

Nessa mesma tarde a dama da princeza recebeu ordem de guardar-lhe as luvas velhas para os seus exercicios de jardinagem.

Conselhos do Sr. João Dierberger, floricultor de S. Paulo, sobre a cultura das Roseiras

O LUGAR: o sítio escolhido para a plantação das roseiras deve estar ao abrigo do vento Sul; e do Nordeste, no litoral.

TERRAS: As terras mais apropriadas são as argilo-arenosas, profundas e substanciosas. Terras defeituosas devem ser corrigidas: as muito arenosas e pedregosas com a adição de argila; as demasiadamente argilosas com a mistura de cinzas vegetais e de cal. As terras muito húmidas requerem um saneamento, por meio de uma bôa drenagem. O terreno escolhido deve ser preparado algum tempo antes da plantação, devidamente cavado numa profundidade de 50 a 60 cents. mais ou menos, ajuntando-se-lhe uma bôa quantidade de adubo de curral bem curtido, devendo permanecer assim em descanso antes da plantação, por algumas semanas.

CANTEIROS: Devem ser estreitos, para não serem pisados e facilitarem os dispêndios culturais e a colheita das flores. Neles não devem ser cultivadas outras plantas alem das roseiras, que

precisam estar também afastadas de arvores e de arbustos, visto que as condições essenciais para a sua cultura com proveito são — ar, luz, sol e água.

TRATAMENTO DAS ROSEIRAS RECEM CHEGADAS: Uma vez preparado o terreno, as roseiras podem ser plantadas imediatamente, convindo que o desencaixotamento seja efectuado com muita precaução, afim de impedir qualquer lesão nas plantas.

Caso cheguem secas, será necessário colocá-las em terra fresca, deixando de fóra apenas as extremidades das hastes, e protege-las contra os raios directos do Sol.

PLANTAÇÃO. No clima ameno do Brasil, podem-se plantar roseiras durante todo o ano, para cujo fim cultivo sempre uma grande quantidade das melhores variedades em vasos. A melhor época porém é a de Maio até Setembro, aproveitando-se um dia encoberto e ameaçador de chuva. Antes da plantação convem mergulhar as raízes numa mistura de argila, estrume decomposto e água. Por ocasião do plantio das roseiras, elas não devem permanecer expostas ao sol, convindo cobri-las com um pano húmido.

No fundo das covas, que devem ser de tamanho em proporção com a força da planta, coloca-se uma camada de estrume bem decomposto e curtido, e uma camada de terra boa. Uma vez preparado assim o lugar, é colocada a roseira, depois de se ha-

ver cortado todas as partes mortas ou danificadas das raízes, com o fim de impedir qualquer putrefacção, da qual resultaria a morte da planta. Recomenda-se de dar á roseira uma direcção bem vertical, segurando-a levemente ao deitar-se a terra na cova, afim de que os interstícios entre as raízes, as quais não se devem tocar mutuamente, estejam cheios de terra. A terra amontoada na superfície deverá ser apertada com as mãos. Depois dá-se uma bôa rega e completa-se a terra faltante da cova, conservando-se sempre um pequeno declive ao redor do pé da roseira para retêr facilmente as águas. Quando bem plantadas, as roseiras baixas devem ter a parte inferior das suas hastes enterrada 3 a 5 cm.; as roseiras de pé alto devem ser plantada na mesma profundidade que antes, isto é, 20 a 25 cm.

DISTANCIA: E' variavel a distância que se dá ás roseiras. Em geral bastam 50 a 60 cm. para roseiras baixas, e quando se trata da formação de grupos inteiros, esta distância pode reduzir-se a 30 — 40 para as variedades fracas, e 40 — 50 para as vigorosas; quanto ás plantas de pé alto, 50 cm. seria o mínimo, convindo porém distância-las 0,80 cm. a 1 metro.

ADUBOS: O melhor adubo para roseiras é o de curral. Emprega-se o estrume do gado vacum para terras mais leves, e o estrume do gado cava-

lar, para terras compactas. Nunca se deve dar estrume fresco, e jámais devem as raízes estar em immediato contacto com o mesmo. Muito bom resultado é igualmente obtido, dando ás roseiras regas com estrume de aves, diluindo 1 kg. em 2 litros de água quente, juntando depois agua fria até completar uma lata de querozene. Roseiras recém plantadas, não carecem de adubação.

DA REGA: Todas as novas plantações de roseiras precisam de um tratamento cuidadoso, não devendo nunca faltar a água, principalmente nos primeiros 15 dias. Mais tarde applicam-se as regas segundo as exigências climatologicas. Melhor é ministrar as regas em numero menor, mas sempre copiosamente. Uma rega com estrume liquido de 15 em 15 dias dará optimos resultados na época do crescimento mais activo e depois da primeira florescência.

PÓDA: Na ocasião da plantação corte-se todas as partes sêcas ou estragadas. No decurso de um ano, a póda estende-se:

1.º) Sobre as hastes mortas, estragadas ou fracas demais, sobre as que tomam uma direcção adversa, impedindo ar, sol e luz, e que dificultam o recto crescimento das outras hastes. Todas elas devem ser cortadas no acto de serem observadas, independente da estação do ano.

2.º) Sobre todas as hastes que já floresce-

ram, cortando-as acima de um olho (borbulho) bom, para obter novas flores.

3.º) Sobre a formação geral do sistema ramal, chamado «corôa». Tal póda é praticada principalmente no mês de Julho. E' mister porém saber que a póda deve ser efectuada de tal modo, que o último olho seja situado para fóra, salvo a necessidade de se fechar um claro na corôa; neste caso o ultimo olho tomará a direcção para o interior. Como ha roseiras de variavel vigor, tambem varia a póda; por exemplo:

Para as roseiras vigorosas: a 6 — 8, e excepcionalmente até 12 olhos.

Para as roseiras de vigor ordinário: 4 a 6 olhos.

Para as roseiras de crescimento fraco: 4 olhos.

Para trepadeiras, sarmentosas e roseiras-chorão não haverá póda durante o primeiro ano; no segundo porém deverão ser podadas a 2 a 3 olhos, para emitirem novas hastes compridas e vigorosas. Depois limite-se a póda ás partes sêcas e ás hastes fracas ou supérfluas.

CUIDADOS CULTURAIS: *Nunca esquecer de cortar os rebentos*, que saem do pé da roseira, os quais se alimentam á custa da planta e que, por isso, são chamadas «ladrões» (ou cavalos).

Combater os pulgões, (verdes e pretos) seringando a planta com uma mistura de 1 litro de extracto de folhas de fumo e 15 litros de água; ou

com uma solução de 1 colher de creolina deitada numa lata de água, acrescida de um pouco de sabão preto. Esta mistura se agita até formar-se um líquido espumoso. A solução é aplicada de tarde por meio de um pulverizador, lavando as roseiras assim tratadas ao amanhecer, por uma rega ou pulverização com água pura.

Combater as doenças criptogâmicas, tais como o «branco de roseira» (ou mildew) «praga», a «ferugem» e outras. É de primeira importância o queimar todas as folhas e hastes doentes ou mortas. Depois dá-se uma pulverização com enxofre (flôr de enxofre; enxofre pulverizado), que é ministrada num dia claro e quente, pela manhã, quando as folhas ainda humedecidas pelo orvalho. Mas este remédio é especialmente eficaz, quando é aplicado preventivamente na Primavera, antes e depois da florescência. Se a planta já estiver atacada, repetir-se-ha este tratamento 2 ou 3 vezes, com intervalos de 15 dias, ou menos, caso a chuva tiver lavado as folhas. O «branco de roseira» é também eficazmente combatido por uma pulverização — durante o dia — com uma solução de 25 gr. de sulfureto de potassium em 10 litros de água».

Salpiglossis híbrida. Flores grandes, estriadas de diferentes côres. A melhor variedade? — *Superbissima*.. — Semeie-se na Primavera, em terra quente. Limpar, mas não regar.

Saudades (Escabiosas). Quem as não tem na sua vida? E assim quem as deixará de cultivar também no seu jardim? Semear na Primavera. Ha muitas variedades.

Sédum. Planta gorda de que ha boas variedades, quasi todas vivazes e rústicas, de diversos tamanhos. Dão-se bem nos lugares secos e batidos de sol. Divisão por tufos ou multiplicação por galho durante a Primavera. Os *Sedum Spectábile*; *Maximum*; *Maximowiczii*, atingem a 60 e 80 cents. de altura, teem folhas largas e terminam as suas hastes em ramos lilazes no primeiro e amarelos nos dois últimos.

Sédum Sieboldii, rajado, de ramos pendentes, bons para ornamentar os vasos suspensos; os *Sédum* anões magníficos para a formação de tapetes e bordaduras; o cerúleo, de floresinhas azuis; o Sarméntoso, etc., todos aproveitaveis.

Silene. Entre meia dúzia de variedades, merece particular menção, para guarnições de canteiros, a espécie de *Silene*-pêndula, anã, de flores vermelhas ou brancas, ou róseas, simples ou dobradas. Semear-se em Março.

Statice. Plantas vivazes e rústicas. Seus pendões florais empregam-se em bouquets frescos ou secos. Prosperam á sombra. *Statice Arméria* é entre muitas outras variedades uma das mais aprecia-

das pelo seu porte e as suas flores róseas ou brancas. Bôas para os lugares secos.

Tabaco. Branco, odorífero, de hastes numerosas que se cobrem de flores tubulares, brancas, que se abrem á noite. Raça recente e que não tem afinidade com as outras variedades de Tabaco.

O Tabaco, *Nicotina tabacum*, de Tabago, ilha onde os espanhóes o acharam pela primeira vez, é originário da América. Foi dedicada esta planta a Jean Nicot, embaixador da França junto á côrte de Portugal, o qual, ao voltar á França em 1560, presenteou com alguns grãos de tabaco numa caixinha de rapé, a Catarina de Médicis. A rainha interessou-se pela planta, que tendo alcançado notoriedade, recebeu o nome de Erva da Rainha. O núncio do Papa em Portugal, Santa Croce, que a levou também para a Itália, baptizou-a com a designação de — Erva Santa. Teve depois sucessivamente vários outros nomes.

Em 1520 foi introduzido o Tabaco em Portugal pelo Dr. Hernandez de Toledo; na Itália por Tornabon e o Cardeal Santa Croce; na Inglaterra pelo capitão Drake e em França, (1554) pelo monge André Thevet.

Mas foi João Nicot, quem a tornou popular. Plantou-se o seu primeiro pé em Narbonne, em 1560.

Na América do Sul, onde esta planta foi encontrada, os indíginas mascavam-lhe as folhas, ou redu-

ziam-nas a pó, de que também faziam uso. Na região da América do Norte, compreendida entre o Istmo de Panamá e o Canadá, era geral o uso de fumar. Os túmulos dos Aztéques no México continham cachimbos maravilhosamente bem trabalhados. Os Índios, para fumar, colocavam algumas folhas de tabaco em um tubo, acendiam-nas e aspiravam o fumo com o auxilio de outros dois tubos que eles introduziam nas narinas. Entre os Peles Vermelhas, nas ocasiões solenes, os chefes das tribus reuniam-se e sentavam-se em silêncio. O principal deles levava á boca o caximbo, lançava uma baforada para o ar, uma outra para o chão, depois outras para os quatro pontos cardeais, para render homenagem ao grande Espirito. Passava o precioso instrumento de mão em mão, e só depois disso feito, é que deliberavam sobre o caso que os interessava.

Os índios do alto Perú teem um respeito religioso pelo Tabaco, a que consagram um dia de festa em cada ano. Por 1619 achou-se tabaco cultivado na Asia. Pensou-se que ele pudesse ter ali sido introduzido pelos Europeus e ainda esta questão não está resolvida; tanto mais que entre esculturas antiquíssimas acharam-se cachimbos muito semelhantes aos que servem ainda hoje em dia (*). Na Turquia, na Persia fazem penetrar vapores de Tabaco numa água carregada de princípios aromáticos, principalmente na água de rosas.

(*) L'origine des plantes cultivees. D. Candolle.

O Tabaco teve e tem ainda seus detractores bem como os seus panegeristas. Na Inglaterra, Jaques I ameaçou com a força todos os fumantes, mas teve de renunciar a essa medida, que despovoaria o seu reino. Miguel Federowitch, czar da Russia, vendo a sua cidade incendiada pela imprudência de um fumante, proibiu o uso do tabaco, sob pena de bastonadas ou decapitação.

O Papa Urbano VII em 1624, ameaçou os fumantes de excomunhão. Em França, a Faculdade de Medicina levantou-se contra o emprego do tabaco, conquanto muitos dos seus lentes tomassem rapé; Richelieu não o proibiu, fez mais, impoz o seu uso, creando com isso grandes recursos para o Estado. O Tabaco é um excitante do cérebro; o paladar e o olfacto sentem-se como que lisongeados pelo seu fumo e o olhar gosta de lhe seguir as espirais azuladas. O seu abuso pode ocasionar perturbações em certos órgãos. Diz-se que o rapé enfraquecia a memória e basta citar o exemplo de Napoleão I, que fazia grande uso do rapé, para refutar uma tal accusação. Os marinheiros mascam tabaco, protegendo-se no mar contra o escorbuto. O tabaco é usado na horticultura como insectisida de energica actividade. Empregam-no sob a fórmula de um liquido chamado nicotina, que os cultivadores de Tabaco vendem barato e que pesa cerca de 12.^o Baumé. Para utiliza-lo em lavagens e seringações para destruir pulgões, adiciona-se á água na proporção de um litro de calda para 10 litros de água ou mais, con-

forme a delicadeza das plantas a tratar. Querendo empregar a Nicotina sob forma de vapor, empregam-se vaporizadores especiais ou atira-se um ferro em brasa numa vasilha de boca larga que contenha a calda de Tabaco. Emprega-se também na horticultura como adubo, queimando-se para isso os resíduos da fabricação, folhas secas e papeis impegados do suco de tabaco. Por muito tempo esta planta foi considerada sobretudo como substância medicinal. Ela entra ainda hoje na composição do Bálsamo Tranquilo; seu extracto é algumas vezes empregado na paralisia, e em casos de asfixia — sobretudo nos afogados.

Tagete signata pumila. Planta anã de tufos compactos que se cobrem no verão de pequenas flores côr de ouro. *Tagete cravo da India.* (Cravo de defunto) muito produtiva e *Tagete rosa da India,* mais alta e menos densa que a precedente. E' uma planta brilhante.

Thalaspis. Roixo, branco e verde. Na Europa florescem em pleno verão, devem convir ao Brasil. Multiplicação por sementeira e por galho.

Trigridia. Planta bulbosa quasi rústica, de grandes e belas flores efêmeras.

Tritoma. Plantas vivazes, de folhagem arqueada e grandes espigas de cerca de 1 metro, compactas, de flores cor de oiro. As principais variedades

são : *Uvária grandiflora*; *nobilis*; *coralina*; *Mac-Owani* (anã).

Túlipas. Entramos num capítulo agora em que devemos parar um pouco.

Não nos contentemos com o saber que a Túlipa é uma planta bulbosa rústica, de grandes flores simples ou dobradas e de coloridos excessivamente variados. Ela ocupou na história da civilização do mundo um lugar de muito destaque para que passemos por ela com indiferença. No Brasil ainda não a cultivamos, mas cultivá-la hemos quando a isso nos dispuzermos, em Friburgo ou em Petrópolis, em S. Paulo ou em Barbacena. E' uma questão de resolução e de lembrança. Outrora a cultura das Túlipas apaixonou os amadores do Norte da Europa até á idolatria. O número das suas variedades ultrapassava mil e quinhentas e o preço de algumas delas atingia somas fabulosas. Muitos cérebros arderam na ânsia de criar a Túlipa azul, cálice celeste com que esperavam saudar a glória ou a fortuna; mas a grande flor veludosa concentrou-se nos tons do oiro, do vermelho, do castanho, e do «rosso antigo», em desdobramentos de gradações maravilhosamente ricas, e não cedeu ao capricho da vontade humana, aliás tão poderosa. Faz-se a sua cultura como a dos Jacintos, sendo o mesmo o processo da sua multiplicação. Conquanto os seus bolbos possam ficar enterrados durante muito tempo, quando o solo seja são, é preferível retirá-los quando as folhas secam.

Tremoços de cheiro. (Lupinus). Flores bonitas, perfumadas, em cachos. Multiplicação por semente.

Verbena. (Jurujuba), planta rasteira de abundante floração e variados matizes. Forma tapetes admiráveis. Produz de semente, tão bem como de galho, e serve não só para bordaduras e tapetes de canteiros, como para a ornamentação de jardineiras e de suspensões. E' notavel a variedade de verbenas híbridas, figurando como das melhores a *Atrocærulea oculata*, de um azul violáceo, com olho branco e a de *flor de auricula*.

Lenda :

Os antigos acreditavam que a cinza desta planta misturada com vinho reconciliava os inimigos. Os romanos compunham com ela a água lustral com que espargiam o altar de Venus. Os arautos das armas, que iam propor a paz ao inimigo levavam na mão um ramo de Verbena. As druidesas (vestais) arrojavam as hastes dessa planta ao fogo para purificá-lo antes do sacrificio. Os amantes felizes se adornavam de Mirto e de Verbena e os bardos se coroaavam com ela para sentirem aumentada a sua inspiração. Em algumas regiões da Alemanha ainda se adornam com Verbena os recém-casados para se garantirem contra malefícios. Atribuem-lhe poderes de encantamento. Mais uma razão para que a Verbena seja indispensavel num jardim...

Violetas. Plantem-se em Janeiro e Fevereiro as Violetas em terra leve constituída em parte por terra vegetal e em parte por terra natural; adube-se abundantemente com adubo de curral bem curtido, conservando-se sempre a terra muito fôfa, em local livre de arborização e exposto ao sol da manhã. Retirem-se os rebentos das plantas, para que estas possam ter mais força no periodo da florescência. Passada esta época deixe-se a planta criar novas folhas para a nova plantação, em que se despresarão os pés do ano anterior.

Nos dias de grande calor convem regar as Violetas á tarde, evitando grande abundância de água mas procurando conservar-lhes a terra sempre fresca.

A violeta é de todas as flores a que maior preferências desfruta em toda a parte pela sua singeleza, e a sua elegância aristocrática. Nela fica evidenciado o poder dominador das cousas misteriosas, porque ninguém poderá dizer em que consiste o prodigioso prestigio desta florinha rasteira, de côr uniforme e forma vulgar. No Brasil não sabemos se existe algum amador que se dedique á cultura exclusiva das Violetas; se houver, a esse recomendamos o livro de A. Millet, floricultor francês, que, seguindo as tradições paternas, dedicou toda a sua atenção á cultura exclusiva das violetas, a que deveu, como os seus antepassados deveram, todo o conforto da sua vida. Sendo, a Violeta, por todas as suas qualidades excepcionais, considerada no comércio como uma das flores mais rendosas, ela merece

tambem por esta circunstância ser tratada entre nós com carinho muito especial. Uma das razões de ter tomado um rápido desenvolvimento em França o comércio desta flor, foi a preferência que por ela tinha Napoleão. Os nossos estadistas, grandes ou pequenos, com receio talvez de parecerem pueris, ainda não manifestaram entusiasmo por flor alguma que me conste. Entretanto Júpiter, que parece ter gozado de extraordinário prestígio no seu tempo, mostrou-se delicado, quando, uma vez, visitando a ninfa Ionia dela recebeu, como dádiva sublime, uma simples Violeta... Os atenienses tinham uma verdadeira veneração por esta flor, símbolo, da modestia, e com ela se coroavam nos festins para se livrarem da embriaguês. Os celtas enfeitavam com Violetas as virgens mortas, costume ainda conservado em certos pontos da Alemanha.

Pondo de parte lendas e fantasias, para falar somente na linguagem prática dos nossos dias utilitários, recomendamos á mulher, sobretudo ás meninas que dispõem quasi sempre de horas vagas, o cultivo desta flor atraente e estimada. É um bom elemento de distracção e um magnífico pretexto para tomarem todas as manhãs, durante alguns minutos, um fortificante banho de sol...

A Violeta não exige terras profundas nem tratos difíceis; não tem espinhos que agriçam nem hastes duras que resistam á pressão da tesoura; toda ela, flor e planta tem maciez e humildade, e por isso é apropriada ao contacto das mãos femininas.

Por que não haver algumas que se dediquem á sua cultura? Foi para animar tais resoluções que foi escrito este livro.

A respeito das Violetas tem-se escrito vários trabalhos interessantes em prosa e em verso. Por muitos séculos esta flor sugestiva gozou as delícias da solidão. Em 1554 foi publicada na Holanda uma descrição em latim e em grego, por um sábio, Rembert Dodone, sobre várias plantas, entre as quais já aparece citada a Violeta, tanto a simples como a dobrada, com as suas múltiplas serventias, quer como adorno nos jardins, quer como utilidade na medicina contra as inflamações, quer na perfumaria, quer na tinturaria. Citando afirmações de Galeno, Plínio e Dióscóres, sobre as qualidades excepcionais desta florinha rasteira, Rembert procurou atrair para ela a atenção e a simpatia dos seus leitores. Depois dele quantos e quantos autores, com autoridade ou sem ela, teem escrito em seu favor! Se bem que flor de luxo, a Violeta não se nega a prestar o seu auxilio aos boticários para os seus xaropes, aos confeiteiros para os seus *bon-bons*, e até as cosinheiras para as suas saladas, visto que na Europa ha profanos que salpicam com violetas as alfices e as beterrabas dos seus jantares.

E o sistema não é de agora; vem dos tempos antigos, descritos por Guentinye, (*) que se entreteve

(*) (1690—1790).

a escrever sobre a beleza e o uso das Violetas em França.

O comércio desta flor data do começo do século XVIII. Hoje ele representa na Europa, sobretudo em França, alguns milhões (**). Não ha espaço aqui para relatar-lhe toda a história; reproduzimos apenas alguns apontamentos que de algum modo possam demonstrar a sua importância.

Em 1881, um Sr. Paillet lançou ao comércio a *Viola odorata-rubra*, magnifica violetinha vermelho vivo, ás vezes mesmo côr de rosa, de perfume delicioso. O seu único defeito, diz Millet, é a de não florir no Outono mas na Primavera, época de abundância de côres e de aromas. Não me lembro de ter visto esta variedade no Brasil, onde aliás também não se cultivam ainda algumas que figuram apontadas como das melhores no livro — *Les Violettes*, e que são: *Viola odorata*; *Violette en arbre*; *Mignonette*; *Le Czar*; *Gloire de Bourg la Reine*; *L'Inepuisable*; *Parme Blanche*; *Comte de Brazza*; *Princesse de Galles*; *La France*; *Viola cuculata striata*; *Raw'son White*; *Amiral Auclan*; *Explorateur*; *Dibowsky*; *Parme Rose*, *Madame Millet*; *Viola cuculata grandiflora*; *Viola cuculata alba*; *Violette de Parme de Toulouse*; *Luxonne*; *Armandine Millet*; *Viola Pubescens* (côr de oiro), etc.

Como na Europa se guarnecem ás vezes as alamedas dos bosques com Violetas, Millet indica a ma-

(**) Après 1795 le commerce des violettes ne représentait pas comme aujourd'hui des millions. (A. Millet *Les Violettes*).

neira de se fazerem essas guarnições em faixas de uns quarenta centímetros de largura para dois renques de pés, sendo a distância entre eles de uns trinta centímetros. Para os proprietários de jardins pequeninos, alvitra a plantação de Violetas como orla de canteiros a espaços de quinze a vinte centímetros, para que a folhagem figure como uma bordadura — sem interrupção. Ao se plantarem as Violetas, deve ter-se o cuidado de se fazerem as divisões das soqueiras, para que as mudas sejam leves; as muito espessas produzem mal. As variedades que o autor mais recomenda para os jardins são: — *Czar*; *Quatro Estações*; *Azul*; *Welsiana*; *Victória*; *Luxonne* e *Inepiusable* (produção de Outono) e *Amiral Anellan*; *Viola odorata*; *Bleu Fontenoy*; *Rawson White*; *Viola à fleurs tigrées or* (produção de Primavera). Como dobradas, recomenda apenas duas variedades: — *Double bleu* e *Blanche double de Chevreuse*.

Creio que até hoje no Brasil ninguém se lembrou ainda de reunir no seu jardim tantas variedades desta flor, e que mesmo os profissionais, que a cultivam para os fins comerciais, não a estudaram ainda com grande dedicação. A própria Violeta de Parma (que requer terra um tanto arenosa e delicada), tem sido esquecida pelos jardineiros e já pouco aparece nos mercados principais. Por que?

Ainda uma informação de Millet:

Como todos os vegetais, as violetas tem os seus inimigos naturais e intempestivos. Para os pulgões aérios, que lhe atacam as folhas e as flores, o reme-

dio mais aconselhado é o tabaco, ou em irrigações ou em polvilhações. Ha uma outra espécie de pulgão que ataca as raízes e o corpo das plantas, este é escuro e mais voraz, que o precedente, bem como a aranhazinha vermelha, muito conhecida dos jardineiros. Contra estas pragas use-se o enxofre em pó fino e lavagens com calda bordaleza.

Zínias. Grande recurso dos jardins no verão. De facilíma cultura, esta planta oferece no brilho e nas cores variadissimas das suas flores um elemento de opulencia para o aspecto dos jardins. As simples não teem nenhum interesse, mas as dobradas são dignas de figurar nos lugares de maior luxo. Cortadas conservam a sua alegria e frescura por muito tempo.

Tuberosas. Chamam-se plantas tuberosas as que teem tubérculo ou bolbo. Bolbo é uma dilatação que o talo de certas plantas apresenta abaixo do colo, de onde se emitem as suas raízes, ou antes, o bolbo é uma raiz carnuda, tumefacta, persistente e que varia de nome segundo a sua formação. 1.º Chama-se — bolbo — quando tem o feitio mais ou menos globular, um só broto central e é revestida por uma pele fina, como no caso dos Gladiolos (Palma de Santa Rita); ou quando é formada de folíolos mais ou menos bem sobrepostos, como no dos Lírios (Açucenas), etc. 2.º Chama-se — tubérculo — quando é formado interiormente por um tecido uniforme e tem sobre a periferia um ou mais grelos,

como as batatas, as dalias, etc.; 3.^o chama-se rízoma quando é alongada, simples ou ramificada e por vezes cobertas de pequeninas escamas, ou excrescências. O bolbo constitue a parte essencial, isto é o bolbo constitue toda a planta, porque dele saem raízes, folhas e flores que mesmo depois de murchas não o estiolam, porque ele fica apenas em estado de repouso até entrar de novo em vegetação. O período desse descanso dura ás vezes meses, permitindo que os jardineiros o desenterrem para o conservar em seco durante esse lapso de tempo. Esta operação convem ás espécies que não são rústicas; quanto ás outras podem ficar enterradas sem prejuizo até durante anos. Embora se possam multiplicar muitas destas plantas por sementes, recorre-se quasi sempre á separação dos pequeninos bolbos adherentes ao bolbo grande, porque esse processo é muito mais expedito; assim como aos folíolos do Iris ou Liliun. Estas plantas, principalmente as que são francamente bolbosas, teem um modo de vegetação especial que precisa ser mencionado. A Familia dos Liliuns é variada em espécies, mas muitas destas são delicadas e não se conservam bem quando enterradas, mesmo que o sejam em vaso; outras porém são de fácil cultura. Todas requerem terra ligeira, sã e temem humidades estagnantes. O Liliun branco (*) (Açucena) é um dos mais rústi-

(*) No Brasil ele floresce abundantemente mesmo sem transplantação.

cos, mas os seus bolbos, quando desenterrados não se devem conservar a seco, mas cobertos com um punhado de areia. Estes também se multiplicam por uns tumores ou bolbos pequeninos, que nascem unidos á haste.

Variedades mais distintas: *Lirio dos Pirineus*, amarelo, haste forte, bolbo gordo; *Vermelho de Florença*; *Lirio de folhas lanceoladas*, de tres a dez flores em cada longo pedúnculo e vários matizes; *Lirio tigrado*, duas a seis flores grandes, escarlate alaranjado, pontilhadas de negro, pétalas estreitas e retorcidas, haste coberta de bolbinhos; variedade dobrada, de flor esplendida. *Lirio Dourado do Japão*, tres a dez flores, grandes, brancas, pontilhadas de castanho com dedadas amarelas em cada pétala, bolbo grande e um dos mais estimados para a cultura em vaso.

Iris. Plantas mais ou menos rústicas, de flores grandes, fórmãs singulares e matizes variados. Dão-se bem nas terras leves sãs e lugares de bôa exposição ao sol. Ha duas espécies de *Iris*; uma de rízoma, outra bolbosa. Mencionam-se, entre os mais belos: *Iris Germânica*, de grandes rízomas, folhas longas e flores formosas, em hastes de uns oitenta cents. e cujas côres variam do branco ao rosa, amarelo, lilás e violeta, raiados ou não. *Alba*; *Aurea*; *Condessa de Courcy*; *Dorotea*; *Florentina*; *Libéria*, etc.

O *Iris de Florença*, de cujas raízes se faz um pó para perfumar a roupa e que é produzido por outra variedade chamada *Clio*; *Iris anão*; *Iris do Japão*, de flores azuis, brancas e lillases e que requerem lugares frescos e húmidos; e muitos outros.

Num pequeno livro que não se propõe a ser outra cousa mais do que um acorçoador para a prática da jardinagem fácil, menos guia do que propagandista, não é possível mencionar um tão grande número de flores, quanto fosse preciso para satisfazer todas as curiosidades. Sabemos que em cada espécie de plantas de jardim ha cada vez maior número de variedades, visto que os floricultores modernos são infatigaveis na criação de exemplares novos originados por cruzamentos, por fecundação do polen, enxertia, etc.

Na familia das — Tuberosas — haveria assunto para um grosso volume. São flores cantadas e amadas desde a Biblia: — os Nardos (Angélicas), as Palmas de Santa Rita (gladiolos); e S. José, (líliuns) os Narcisos, embalsamadores; os vistosos Agapan-tos; os Amarilis (Bela Dona) de espécies numerosas, planta forte, de flores em bouquets; os caládiuns, que em parte alguma são cultivados tão bem como no Rio, — e tantíssimas outras. Entre estas, figura uma que merece menção, pela sua história: o Jacinto do Oriente, linda flor bolbosa, que tanto pode ser cultivada em terra plena como em vasos. São numerosas as suas variedades, quer singelas quer dobradas. Se bem que o Oriente seja

o seu país, esta flor é principalmente cultivada na Holanda, de que é objecto de imenso orgulho e de um comércio importantissimo. Nos outros países, mesmo europeus, é quasi impossivel obterem-se bolbos tão grandes nem que produzam tão bello cacho de flores. No fim de dois ou tres annos de cultura as flores degeneram, o que não succede na Holanda. O Jacinto quer terra macia, fresca, fértil, leve, sã, e atmosfera húmida. No Brasil só se poderá dar bem nos lugares altos. E' citado neste livro por merecer pela sua beleza e o seu aroma uma propaganda entre nós, onde ha regiões de tão diversos climas, que bem pode alguma delas ser favoravel á sua propagação.

Quem quererá ter a iniciativa de a cultivar? Uma das mais belas cousas que os olhos de quem escreve estas linhas viram, foi um grande campo florido de Jacintos, na Inglaterra.

PLANTAS VOLUVEIS—Trepadeiras.

Estas plantas deveriam ter o cognome de — pieçosas, — são verdadeiras cobre-misérias; amáveis disfarçadoras de aleijões. Qualquer casa feia, se por ella marinhos umas hastes de roseira em flor adquire logo uma expressão de sympathia que a torna distincta. Muros derrocados, pedras lascadas, tábuas carcomidas, quando revestidas pelas trepadeiras não desagradam á vista de ninguem... Ellas trepam por paredes ou varais, agarrando-se ou pelas suas gavi-

nhas, como o Maracujá, o Xuxú, a Vinha; ou pelas suas raízes adventícias, como a Hera; ou pelos seus espinhos, como a Bougainvillea; ou pela extensão flexível dos seus braços longuíssimos, que sabem procurar o apoio de que precisem lançando-se em movimentos espiralados ou surtos fantásticos até grandes alturas, como os cipós nas florestas. E que lindas trepadeiras terão ainda as nossas matas, que não são aproveitadas nos jardins!

A lista a seguir, embora muito resumida, é transcrita de algumas obras de jardinagem que merecem fé.

ANTIGONUM LEPTOPUS. Trepadeira de maravilhoso efeito, a que se dá o nome popular de — Corações entrelaçados. Quando florida dá a impressão de uma nuvem cor de rosa de tal modo é vaporosa. E' muito comum no Rio de Janeiro, principalmente a de flores miudinhas. Multiplicação por alporque, semente e rizoma. A de flor grande, que é mais bela, só se multiplica por semente.

ASPARAGUS RACEMOSUS. Fo'hagem rendada delicadíssima. M. por meio de raízes.

ARISTOLÓQUIAS. (nome popular: Jarrinhas. Cheiro desagradavel. Mudas de raíz.

BEAUMOTIA GRANDI-FLORA. Flores grandes e brancas.

BOUGAINVILLEA. Planta sarmentosa, do Brasil, dedicada ao célebre navegador Bougainville. Ha de vários tons. Opulenta e muito rústica.

CISSUS COCCINEUS. De flores vermelhas; *discolor* de folhas verdes, planta de sombra; *lindenii*: de folhagem colorida; *trifoliatu*s: de cachos rubros; *hidrófora*, que produz tal quantidade de raízes adventícias, longas e pendentes, que dão a impressão, vistas de sob uma latada, de fios de chuva cõr de mel.

EGLANTINA (roseira selvagem). Flores singelas e que teem o prestígio da própria singeleza, não é propriamente trepadeira, mas as suas hastes attingem grande desenvolvimento e bem dirigidas podem guarnecer uma parede, uma cerca, etc.

FICUS REPENS e **FICUS BARBATU**S. O seu nome popular entre nós é *Silvina*. Não ha planta melhor para o revestimento de paredes. Como a Hera tem raízes adventícias.

FLOR DE CERA. Gosta da meia sombra e da humidade. Não se lhe devem tirar as flores porque é pelo seu pedúnculo que a planta florescerá de novo.

GLORIOSA SUPERBA. A que dão em alguns lugares o nome de — Aranhas. Ha de flores vermelhas e de flores amarelas.

GLICÍNIA, (do grego *glukus*, doce), chamada também Wistária por ter sido dedicada ao professor de anatomia Wister, da Pensilvania. Original da China, planta muito vigorosa e esplendente. Em terreno favorável cada pé se adorna ás vezes de seiscentos e mais cachos cor de violeta azulada. No Japão esta trepadeira goza de uma reputação muito amavel, e é muito empregada quer nos jardins quer na literatura. As Glicínias apreciam o terreno fresco, fértil e argiloso. Multiplicação por sementes, raízes, mergulhos e enxerto. Existe uma variedade de flores brancas e outra rósea. No Brasil ha um cipó de cachos cor de rosa bellissimo e muito semelhante á Glicínia. Conquanto a Glicínia seja considerada venenosa, dizem que as crianças em Portugal gostam de chupar-lhe o mel das flores, sem com isso soffrerem nenhuma perturbação na saúde.

HERA. Quem não a estima? E' uma planta tradicional na literatura do mundo e é considerada como símbolo da fidelidade: *Je meurs où je m'attache*; por isso em certos países os noivos costumam trocar umas folhas de Hera entre si, o que não impede que elas sejam ás vezes representadas em esmalte ou em esmeraldas...

Lenda :

Hera — *assim se chamava um jóvem dançarino de Baco. Um dia que ele dançava diante do seu deus, caiu repentinamente morto. Logo da terra surgiu uma planta, que abraçou a Vinha e a enlaçou, do*

mesmo modo porque o donzel abraçava Baco. Esta planta, nascida do sangue moço do mancebo é perpetuamente verde, e corajosa, porque tanto rasteja pelas pedras como sobe ás maiores alturas. No Egito era consagrada a Osiris; na Grécia a Baco. Plínio, acreditava que ela fosse originária da Asia. Alexandre, sentindo-se vitorioso coroou com Hera os seus soldados.

IPOMÉA rubra. Folhagem escura, flores carmezim, botões lustrosos, como que cobertos de verniz. Multiplicação por estacas, no verão.

IPOMÉA azul. Planta de fácil desenvolvimento.

IPOMÉA VASCONCELLII. De flores roixas, multiplicação por semente.

MADRE-SILVA. (*Lonicera*). Comporta dois tipos distintos — a trepadeira e a não trepadeira.

A trepadeira é preciosa, não só pela graça das suas flores brancas e loiras, de fragrancia agradabilissima, como pela abundância da sua folhagem. E' uma flor campesina e de grande poder de atracção e de simpatia. A Madre Silva russa (*Lonicera tartárica*) desabrocha em pequenos arbustos de um verde risonho em flores róseas ou brancas, de aroma delicado.

Uma espécie chinesa (*Lonicera chinensis*) e outra japonesa (*Lonicera confusa japonica*) são notaveis pelas suas flores, que mudam de côr variando do

branco ao amarelo. Outra variedade apreciavel é á rajada. Ha ainda outras de aroma penetrante (*Lonicera fragrantissima*); (*Lonicera standistrei*) que se multiplicam tanto de semente como de galho.

NOLANAS (Campânulas ou Corriolas). De fácil cultura. Trepadeiras floríferas e alegres.

PASSIFLORA KERMESINA. Flor da Paixão, de flores vermelhas; e *Passiflora racemosa*, de flores em pendões, Ha espécies com fructo — o Maracujá.

TOUCAS DE VIUVA. De flores cor de violeta.

PHARBITIS. Ipoméas anuais, de flores variadas

CARACOL (*Phaseolus caracalla*). Flores de forma e côres admiraveis, tendo ainda a prestigia-las um doce aroma um nada semelhante ao das Ervilhas de cheiro. Multiplicação por semente.

PHILODENDRUN. Trepadeiras graciosas, para enfeitar árvores.

PEPER NIGRUM. — Para o mesmo efeito.

POLÍGALA. Muito florífera, cor de violeta.

QUISQUALIS ÍNDICA. Produz pela manhã flores alvissimas, de dia roseas e á tarde rubras. M. por alporque.

RUÉLLIA FORMOSA (Acandtháceas). De flores escarlates, em cujo seio parece ler-se no jogo dos estames e dos pistilos a palavra *Ama*.

STEPHANOTIS (de Madagascar).

Uma das mais lindas plantas trepadeiras. As suas flores em bouquets brancos exalam um aroma delicioso. A folhagem não é abundante mas tem uma côr intensa e bonita. Vem o nome desta planta, que se multiplica por semente, também por estaca, (mas desta ultima forma com menos segurança de êxito), do nome de *Stephanos*, que quer dizer corôa, em grego. E são verdadeiras corôas que ela desenvolve nas suas hastes flexiveis.

SOLANUM. Trepadeira de folhas ásperas e espinhosas, com flores em ramos roixos. Ha também branca. Requer terra fresca. Ha várias espécies de *Solanum*, muito diferentes entre si. Algumas são arbustivas, como a *marginalum*, de folhas dentadas.

Ha a *Solanum robustum*, a *Giganteum*, a *Pseudo-Capsicum*, que se cultiva ordinariamente em vasos e que se cobre no Outono de frutinhas globulares vermelhos; a *Solanum Ovigerum*, de ovos de marfim (Beringela branca); *S. ciliatum macrocarpum*, cujos frutos, parecidos com as tangerinas, são de um vermelho vivo e se conservam na planta mesmo depois dela morta, etc.

TECOMA VENUSTA. (original do México). Flores côr de laranja. Multiplica-se como a da Bougainvillea por meio de alporque ou de galhos com raízes.

THUMBÉRGIA GRANDIFLORA (Acanthácias)
Trepadeira muito robusta, de ramos azuis-violáceos. Multiplicação por alporque.

Não vos esqueçais sobretudo de que na família nobre e vasta das Roseiras ha trepadeiras encantadoras. E ao fechardes este livro, incompleto e modesto, perdoai-lhe o que ele não conseguiu, pelo muito que desejou sugerir de beleza e de alegria ao vosso espirito e á sua terra.

**Resumo dos principais termos mais directamente relacionados com o
assunto deste livro (*)**

ACAULE — planta de haste (caule) tão curta que parece não a ter.

ADVENTICIOS — brotos que nascem acidentalmente, sobre caules, e raízes.

ALTERNOS. — Órgãos da mesma natureza, folhas sobretudo, colocadas regularmente, mas em níveis diferentes, de cada lado da haste.

ALPORQUE — galho mergulhado de uma planta para reprodução.

ANFÍBIAS — plantas que crescem indiferentemente nágua ou em terra húmida.

AMPLEXICAULE — diz-se das folhas que abraçam, mais ou menos, o caule ou os ramos de que nascem.

ANDROCEU, é o conjunto dos estames na flor.

ANUAL — planta que germina, floresce, frutifica e morre dentro de um ano.

(*) Esta lista é reproduzida de uma obra de M. Maxime Cormi—professor do Museu Historia Natural da França, e de M. A. Charguerand professor de arboricultura da cidade de Paris.

ANTERA, parte superior do estame que contém o pólen fecundante.

APÉTALA — chama-se assim á flor privada de corola, como o Amarantho (crista de galo).

ÁFILO — sem folhas.

AQUÁTICA — que vive na água.

AXILAR — que se desenvolve na axilla de uma folha.

BACIFERO — que produz baga.

BACIFORME — que tem forma de baga.

BÍFIDO — separado em dois (como a lingua das serpentes).

BILOBADO — que tem dois lóbulos.

BIS ANUAIS, plantas ás quaes são precisos dois annos para percorrerem todas as fases da sua vegetação.

BOLBO, parte inferior da planta, arredondada ou periforme, em que está constituida toda a vida da sua vegetação. Ha quem dê aos bolbos o nome de batatas — gladiolo, jacinto, etc.

BORBULHA — botão na casca do tronco ou do ramo da planta, de que se desenvolve um ramo novo.

BRACTÉA, cada uma das folhas que cobrem as flores antes de abertas.

CADUCAS, plantas de que caem as folhas em certas estações.

CÁLICE. Envoltório exterior da flor.

CAMPANULADAS — flores em forma de sino.

CANALICULADAS — folhas com um reguinho longitudinal.

CAPÍTULO — Inflorescência em que muitas flores reunidas em um só pedúnculo produzem o efeito de uma única flor.

CARPELA — folha dobrada que constitue o elemento essencial do ovário das plantas.

CARPELO — o mesmo que pistilo.

CAULESCENTE — que tem caule.

CAULÍCOLA — genero de parasitas vegetais que vive na haste de outros vegetais.

CAULIFLORO — diz-se das plantas que tem flores no caule.

— **CERCEAR** — cortar cerce — rente ao chão.

— **CERNE** — o amago das arvores.

— **CERNAR** — cortar até ao cerne.

CORIMBO — Inflorescencia na qual os pedunculos são de comprimento desigual, mas todas as flores ficam mais ou menos no mesmo plano, imitando uma umbela.

CLOROFILA — matéria verde que determina a coloração das folhas.

COROLA — seio da flor, entre o cálice e os estames.

COTILÉDONS — folhas preexistentes nos grãos antes da germinação.

CRIPTOGAMAS, todos os vegetais cujos grãos são desprovidos de cotilédons.

DICOTILEDÓNEA — planta de que o embrião é munido de dois cotilédons, (feijão, girasol, etc.).

EFÊMERA — planta que dura pouco.

EMBRIÃO — germen da planta contido na semente.

ENXERTIA — operação para propagação das flores.

EPIFÍLIO — plantas cujas flores nascem nas folhas.

EPIFITO — parasitas sobre vegetais.

ESTAMES — órgãos masculinos dos vegetais.

ESTIOLAMENTO — enfraquecimento de uma planta, descolorida por falta de sol.

ESTÍPULA — apêndice foliáceo ou escamoforme do caule.

FERRUGEM — doença que ataca as plantas.

GAMOPÉTALO — diz-se das flores que tem as pétalas soldadas entre si.

GAMOSÉPALO ou **MONOSÉPALO**. — Diz-se das flores que tem as sépalas soldadas entre si.

GINECEU — Conjunto dos pistilos, ou dos órgãos femininos de uma flôr.

HERMAFRODITA — Planta de que as flores contem os dois sexos. — (Pistilos e Estames). Ex.: — Rosa, Cravo, Goivo.

HETERÓFILO — que tem as folhas de formas diferentes.

HUMÍFERO — Que contem humus ou terra vegetal.

HÍBRIDO. — Chama-se assim ao vegetal nascido do cruzamento de duas espécies diferentes.

HIPOCRATERIFORME. — Flôr em forma de taça.

INFLORESCENCIA — reunião de flores, disposição dos seus pedúnculos.

INFUNDIBULIFORME — planta em forma de funil.

LABELADO — com feítio de labro,, concha uni-valve.

LANCEOLADO. — Em forma de lança.

LATEX. — Suco leitoso que circula em algumas plantas.

Algumas vezes ele é branco, como nas *Eufórbias*; outras vezes vermelho, como na *Sanguinária*, ou verde como na *Pervinca*; ou amarelo, como na *Celidónia*.

LÍGULA. — Estípula membranosa das folhas das gramíneas.

LIGULIFORME — que tem a forma da lígula.

LIGULADO — que tem lígulas.

MACRÓFILO — plantas com folhas de grandes dimensões.

MERGULHO — o mesmo que alporque.

MONADELFOS — que tem os estames reunidos em um só fascículo.

MONOCARPO — que tem um só fruto.

MONOICO — que tem no mesmo pé flores feminimas e masculinas, mas separadas.

MONOPÉTALO — com uma só pétala.

MONÓFILO — com uma só folha.

MULTIFLORA — com muitas flores.

NOCTURNAS diz-se das flores que abrem de noite e das que só á noite teem perfume.

NERVURAS fibras salientes da superficie das folhas.

OVÁRIO — Parte em que são contidos os óvulos, depois sementes.

PANÍCULA — inflorescência em forma de pinha.

PERENES — plantas que duram muitos anos.

PEDÚNCULO — haste de uma flor ou de um conjunto de flores.

PECÍOLO — pé da folha.

PERIANTO — o invólucro do órgão sexual das flores.

PERICARPO — conjunto dos invólucros dos grãos de uma planta.

PERISPERMA — invólucro da semente das plantas.

PÉTALA — parte da flor que constitue a corola.

PETALIFORME — que tem a forma de pétala.

PETALINO — que tem relação com a pétala ou a sua natureza.

FANEROGÂMICAS — plantas que teem os órgãos sexuais aparentes.

FILODE — pecíolo cuja extremidade não chega a desenvolver-se em limbo, ficando a folha incompleta.

PISTILO — órgão fêmeo da flor.

PIVOTANTE — raiz que mergulha perpendicularmente no solo.

POLEN — pó fecundante, quasi sempre dourado, das flores.

POLISPERME — com muitos grãos.

RAMA — o conjunto da folhagem de uma planta.

RAMADA; reunião de ramas latada.

RAMALHETE — conjunto de flores reunidas pelos pés. O mesmo que pequeno ramo.

RAMUDO — que tem muita rama.

RAMÚSCULO — ramo pequenino.

RIZOMA — haste subterranea ou deitada no sub solo, de que nascem brotos.

RÚSTICAS — plantas que resistem ás intempéries.

SÉPALAS — peças do cálice.

SERÓDIO — tardio. Que vem no fim da estação.

SÉSSIL — que não tem pedúnculo ou suporte.

SESSIFLOR — que tem flores séseis.

SESSIFOLIADO — que tem folhas séseis.

TIRSO — panícula ovada e cónica.

TIRSOSO — que tem flores dispostas á maneira de tirso.

TUBÉRCULO — veja-se bolbo.

TURIÃO — rebento subterraneo, que se desenvolve e surge em caule á flor da terra.

VEDRO — sébe que circunda campos de lavoura.

VERSICOLOR — de varias cores.

VERTICILADO — composto de verticilos.

VERTICILLOS — conjunto de duas partes da flor dispostas em volta de um eixo.

VIVAZ — planta erbácea que vive muitos annos.

== **Fim** ==

INDICE

Jardins.	9
O Milagre das Flores	19
Jardinagem	23
Planos.	24
As Estações	28
Surribação:	29
Diversas especies de terra	30
Terra para vasos.. . . .	34
Envasamento e reenvasamento.	34
Como se conhece se a planta tem sêde	37
A Poeira	37
Drenágem.	38
Cultura.	38
Adubos	40
Adubação das Flores	47
O Vento	52
A Agua	52
Ancinhamento	55
O Calor	55
Estufas e abrigos.	57
Caramanchel conservador.. . . .	64
Um bom jardineiro.. . . .	66
O Perigo do tétano.. . . .	68
A Plantação	68
Viveiro.	70
Sementeira.	71

II

Plantas de galho	73
Transplantações.. . . .	75
Alporque.. . . .	76
Mergulho	78
Enxertia	78
Estacas aneladas.	81
Etiquetas	82
Janelas Floridas.. . . .	84
Cêrcas e Sebes	86
Cuidados indispensaveis.	88
Drogas uteis ás Plantas.. . . .	90
Algumas Receitas.	91
Conservação dos miosotis.	96
Higiene das mãos	97
Ornamentações de cimento.	99
Tanques e cascatas.. . . .	99
Flores de Exposição.	100
Matizes de estio.. . . .	101
Plantas permanentes.	102
A Vida das Plantas.. . . .	103
O Perfume	105
Rudimentos de Botanica	107
Especies Diversas	112
Begonias.. . . .	118
Plantas voluveis—Trepadeiras.	177
Resumo dos principais termos mais directamente relacionados com o assunto deste livro.	185

OBRAS DA MESMA AUTORA

<i>Traços e Iluminuras</i>	—	contos
<i>A Família Medeiros</i>	—	romance
<i>Memórias de Marta</i>	—	romance
<i>A Viuva Simões</i>	—	romance
<i>A Falencia</i>	—	romance
<i>Livro das Noivas</i>		
<i>Livro das Donas e Donzelas</i>		
<i>Ansia Eterna</i>	—	contos
<i>A Intrusa</i>	—	romance
<i>Histórias da nossa Terra</i>	—	contos
<i>A Herança</i>	—	comédia
<i>Cruel Amor</i>	—	romance
<i>Teatro</i> (“Quem não perdôa”, “Doidos de amor”, “Nos jardins de Saül”)		1 volume
<i>Eles e Elas</i>		
<i>A Silveirinha</i>	—	romance
<i>Era uma vez...</i>	—	conto
<i>Jornadas no meu País</i>		
<i>A Isca</i> — novelas	—	1 volume
<i>Jardim Florido</i>	—	

DE COLABORAÇÃO

Contos Infantis, com Adelina Lopes Vieira.
A Casa Verde, romance, com Filinto de Almeida.
A Arvore, com Afonso Lopes de Almeida..

EM PREPARO

Os outros.

Maternidade.

Conferencias.



UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA

582.13 AL6J C001

Jardim florido : jardinagem /



3 0112 088482598